

LUIS PAULO VALENTE

LAZER E VIDA URBANA EM PRESIDENTE PRUDENTE-SP

**PRESIDENTE PRUDENTE
2005**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE

Faculdade de Ciências e Tecnologia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LAZER E VIDA URBANA EM PRESIDENTE PRUDENTE-SP

LUIS PAULO VALENTE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, campus de Presidente Prudente, para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Raul Borges Guimarães

**Presidente Prudente
2005**

COMISSÃO EXAMINADORA

Maria Encarnação Beltrão Sposito

Gilmar Mascarnhas de Jesus (UERJ)

Raul Borges Guimarães

Presidente Prudente, 11 de Junho de 2005

Resultado: APROVADO

*Aos meus queridos pais,
Paulo e Maria,
por todo amor,
incentivo e apoio.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Paulo e Maria, meus irmãos, João e Ana, e meu sobrinho, Paulinho. Vocês são maravilhosos!

À Luciana D. do Nascimento, por todo estímulo, apoio e amor desde que a conheci.

Ao professor Raul B. Guimarães, pelo incentivo e confiança durante a orientação deste trabalho, e pela amizade. Valeu Raul!

Aos professores Jayro Gonçalves Mello (é com você que tudo isso começou Mestre!) e Maria Encarnação B. Sposito, pelas preciosas contribuições no Exame de Qualificação e pela atenção que sempre dispensaram a mim.

Aos professores do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da FCT/Unesp, com os quais muito aprendi.

Aos companheiros de turma na Graduação e Pós-graduação. Saudade de muitos de vocês!

Aos funcionários da biblioteca e todos os demais funcionários da FCT/Unesp.

Aos funcionários do Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente, pelo grande apoio e atenção durante a pesquisa nos jornais.

Aos irmãos e amigos com quem compartilhei minha vida nesses últimos tempos e que muito me ajudaram: Fernando, Gelson, Tiago, Nizete, Gabriel, Sergio & Rosângela, Marquinhos, Sérgio (Duasunhas), Zaqueu, Marcelo, Bosco, Elaine, Cloves, Neto, Madureira, Tais, Marina, Botuca... e todos os demais participantes da “Unidos da Melem Isaac”, nossa escola de samba e de vida.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo identificar as formas de lazer presentes ao longo da história da cidade de Presidente Prudente-SP, relacionando-as com o desenvolvimento da vida urbana. A pesquisa foi realizada em periódicos como jornais, revistas e outras publicações locais, além de fotografias que retratam a vida e paisagem urbana da cidade, em diferentes momentos. A relação entre lazer e vida urbana é analisada em três perspectivas. Primeiro, considerando a manifestação do sagrado, do profano e do cívico a partir das festas realizadas na cidade. Segundo, tendo em vista os espaços público e privado e suas inter-relações. Por fim, lazer e vida urbana é abordado em face das transformações na cidade que caracterizam a passagem do predomínio do rural para o urbano. Nos primórdios da cidade, o lazer era ainda aquele relacionado ao modo de vida rural. Mas com o crescimento da cidade, formas de lazer típicas da sociedade urbana passaram a predominar. Essas novas formas de lazer integram o conjunto de valores e práticas sociais que dão sentido e significado à vida urbana.

Palavras-chave: *lazer; vida urbana; festas; espaço público; espaço privado; rural; urbano.*

ABSTRACT

This work aims to identify the leisure practices during the history of the city of Presidente Prudente (Brazil), linking them with the urban life development. The data was found in the newspapers and the magazines, rather than the photographs of different periods. The relationship between leisure and urban life is analysed in three approach. Firstly it is considered manifestations of the sacred and profane and civic in the feast which take place in the city. Secondly it is considered public and private space and their inter-relationship. Finally the leisure and urban life are survey in face of the city changes which are characterized by rural to urban predominating influence. The research demonstrates that at early times, the leisure was still related to rural way of life. But the leisure practices changed with the growth of the town and became closest to the urban way of life.

Key-words: *leisure; urban life; feast; public space; private space; rural; urban.*

SUMÁRIO

Lista de figuras	7
Lista de anexos	7
Introdução	08 12
Capítulo I – Sobre os estudos do lazer e a vida urbana de Presidente Prudente	13
1.1. A teoria do lazer	13
1.1.1. Origem histórica do lazer	14
1.1.2. O lazer na sociedade urbano-industrial	17
1.1.3. Concepções de lazer	21
1.2. A vida urbana de Presidente Prudente	27
Capítulo II – Lazer e vida urbana em Presidente Prudente: entre o sagrado, o profano e o cívico	43
2.1. Festas	44
2.2. As festas religiosas	44
2.3. As festas carnavalescas	51
2.4. As festas cívicas	59
Capítulo III – Entre o público e o privado	63
3.1. O público e o privado	64
3.2. O lazer nos espaços públicos e privados	70
Capítulo IV – Entre o rural e o urbano	99
4.1. O rural e o urbano	100
4.2. O rural, o urbano e o desenvolvimento das formas de lazer	107
Considerações finais	130
Referências bibliográficas	134
Anexos	139

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Planta da cidade de Presidente Prudente (1923)	41
FIGURA 2: Praça Nove de Julho, em 1933, ano de sua inauguração	41
FIGURA 3: Esplanada da Estação (Praça da Bandeira), em 1940	42
FIGURA 4: Rua Nicolau Maffei, em 1940, já pavimentada	42
FIGURA 5: Anúncio da primeira Festa de São Sebastião, em 1926	62
FIGURA 6: Anúncio da saída do corso, no carnaval de 1929	62
FIGURA 7: Parque São Sebastião, em 1929	93
FIGURA 8: Área da Praça Nove de Julho, em 1929	93
FIGURA 9: Jardim Público da Praça Nove de Julho	94
FIGURA 10: <i>Footing</i> na rua Nicolau Maffei	94
FIGURA 11: Vista interna do Cine Teatro Santa Emilia, em 1923	95
FIGURA 12: Anúncio comercial do “Petit Bar”	95
FIGURA 13: Anúncio comercial do “Cine Internacional”	95
FIGURA 14: Prédio do Cine Fênix, em 1937.....	96
FIGURA 15: Prédio do Cine João Gomes, em 1936	96
FIGURA 16: Prédio do Cine Presidente, em 1953.....	97
FIGURA 17: Vista interna do Cine Presidente	97
FIGURA 18: Salão do Bosque Municipal	98
FIGURA 19: Grêmio Progresso Japonês	98

LISTA DE ANEXOS

CARTOGRAMA 1	140
CARTOGRAMA 2	141
CARTOGRAMA 3	142
MATERIAL PESQUISA (CD-R)	143

INTRODUÇÃO

Introdução

A identificação com o tema do presente estudo teve início ainda durante o curso de graduação em Geografia na FCT/Unesp, quando na condição de bolsista de Iniciação Científica, entre os anos de 1998 e 2000, participava do projeto de pesquisa *O Tênis Clube de Presidente Prudente e seu papel na história da cidade*, sob a coordenação do professor Dr. Jayro Gonçalves Melo, no âmbito do GASPERR (Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais). Durante essa pesquisa trabalhamos com diversos documentos, principalmente jornais e atas do clube, na busca de dados e informações sobre a história do Tênis Clube de Presidente Prudente, uma instituição de lazer fundada em 1934.

Se, por um lado, os documentos pesquisados permitiram conceber uma história possível para essa instituição¹, por outro revelaram-nos uma dimensão significativa da vida social da cidade, qual seja, aquela na qual indivíduos procuram suprir suas necessidades de lazer e sociabilidade. Foi a partir daí que surgiu o nosso interesse em pesquisar sobre a vivência do lazer em Presidente Prudente, no contexto do desenvolvimento da vida urbana da cidade.

Nesse sentido, algumas questões serviram de base para a formulação de nossa proposta de pesquisa. Sendo o lazer uma prática social expressiva na cidade, qual a sua relação com o desenvolvimento da vida urbana? Qual o papel do lazer na definição de um modo de vida urbano que, por sua vez, implica na afirmação de um novo sistema de valores e práticas sociais. Essas foram nossas indagações iniciais.

Mas essas questões podem ser consideradas para um entendimento mais amplo do lazer na sociedade contemporânea, de vez que há uma estreita vinculação entre as formas de lazer atuais e a cultura mais ampla, vivida e produzida nas cidades. Aliás, é com base nessa relação que muitos

¹ Essa pesquisa resultou no livro *Tenis Clube de Presidente Prudente: sua história de 1934 a 1980*, de autoria de Jayro Gonçalves Melo.

autores restringem o entendimento do fenômeno lazer à sua produção nas sociedades urbano-industriais.

Neste estudo procuramos analisar o lazer no contexto da gênese e desenvolvimento da vida urbana de Presidente Prudente, considerando as suas formas mais significativas e episódios que envolvem a sua prática e vivência ao longo da história da cidade.

Nesse sentido, o lazer pode ser visto aqui como objeto de pesquisa e reflexão sobre a vida urbana. E, ao elegermos Presidente Prudente como realidade empírica de pesquisa, pensamos poder contribuir com os estudos referentes à dinâmica social urbana de cidades cujo padrão de desenvolvimento é distinto daquele metropolitano; ao mesmo tempo em que contribuir para o entendimento de como se dá o processo de significação/produção da vida urbana numa cidade típica do interior em relação, ou melhor dizendo, sob influência da cultura vivida e produzida em outros centros maiores, irradiadores de cultura urbana.

Nossa principal fonte de pesquisa utilizada foram os periódicos, particularmente os jornais, mas também revistas e outras publicações locais, além de fotografias que retratam diferentes momentos da vida e paisagem urbana da cidade. Todo o material levantado e selecionado nos periódicos, mesmo aqueles não diretamente utilizados ao longo do texto, encontra-se disponível no CD-R que acompanha esta dissertação, e pode servir para outras pesquisas futuras.

Os recortes de periódicos apresentados ao longo dos capítulos, que são reportagens, crônicas, artigos etc., os quais retratam aspectos relacionados ao lazer e à vida urbana da cidade, permitem ao leitor levantar suas próprias questões e desenvolver análises próprias. O fato é que pela quantidade e riqueza do material disponível, temos a convicção de que estivemos longe de ter conseguido explorá-los com a opulência analítica desejada. Por outro lado, a diversidade de enfoque dos capítulos, ao mesmo tempo em que ampliou a nossa abordagem, limitou-nos para um aprofundamento teórico-analítico em cada um deles.

Vejamos como está estruturada a dissertação. No capítulo I, *‘Sobre os estudos do lazer e a vida urbana de Presidente Prudente’*, apresentamos algumas das discussões teóricas e metodológicas que permeiam os estudos específicos do lazer, principalmente no âmbito da Sociologia, disciplina pioneira nos estudos do tema. Abordamos ainda o desenvolvimento da vida urbana de Presidente Prudente no contexto da formação histórica da cidade e da produção de seu espaço urbano. Objetivamos, assim, fornecer elementos para uma necessária aproximação conceitual do lazer, bem como apresentar um esboço histórico da realidade sobre a qual o fenômeno é abordado, qual seja, a vida urbana de Presidente Prudente. No capítulo II, *“Entre o sagrado, o profano e o cívico”*, a relação entre lazer e vida urbana é abordada a partir das festas realizadas na cidade, nas suas seguintes formas: as festas religiosas, o carnaval e as festas cívicas. Aqui, demonstramos o papel dessas festas e as mudanças de significado e conteúdo que passaram em relação ao desenvolvimento da vida urbana. No capítulo III, *‘Entre o público e o privado’*, destacamos o uso de espaços públicos e privados para fins de lazer. Mostramos que a constituição de espaços (públicos e privados) adequados à vivência do lazer na cidade significou o próprio incremento da vida urbana. Finalmente, no capítulo IV, *“Entre o rural e o urbano”*, procuramos demonstrar o avanço, na cidade, de formas de lazer tipicamente urbanas sobre as formas relacionadas à vida no campo. Esse avanço é visto como expressão de um processo mais amplo em que valores e práticas sociais característicos da sociedade urbana passam a predominar sobre aqueles das sociedades tradicionais.

CAPÍTULO I

SOBRE OS ESTUDOS DO LAZER E A VIDA URBANA DE PRESIDENTE PRUDENTE

1. Sobre os estudos do lazer e a vida urbana de Presidente Prudente

Neste primeiro capítulo, onde estaremos fazendo as considerações iniciais do trabalho, pretendemos abordar os dois tópicos que constituem o foco de nossa dissertação, quais sejam: *o lazer e a vida urbana de Presidente Prudente*. Nesse sentido, primeiro vamos discutir algumas questões que envolvem os estudos do lazer, destacando a compreensão atual desse fenômeno e sua relação com a realidade urbana contemporânea. Em seguida, vamos apresentar um esboço histórico da constituição da vida urbana de Presidente Prudente, realidade sobre a qual se assenta nossa análise.

1.1. A teoria do lazer

Os estudos do lazer ganharam importância e intensificaram-se sobretudo a partir da década de 1950, principalmente no campo da sociologia, com o crescimento do número de pesquisas empíricas e discussões sobre o tema. Há que se destacar, no entanto, que esses estudos desenvolveram-se primeiramente nos países urbano-industriais da Europa e nos Estados Unidos. Contudo, não se pode dizer que o lazer não tenha sido objeto de discussão e reivindicação social em período anterior, pois nesses mesmos países, principalmente os europeus, o lazer fora em fins do século XIX objeto de reivindicação social e tema de escritos políticos de cientistas sociais, como é possível evidenciar com o clássico texto de P. Larfargue, *O Direito à Preguiça*, publicado em 1883.

No Brasil, os estudos sistemáticos do lazer desenvolveram-se principalmente a partir da década de 1970, também inicialmente no âmbito da sociologia e sob forte influência de autores europeus, cujas obras passaram a ser traduzidas e publicadas no país. Da mesma forma, foi nesse mesmo período que o lazer passou a ser objeto de preocupação de instituições responsáveis pela realização e apoio à políticas públicas urbanas. Cabe ressaltar ainda que, diferente dos países desenvolvidos, onde a emergência do tema lazer esteve relacionada à discussão dos efeitos sociais, econômicos, políticos e culturais da industrialização, no Brasil o lazer

ganhou destaque principalmente vinculado à questão da urbanização e da qualidade de vida nos grandes centros urbanos.

Nossa preocupação a seguir será destacar algumas das principais questões teórico-metodológicas que, durante todo esse já longo período de estudos específicos do lazer, têm permeado a compreensão e conceituação desse fenômeno. Nesse sentido, primeiramente focalizamos a questão da ocorrência histórica do lazer, acerca da qual muitos autores divergem no plano teórico. Num segundo momento, discutimos o significado moderno do lazer e os fundamentos históricos de sua produção na sociedade contemporânea. E, por fim, apresentamos algumas definições gerais de lazer, tendo em vista as concepções de diferentes autores, tanto brasileiros como de outros países.

1.1.1. Origem histórica do lazer

Não há muito consenso entre os estudiosos do lazer quanto à questão de sua origem histórica. De modo geral, as proposições apresentadas localizam-se em dois campos distintos de interpretação. Um no qual o lazer é visto como fenômeno sempre existente, ou seja, desde os tempos mais remotos da história humana até os dias atuais. Outro no qual a manifestação do lazer se relaciona, exclusivamente, às sociedades urbano-industriais que se constituíram a partir de meados do século XVIII.

Sobre essa questão, vejamos as posições de dois importantes teóricos da chamada “Sociologia do Lazer”: o sociólogo francês Joffre Dumazedier, que é um dos mais influentes estudiosos do lazer, e Stanley Parker, autor de *Sociologia do lazer*, obra de referência nos estudos do tema.

Dumazedier (1973) considera:

[...] como ponto pacífico ser o lazer parte integrante da civilização técnica. Não somente todas as modificações inerentes a essa civilização influem sobre o lazer como também ele próprio é uma criação da civilização industrial. Com efeito, “os dias sem trabalho”, (*jour chômés*) do período tradicional, não podem ser comparados com os dias de lazer (DUMAZEDIER, 1973, p. 52).

Em livro editado no Brasil, que reproduz um curso ministrado pelo autor em Porto Alegre, em 1975, sobre a “teoria do lazer”, enfatiza: “Há sociólogos, para os quais o lazer existiu em todas as épocas, em todas as civilizações. Não é esse o meu ponto de vista, pois o lazer tem traços específicos, característicos da civilização nascida da revolução industrial”. (DUMAZEDIER, s.d., p. 48).

Assim, para Dumazedier (1980):

[na] sociedade pré-industrial, o lazer não existe. É o trabalho que se inscreve nos ciclos naturais das estações e dos dias; seu ritmo natural confunde-se com o ritmo solar do amanhecer ao anoitecer, cortado de quando em quando por pausas para repouso, cantos, jogos, cerimônias, a que não se pode chamar de lazer. Durante os longos meses de inverno, o trabalho intenso desaparece para dar lugar a uma semi-atividade, durante a qual a luta pela vida se torna muito difícil. Tal inatividade não apresenta, evidentemente, as propriedades do lazer moderno. Os ciclos naturais são marcados por uma sucessão de domingos e festas: o domingo pertence ao culto, as festas, pela oportunidade que oferecem de despender intensamente a energia e os alimentos, constituem o inverso ou a negação da vida cotidiana, e são indissociáveis das cerimônias – em geral, dependem do culto e não do lazer. Assim, ainda que as civilizações tradicionais da Europa hajam conhecido mais de cento e cinquenta dias por ano sem trabalho, parece-nos impossível aplicar o conceito de lazer, em sua análise (DUMAZEDIER, 1980, P. 49).

Dessa forma, o autor concebe o lazer como um produto específico das sociedades urbano-industriais. Isso porque, conforme explica – e esta é a sua tese – as condições históricas responsáveis pelo aparecimento do lazer emergiram apenas com os processos de industrialização e de urbanização. Mais particularmente:

Foram necessárias duas condições históricas para o aparecimento do lazer. Primeiro, foi preciso uma laicização do tempo livre, foi preciso que o tempo livre saísse do conjunto de atividades rituais mágico-religiosas. Segundo, para chegar-se ao lazer em sentido moderno, foi preciso que o advento da civilização urbana e do trabalho urbano de tipo industrial e administrativo introduzissem um corte nítido entre as horas de trabalho e as horas de não trabalho [...]. Tal regulamentação do tempo de trabalho cria o tempo de lazer, enquanto que nas civilizações rurais tradicionais o tempo de lazer era um tempo ritual de festa, de culto regulado pelas autoridades e a natureza do trabalho era

praticamente sem fim (contínua), exceto quanto às condições naturais, como a chuva, a neve, as doenças, os cataclismos, a fome, as epidemias, etc. Nestas condições tradicionais, creio que não se pode falar de lazer (DUMAZEDIER, 1980, p. 18-9).

Numa perspectiva diferente da defendida por Dumazedier, Stanley Parker (1978) entende o lazer como fenômeno sempre existente, isto é, em todas as sociedades e tempos históricos. Entretanto, Parker reconhece ser possível, nos quadros atuais:

[...] argumentar que o lazer nunca existiu para as massas populares enquanto parte separada da vida, até ser conquistado em razão dos períodos de trabalho excessivamente longos. Segundo esse princípio, o lazer poderia ser considerado um produto da sociedade industrial; e realmente parece que a redução das horas de trabalho foi acompanhada por formas de lazer típicas da estrutura social e das circunstâncias da época (PARKER, 1978, p. 29).

Assim, afirma o autor: “É tentador definir o lazer de tal modo que este se ajuste ao estilo e às características da sociedade industrial sem se ajustar aos de outros tipos de sociedade” (PARKER, 1978, p. 34). Portanto, defende que “[...] uma das principais tarefas da sociologia do lazer é, provavelmente, estudar até onde o lazer *na* sociedade industrial é produto *da* sociedade industrial” (PARKER, 1978, p. 34).

Enfim, Stanley Parker não restringe em seu entendimento a manifestação do lazer às sociedades urbano-industriais como o faz Joffre Dumazedier, embora reconheça que com ela emergiram formas específicas de trabalho e de não-trabalho, que por sua vez foram responsáveis pela produção do lazer em seu sentido moderno. Parker (1978) reconhece dessa forma a manifestação do lazer nas sociedades tradicionais ou do período pré-industrial, mas não com as mesmas características do lazer moderno. Segundo afirma, enquanto nessas sociedades o lazer encontra-se integrado ao conjunto das demais atividades sociais, nas sociedades de tipo urbano-industrial o lazer manifesta-se como instância específica da vida social, definindo tempo e espaço próprios para a sua vivência.

É importante destacar que atualmente a questão da origem histórica do lazer vem sendo relativizada. Conforme ressalta Marcellino (1990a, p. 34), não há, a rigor, uma oposição real entre as duas perspectivas, senão enfoques

diferenciados. Ocorre que, enquanto uma perspectiva focaliza a necessidade de lazer sempre presente na história das sociedades, a outra se detém às características que esta necessidade assume no mundo pós-revolução industrial.

Para nós, interessa destacar as características do lazer na sociedade contemporânea, marcada pelos processos de industrialização e de urbanização, uma vez que suas características atuais foram dadas a partir desse novo contexto histórico. Dessa forma, vamos a seguir tratar da produção do lazer nas sociedades urbano-industriais.

1.1.2. O lazer na sociedade urbano-industrial

Como visto acima, muitos autores preferem entender o lazer como produto da sociedade urbano-industrial. Mesmo aqueles que não concordam inteiramente com tal perspectiva, reconhecem que o lazer adquiriu nessa sociedade características peculiares, onde sua manifestação se dá enquanto instância distinta e específica da vida social. Quais seriam então as forças históricas que produziram o lazer em seu sentido moderno?

Essa questão é abordada por Joffre Dumazedier, em suas obras, com bastante profundidade, numa análise que privilegia um conjunto de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais que, com o advento da industrialização, foram responsáveis pela produção do lazer. Tomaremos como referência, agora, a teoria desse autor sobre o que chama de “dinâmica produtiva do lazer” na sociedade urbano-industrial.

Para Dumazedier (1973):

Evidentemente, a produção do tempo livre, envelope que contém o tempo de lazer, é o resultado de um progresso da produtividade, proveniente da aplicação das descobertas científico-técnicas ou tecnológico-econômicas. Todavia este componente não explica tudo. Não permite saber por que o tempo liberado se transformou, principalmente, em atividades de lazer. Faz-se necessário fazer intervir um componente ético-social. Com efeito, nossa hipótese é que a produção do lazer é o resultado de dois movimentos simultâneos: a) o progresso científico-técnico, apoiado pelos movimentos sociais, libera uma parte do trabalho profissional e doméstico;

b) a regressão do controle social pelas instituições de base da sociedade (familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas) permite ocupar o tempo livre, sobretudo com as atividades do lazer (DUMAZEDIER, 1973, p. 63).

Essas mesmas idéias comparecem em outro trabalho de Dumazedier (sd., p. 19-25), de forma mais sistemática, quando apresenta os fundamentos históricos de sua teoria do lazer. O autor aponta, então, quatro importantes dinâmicas históricas sem as quais não se é possível explicar a produção do lazer nas sociedades industriais: 1) a dinâmica técnico-econômica, 2) a dinâmica social, 3) a dinâmica da transformação do tempo liberado em lazer e 4) a dinâmica cultural.

Vejamos, em linhas gerais, cada uma delas.

A “dinâmica técnico econômica” diz respeito às transformações decorrentes dos avanços tecnológicos e gerenciais de produção que possibilitaram ao homem produzir mais riqueza ao mesmo tempo em que mais tempo liberado. Essa seria a primeira condição histórica que tornou possível a produção do lazer na sociedade contemporânea. É preciso dizer, entretanto, que o progresso técnico-econômico que permitiu o aumento da produtividade não implicou na concentração automática do tempo de trabalho; mas, pelo contrário, durante a fase inicial do processo de industrialização houve o aumento contínuo das jornadas de trabalho até o limite do suportável: em média 85 horas por semana. Com isso, restou ao proletariado urbano apenas uma pequena parcela de tempo liberado destinado a sua recuperação psicossomática e reprodução. O aumento do tempo liberado só começou a efetivar-se a partir do advento dos movimentos trabalhistas, existindo aí, portanto, uma dinâmica social aliada à dinâmica técnico-econômica na produção do tempo liberado.

A “dinâmica social”, também vista como dinâmica da produção do tempo liberado, compreende as forças sociais que agiram a favor da regressão do tempo de trabalho. Identificadas nos movimentos sindicais, essas forças atuaram no sentido de reduzir as jornadas de trabalho e melhorar as condições de vida dentro e fora deste. Foi no interior das lutas operárias, quando já era reivindicado o “direito à preguiça” com P. Lafargue

(1883), que o lazer começou a ganhar sentido enquanto emprego cultural das horas livres. Gradativamente a classe trabalhadora foi conseguindo efetivar suas conquistas enquanto direitos sociais, seja no interior de instituições seja nas próprias legislações de seus países.

Dumazedier (s.d., p. 23) aponta que a maior parte dos autores que procuraram explicar a produção do lazer nas sociedades de tipo industrial não foram muito além da análise dessa última dinâmica, que responde unicamente à questão do aumento do tempo liberado. Restou ainda a questão de como o tempo liberado conquistado sobre o tempo de trabalho converteu-se, boa parte, em lazer e não em outra coisa qualitativamente diferenciada. E é em torno dessa última questão que Dumazedier apresenta a terceira dinâmica histórica produtora do lazer.

Assim, a “dinâmica da transformação do tempo liberado em lazer” é aquela que efetivamente expressa a produção do lazer na sociedade industrial, isto é, permite entender por que o tempo liberado conquistado pela classe trabalhadora significou o desenvolvimento e a difusão de atividades de lazer, e não o aumento de atividades políticas (como previa Marx) ou religiosas e familiares (como visualizaram outros cientistas sociais da época). A explicação para isto, segundo Dumazedier, estaria na regressão dos controles institucionais sobre a vida dos indivíduos e, mais particularmente, sobre o tempo liberado produzido pela sociedade. Tal regressão ocorreu por meio: 1) das resistências populares às concepções autoritárias de política; 2) da diminuição do controle religioso sobre a vida das pessoas e; 3) e da diminuição do papel da família na orientação das atividades de seus membros.

Dessa forma foi possível aos indivíduos maior liberdade na autogestão – por si mesmo e para si mesmo – do tempo liberado socialmente conquistado. Portanto, além de produto do progresso da produtividade econômica e da reivindicação social, o lazer é também resultado do recuo do controle das instituições tradicionais sobre o tempo liberado.

Há, ainda, uma “dinâmica cultural” na produção do lazer, que compreende a passagem, na sociedade, de “uma moral da repressão para

uma moral da expressão”, que implicou no desenvolvimento de novas iniciativas e atividades, por conseguinte novas possibilidades dos indivíduos no uso do tempo liberado. A dinâmica cultural introduziu novos conteúdos (para além do descanso) no tempo liberado, que de alguma forma representam as manifestações de desejos e tendências anteriormente reprimidos. Há: “[...] uma espécie de reivindicação social da pessoa, a fim de exprimir suas tendências profundas, que eram reprimidas no período anterior [...]” (DUMAZEDIER, s.d., 25). Assim, o desenvolvimento do lazer está associado à produção de novos valores que entraram em conflito com antigos valores, em categorias cada vez mais amplas de população.

Essas são as quatro dinâmicas históricas que explicam a produção do lazer na sociedade moderna, presentes na teoria de Dumazedier. Sua maior contribuição ao entendimento da produção do lazer consiste, certamente, na compreensão da dinâmica de transformação do tempo liberado em lazer.

Parker (1978, p. 33), tendo em vista as interpretações de outros dois autores² além do próprio Dumazedier, conclui que o lazer na sociedade urbano-industrial é visto como um concorrente ou mesmo uma reação ao tipo de trabalho que emergiu com essa sociedade, uma vez que comporta suas instituições sociais característica e permite maior liberdade individual. Afirmar, ainda, ser o lazer uma nova fonte de valores, para além daqueles fundamentados no mundo do trabalho e da produção. Mas que, contraditoriamente, tende a exibir as mesmas feições e relações sociais que caracterizam o trabalho industrial: padronização, prática rotineira, passividade no processo de vivência, etc., ao mesmo tempo em que o trabalho passa a receber influência dos valores do lazer.

² Tom Burns e Denneth Roberts. Para Burns “[...] a vida social fora da situação de trabalho não reemergiu; ela foi criada novamente, segundo formas que são as próprias feições do industrialismo, que derivam deste e que contribuem para seu desenvolvimento, crescimento e rearticulação [...]” (BURNS, 1973 apud PARKER, 1978, p. 33). Para Roberts “[...] desde a revolução industrial vem ocorrendo dentro da sociedade um processo geral de diferenciação estrutural, com instituições especiais que surgem para atender a necessidades tais como educação e bem-estar social, anteriormente satisfeitas por grupos e organizações de múltiplos propósitos. O lazer é apenas um dentre as atividades sociais humanas que tem se sujeitado a um processo de diferenciação estrutural [...]” (ROBERTS, 1970 apud PARKER, 1978, p. 33).

1.1.3. Concepções de lazer

Segundo Parker (1978): “Há muitas formas de se definir o lazer, mas a maior parte destas definições inclui – separada ou integradamente – as dimensões de tempo e atividade” (PARKER, 1978, p. 10). Assim o autor identifica pelo menos três formas de abordagens ou definições gerais de lazer. A primeira considera o lazer como tempo residual, isto é, o tempo que sobra depois de subtraído o período gasto com trabalho, descanso, alimentação, sono, atendimento das necessidades fisiológicas etc. A segunda como atitude, importando aí a qualidade da atividade desenvolvida pelo indivíduo ou grupo. A terceira definição é aquela que considera conjuntamente os aspectos “tempo” e “atividade”. Para ele: “Uma compreensão adequada de lazer exige que consideremos tanto as suas dimensões de tempo quanto as de atividade” (PARKER, 1978, p. 21).

Sobre essa mesma questão, Marcellino (1990a) observa que:

Entre os autores que se dedicam ao estudo do lazer não existe um acordo sobre o seu conceito, podendo-se distinguir duas grande correntes: a que enfatiza o aspecto *atitude*, considerando o lazer como um estilo de vida, portanto independente de um tempo determinado, e a que privilegia o aspecto *tempo*, situando-o como *liberado* do trabalho, ou como *tempo livre*, não só do trabalho, mas de outras obrigações – familiares, sociais, religiosas – destacando a qualidade das ocupações desenvolvidas (MARCELLINO, 1990a, p. 28-9).

Contudo, a despeito da polêmica acerca do conceito, na atualidade se verifica a tendência em considerá-lo tendo em vista os dois aspectos – tempo e atitude (MARCELLINO, 1990a, p. 31). Essa perspectiva, que encontra relação com aquela defendida acima por Parker (1978), parece ter reduzido os contrastes em torno da conceituação do lazer.³

³ Conforme Marcellino, as concepções que reduzem o entendimento do lazer a um de seus aspectos – tempo ou atitude – comportam uma série de contrastes. Segundo as concepções baseadas no aspecto atitude, a situação de lazer existe quando se verifica a satisfação do indivíduo na realização de determinada atividade. Então, qualquer atividade, mesmo o trabalho, poderia representar uma oportunidade de lazer. Aqui, importa na definição do lazer a relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida. Por outro lado, as concepções fundamentadas no aspecto tempo definem o lazer no âmbito do “tempo livre”, que seria o tempo dispensado de obrigações e normas de conduta social, ou do

No Brasil, o conceito de maior influência nos estudos do lazer é aquele apresentado por Dumazedier (1973), assim enunciado:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária e sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1973, p. 34).

Esse conceito, embora de boa aceitação, é parcialmente contestado por alguns autores, como Valquíria Padilha (2000), que questiona o estabelecimento de critérios muitos determinados para tratar do grau de autonomia das atividades de lazer em relação ao que se considera como obrigação. Conforme ressalta a autora, Dumazedier deixa claro que o lazer deve ser uma atividade “desinteressada”, isto é, sem qualquer fim lucrativo, utilitário ou ideológico; e que quando relacionada a algum desses fins deixa de ser lazer e para ser considerado como “semilazer”.⁴ Mas:

Na sociedade capitalista, parece quase inexistir alguma atividade de lazer desvinculada dos fins apontados acima. Os limites entre o que é obrigação e o que não é, se ela é institucional ao não, não são muito evidentes [...]. (PADILHA, 2000, p. 56).

O conceito de Dumazedier também é criticado pelo caráter funcionalista que expressa, principalmente quando desconsidera o fato de que as necessidades humanas não adquirem as mesmas características para todos e nem são da mesma forma satisfeitas. É o que argumenta

“tempo residual”, que seria o tempo que sobra após o trabalho e a satisfação das necessidades vitais como alimentação e descanso. Nesse último caso, em hipótese alguma o trabalho poderia representar uma oportunidade de lazer. Portanto, como se vê, não há muito acordo entre os autores destas respectivas correntes na conceituação do lazer. Particularmente com relação à definição de lazer enquanto tempo livre, é possível questionar sobre a existência de um tempo realmente livre, na acepção proposta, imune de qualquer tipo de coação ou modelo de conduta social. Diante disto alguns autores vêm preferindo falar de “tempo disponível”, ao invés de tempo livre, como o faz Marcellino (1990a), para quem: “A ‘disponibilidade de tempo’ significa a possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa” (MARCELLINO, 1990a, p. 31).

⁴ Dumazedier define o semilazer da seguinte forma: “Trata-se de uma atividade que, em proporções variáveis, pode ser utilitária e desinteressada. Os dois aspectos interpenetram-se, um peso ao setor das obrigações e outro ao dos lazes” (DUMAZEDIER, 1973, P. 36). Assim, o semilazer pode ser identificado nas atividades conhecidas como “faça você mesmo” ou *bricolage*, que se refere às atividades ou pequenos ofícios domésticos, como jardinagem e consertos em geral.

Faleiros (1980 apud MARCELLINO, 1992 e apud PADILHA, 2000), ao criticar o conceito de Dumazedier:

Todas as atividades desenvolvidas pelos grupos humanos objetivam a satisfação de necessidades. Mas como se processa o mecanismo de satisfação dessas necessidades? No caso específico do lazer, a maneira como Dumazedier entende-o e elabora suas propostas teórico-metodológicas implica uma explicação que se faz através da estrutura própria ao funcionalismo (FALEIROS, 1980 apud PADILHA, 2000, p. 57).

Seu conceito se identifica com um invólucro vazio para ser preenchido com as atividades que são desenvolvidas em função de determinadas necessidades, desde que realizadas distintamente de certas obrigações institucionalizadas. Esse conceito de lazer, desprovido de caráter histórico, parece buscar seu conteúdo organizando o mundo da aparência (FALEIROS, 1980 apud MARCELLINO, 1992, p. 314).

No Brasil, o conceito de lazer proposto por Dumazedier teve ampla difusão, influenciado nas formulações de autores como Requixa (1980) e Camargo (1986), que estão entre os pioneiros nos estudos do tema no país. Para esses dois autores, em linhas gerais, o lazer define-se como um conjunto de atividades ou ocupações exercidas de forma desinteressada, após o cumprimento das obrigações sociais, e preenchendo algumas funções.

Assim o lazer é, para Requixa (1980): “[...] uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social” (REQUIXA, 1980, p. 35). E para Camargo (1986):

[...] um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e libertatórias, centradas em interesses culturais físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizados no tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstica e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos (CAMARGO, 1986, p. 97).

Ethel Medeiros (1975), também pioneira nos estudos do lazer no Brasil, de maneira semelhante aos autores anteriores, define o lazer como “[...] o espaço de tempo não comprometido, do qual podemos dispor livremente, porque já cumprimos nossas obrigações de trabalho e de vida” (MEDEIROS, 1975, p. 3). Ainda segundo a autora, o lazer teria para o homem

contemporâneo as funções de descanso, diversão e desenvolvimento pessoal, funções estas que, conforme ela mesma indica, são comuns às definições gerais de lazer. (MEDEIROS, 1975, p. 115-6).

Uma forma de abordagem teórico-conceitual distinta daquela proposta por Dumazedier pode ser encontrada em Gustavo Gutierrez (2001). Seu entendimento de lazer privilegia a dimensão de busca do prazer e da emoção durante o tempo disponível. Entretanto, afirma: “o lazer não pressupõe necessariamente a consumação do prazer. Seu compromisso é com a busca do prazer, com a luta por uma sensação de prazer que pode, ou não, vir a ocorrer” (GUTIERREZ, 2001, p. 7).

Para Gutierrez (2001) a questão do prazer explicita os principais problemas metodológicos existentes em torno da compreensão do lazer bem como em torno de sua formalização enquanto objeto de estudos em ciências sociais. Conforme explica o autor:

[...] é muito plausível a premissa da expectativa de comportamento racional do indivíduo no desenvolvimento de modelos de interpretação social. A grande maioria dos objetos de pesquisa na área de humanas adapta-se bem a esta forma de aproximação.

Mas o objeto lazer, por sua vez, possui natureza particularmente complexa: como busca pessoal da realização do prazer, ele insere o sujeito social no campo das ações determinadas racionalmente, ao passo que o prazer em si, com sua interface psicológica/fisiológica/cultural, é muito difícil de ser reduzido à dimensão racional (GUTIERREZ, 2001, p. 38).

A dimensão de busca do prazer nas atividades de lazer é acessível, ao passo que o prazer, em si mesmo, ainda se apresenta cheio de mistérios. Assim existe um núcleo racional e individual no objeto de pesquisa lazer que dificulta sua descrição e interpretação com base nas teorias fundamentadas na expectativa de um comportamento racional. Nesse sentido, as elaborações mais ou menos imediatas sobre o objeto lazer, tomando-se por base as relações de produção, a busca racional da dominação, ou ainda a função de integração social, terminam por construir muitas vezes cenários pouco representativos e atravessados por tensões internas e contradições mal resolvidas.

Isso talvez ajude a explicar porque encontramos tantas análises classificatórias do lazer, fundamentadas na utilização de um referencial funcionalista empobrecido e mecânico, no qual o objeto tanto pode aparecer como compensação ao

cansaço do tempo de trabalho quanto como manifestação anômica quando em desacordo com o funcionamento regular, típico e conservador do sistema (GUTIERREZ, 2001, p. 39-40).

Como é possível perceber, esses problemas apontados por Gutierres (2001) em torno da compreensão do lazer, dizem respeito principalmente às abordagens de cunho funcionalista, também criticadas por Faleiros (1980 apud MARCELLINO, 1992 e PADILHA, 2000), conforme já visto.

Em referência a abordagem funcionalista do lazer, Marcellino (1990a) aponta pelo menos quatro tipos: a romântica, a moralista, a compensatória e a utilitarista, todas elas manifestando um caráter altamente conservador. A abordagem romântica enfatiza os valores da sociedade tradicional, numa certa nostalgia ao passado. A moralista, motivada pelo caráter de ambigüidade do lazer e a partir de juízos de valor, procura resguardar aquelas práticas de lazer vistas como benéficas à manutenção da ordem e da segurança social. A compensatória, centrada na relação trabalho-lazer, enfatiza as funções do lazer enquanto compensador das alienações, insatisfações e restrições vividas durante o tempo de trabalho. E a abordagem utilitarista destaca as funções do lazer na recuperação da força de trabalho e como fator de progresso econômico numa dada sociedade.

Essas formas de abordagem funcionalista, apontadas por Marcellino, podem ser identificadas nos trabalhos de diversos autores brasileiros, entre os quais Requixa e Medeiros. Entretanto, esses autores não manifestam apenas valores funcionalistas com relação ao lazer, mas também outros valores como os de desenvolvimento pessoal e social, conforme destaca o próprio Marcellino (1990, p. 39).

Neste ponto, é interessante notar que mesmo Requixa (1977) reconhece a presença de valores funcionalistas em seus trabalhos, justificando-os da seguinte forma:

Em nosso primeiro trabalho [“As dimensões do lazer”, *Revista Problemas Brasileiros*, n. 81, São Paulo, maio de 1970] sobre o lazer, detinhamo-nos na problemática do subdesenvolvimento. Em face do preconceito contra a palavra, ditado por uma forma de moral valorizadora do trabalho, em essência, e embora conscientes do valor do

lazer como lazer, não nos descuidamos de buscar “indulgência” para com a promoção do produto lazer. Assinalamos com ênfase os aspectos educativos de recuperação psicossomática. Isto é, tentamos criar uma justificativa, através da qual o público pudesse usá-la perante si mesmo e aceitá-la mais calma e descontraidamente. O lazer apresentado como “sócio-educativo” e proporcionado “recuperação psicossomática” certamente ganharia mais conteúdo de reforço e seria aceito menos preconceituosamente (REQUIXA, 1977, p. 96).

A justificativa acima apresenta nos parece fundamental para entender o por que do predomínio de concepções funcionalistas nas análises do lazer. Tais concepções, talvez demasiadas mas de certa forma necessárias para promoção da discussão do lazer tanto na sociedade em geral bem como no ambiente acadêmico, onde nem sempre foi aceito como tema de pesquisa.

Voltando à questão, Marcellino (1992, p. 314) relaciona as abordagens funcionalistas ao entendimento do lazer em sua “especificidade abstrata”, isto é, em si mesmo, de forma isolada, nesta ou naquela atividade, e desvinculado do contexto social mais amplo. Por outro lado, o lazer em sua “especificidade concreta” é visto enquanto componente da cultura historicamente situado e em estreita relação com as demais dimensões da vida social. Assim:

A “especificidade concreta” do lazer, considerado em sua manifestação na sociedade atual, é colocada como reivindicação social. [...]. O lazer é visto como fruto da sociedade urbano-industrial e, daleticamente, incide sobre ela, como gerador de novos valores que a contestam (MARCELLINO, 1992, p. 315-6).⁵

Diz ainda Marcellino (1992) que a consideração do lazer em sua “especificidade concreta” requer:

[...] o seu entendimento amplo em termos de conteúdo, as atitudes que envolve, os valores que propicia, a consideração dos seus aspectos educativos, as suas possibilidades enquanto instrumento de mobilização e participação cultural,

⁵ Nesse sentido, o lazer é visto como campo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para a instauração de uma nova ordem cultural e moral, necessárias à construção de uma nova ordem social. (MARCELLINO, 1990a, p. 31). Nesse mesmo sentido, Oliveira (1997, p. 12) estabelece relação com o que já afirmou Henri Lefebvre em sua *Critique de la vie quotidienne*, de que é por meio do lazer que os homens, conscientes ou não, realizam dentro de suas possibilidades a crítica de sua vida cotidiana.

e as barreiras sócio-culturais verificadas para seu efetivo exercício, tanto intra-classes como inter-classes (MARCELLINO, 1992, p. 315).

Com base nessas questões, sua definição apresenta o lazer como:

[...] a cultura – compreendida no sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela vivência. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 1990, p. 31).

A compreensão de lazer que se tem neste trabalho aproxima-se do entendimento acima expresso, sendo que para nós o lazer apresenta-se na atualidade como dimensão da cultura mais ampla vivida e produzida a partir da cidade, do urbano. É nesse sentido que estaremos considerando o lazer na sua relação com a vida urbana, ou seja, tendo em vista sua ligação com o sistema de práticas e valores presentes e que dão sentido e significado à vida na cidade.

Feitas essas colocações, passaremos a seguir a tratar da constituição da vida urbana de Presidente Prudente.

1.2. A vida urbana de Presidente Prudente

Embora não seja nosso objetivo tratar da formação histórica de Presidente Prudente, assunto que comparece em outros trabalhos⁶, ao se ter como foco a vida urbana dessa cidade, torna-se necessário considerar o processo de constituição e desenvolvimento de seu núcleo urbano. É a partir daí que pretendemos destacar aspectos relacionados ao desenvolvimento da vida urbana da cidade, para então nos capítulos seguintes procedermos a análise do lazer no interior dessa realidade.⁷

⁶ Sobre a fundação e desenvolvimento da cidade de Presidente Prudente, confira Dióres Santos Abreu (1972). As informações contidas neste item foram retiradas principalmente dessa obra. Sobre o mesmo assunto podem ser consultados ainda Abreu (1997) e Leite (1972).

⁷ Neste momento, achamos pertinente designar em poucas palavras o que se entende por vida urbana, para então buscar sua constituição e desenvolvimento em Presidente Prudente. A vida urbana diz respeito à cultura mais ampla, vivida, produzida e disseminada a partir das cidades do mundo moderno, este marcado pelo duplo processo de industrialização-

Dessa forma, no desenvolvimento deste item estaremos considerando: a origem de Presidente Prudente no contexto da ação urbanizadora do café (que fez surgir várias cidades na região extremo-oeste do Estado no início do século XX); a constituição propriamente dita de seu núcleo urbano e a ação de seus fundadores; o aparelhamento comercial e de serviços da cidade e; a produção de seu espaço urbano, enquanto produção da dimensão espacial da vida urbana.

Originada no conjunto da rede urbana formada a partir da expansão da atividade cafeeira que se deu entre o final do século XIX e início do século XX nos espigões do Planalto Ocidental Paulista, Presidente Prudente progrediu de cidade pequena de “boca de sertão” para uma cidade média com forte influência regional, desenvolvendo já nas primeiras décadas de sua existência uma vida urbana significativa, denotadora de práticas e valores que caracterizam a cidade moderna.

Conforme relata Abreu (1972), é dentro do:

[...] contexto da marcha do café pelos espigões do extremo-oeste de São Paulo, tendo como amparo a Estrada de Ferro Sorocabana, que se coloca o aparecimento de Presidente Prudente. A busca de solos virgens para o café, a especulação com terras e a colonização pelo loteamento de grandes glebas resumem as características do povoamento na Alta Sorocabana. Os núcleos urbanos surgiram como pontos de apoio para a exploração econômica da região. (ABREU, 1972, p. 42).

Presidente Prudente foi assim uma das cidades que surgiram como consequência da ação urbanizadora do café, que ao promover a ocupação efetiva das terras localizadas ao extremo-oeste do Estado, foi responsável também pela constituição de núcleos urbanos sem os quais não seria possível a exploração econômica das mesmas, seja na comercialização de terras seja no desenvolvimento de atividades agrícolas. Sobre esse aspecto, Abreu (1972) esclarece:

A ação urbanizadora do café alcançou sua plenitude no momento em que ganhou os espigões do planalto ocidental

urbanização. A vida urbana refere-se assim ao modo de vida que se desenvolveu a partir das cidades contemporâneas, o qual comporta um sistema de práticas e valores que o diferencia daquele de grupos rurais ou de sociedades tradicionais. Esse entendimento tem por base nossa leitura das obras de Lefebvre (1991a, 1991b, 1999 e 2002).

paulista no final do século passado [XIX] e primeira metade do atual [XX]. Então, o que ocorria anteriormente, a fazenda precedendo a cidade, foi invertido. A cidade será, na maioria das vezes, o trampolim para a ocupação da zona rural. E continuará depois a fornecer-lhe as condições para o desempenho de suas funções vitais.

Este desenvolvimento da urbanização ligada à expansão cafeeira ocorreu em grande parte, porque a ocupação do extremo oeste paulista pelo café se fez não só pelo latifúndio, numa repetição do que ocorrera anteriormente em outras áreas, como também pela pequena propriedade. Grandes extensões de terras foram adquiridas por compra ou “grilo” e cortadas em lotes para serem vendidas a pessoas de pequenas posses desejosas de se enriquecerem com a plantação de café. E um núcleo urbano anexo à área loteada tornava-se indispensável ao bom êxito do comércio de terras. O proprietário ou a companhia loteadora se esforçará para dotá-lo de armazém, médico, capela, farmácia etc. de maneira a atrair compradores que se sentirão seguros instalando-se numa gleba que tenha “recursos”. Daí o número de cidades aumentar de forma proporcional à expansão cafeeira, que por sua vez foi acompanhada ou precedida pela rede ferroviária, condição fundamental de seu crescimento, fazendo com que as cidades fossem criadas, preferencialmente, em torno das estações ferroviárias (ABREU, 1972, p. 9-10).

Particularmente, a cidade de Presidente Prudente nasceu da reunião das vilas Goulart e Marcondes⁸, criadas respectivamente pelos coronéis Francisco de Paula Goulart (1917) e José Soares Marcondes (1920), que tiveram, cada um deles, a iniciativa de formar um núcleo urbano dotado de equipamento comercial, industrial e de serviço, que viabilizasse a comercialização das terras rurais de suas posses – atraindo compradores – bem como o desenvolvimento do trabalho agrícola.⁹

Nesse sentido, ao iniciar o projeto de colonização de suas glebas, ambos os coronéis procuraram facilitar ao máximo a vinda e instalação de

⁸ A Vila Goulart foi fundada na área denominada gleba Pirapó-Santo Anastácio, de posse do Coronel Goulart, defronte à estação da Estrada de Ferro Sorocabana (Estação “Presidente Prudente”, que veio a dar nome a cidade, quando da instituição de seu município em 1923). Do outro lado da linha e aos fundos da estação, na área da gleba Montalvão, de posse da Companhia Marcondes, do coronel Marcondes, foi fundada a Vila Marcondes. Era a própria estrada de ferro que estabelecia o limite entre as duas glebas e assim entre as duas vilas. Confira *FIGURA 1*, página 41.

⁹ É interessante esclarecer sobre algumas diferenças entre o tipo de empreendimento de Goulart e o de Marcondes: enquanto a colonização Goulart era marcada pelo estilo personalista, sem muito planejamento e descapitalizada, a colonização Marcondes tinha um caráter empresarial, com maior recurso financeiro e desenvolvendo estratégias de mercado na venda de terras rurais e urbanas.

moradores na zona urbana. Na Vila Goulart, chegavam a acontecer doações de datas urbanas feitas pelo coronel Goulart àqueles que desembarcavam na estação desejosos de investir e trabalhar na nova cidade, pois esta “[...] precisava crescer depressa para atrair e fixar compradores de terras” (ABREU, 1972, p. 63). Na Vila Marcondes, não muito diferente disso, muitos dos moradores que chegavam conseguiam financiamento da própria companhia colonizadora para a abertura de um novo negócio na cidade.

Outrossim, a rivalidade que fatalmente acabou surgindo entre a Vila Goulart e a Vila Marcondes tornou-se profundamente benéfica ao povoado. Cada uma delas procurava oferecer melhores serviços para atrair moradores. Essa concorrência acabou por oferecer datas, nas vilas, quase de graça, a quem desejasse montar uma padaria, uma farmácia ou um bar (LEITE, 1972, p. 154).

Foi assim que Presidente Prudente, configurada nas duas vilas, ganhou população e iniciou suas primeiras atividades urbanas. Seu núcleo urbano consolidou-se ao mesmo tempo em que fomentou a venda de lotes rurais na região, atraindo compradores que se sentiam seguros com a expectativa de progresso da cidade e de toda a região da Alta Sorocabana.

O desenvolvimento da cidade nas décadas de 1930 e 1940 intensificou a sua vida urbana. Para tanto, contou muito o seu aparelhamento comercial e de serviços, elemento que colocou Presidente Prudente desde os primeiros anos de sua existência à frente de outras cidades da Alta Sorocabana.

Conforme visto acima, os primeiros estabelecimentos comerciais como padarias, bares, farmácias, lojas de armários etc., foram abertos por pessoas recém chegadas à cidade e na maior parte das vezes desprovidas de muito capital, daí necessitarem da “ajuda” dos coronéis. Outras vezes, foram abertos por agricultores que após um bom ano agrícola pegavam suas economias e dirigiam-se para a cidade a fim de nela se estabelecerem para desenvolver alguma atividade urbana. Estes, na maior parte das vezes vendiam suas propriedades, rompendo definitivamente suas ligações com a terra e ligando-se à cidade. Dessa forma, os primeiros estabelecimentos comerciais de Presidente Prudente foram abertos “[...] com pequeno capital

e com muito crédito obtido com as firmas fornecedoras, geralmente, da Capital” (ABREU, 1972, p. 175).

Mas, com o rápido crescimento da cidade e a consolidação e expansão de sua rede comercial, não demorou a surgir estabelecimentos de maior porte, a exemplo das firmas “Grande Estabelecimento Naufal” (1927), de Elias Naufal e irmãos, e “Casas Pernambucanas” (1928), tradicional empresa de tecidos do país. O comércio de veículos automotores, favorecido pela constante abertura de novas estradas na região, também se desenvolveu rapidamente, surgindo representantes das marcas Dodg, Ford, Chevrolet e Fiat. Da mesma forma, os estabelecimentos comerciais atacadistas de compra e beneficiamento de café e cereais, prosperaram em vista do crescimento da produção regional e do aumento de suas operações comerciais com as casas comissárias de São Paulo e Santos, a que se vinculavam. Enfim, todos esses grandes estabelecimentos comerciais ao lado dos pequenos que predominavam em quantidade, contribuíram para o rápido dinamismo econômico e crescimento da cidade.

No setor de serviços, a cidade desenvolveu já nesses primeiros tempos de sua vida os serviços bancários, de saúde e higiene pública, religiosos, escolares, de comunicação, de diversões e público-administrativos (ABREU, 1972, p. 177-202). O primeiro estabelecimento bancário surgiu em 1926 com a instalação do Banco Noroeste do Estado de São Paulo, e nos anos seguintes, apesar da crise econômica que assolou o país, outras agências vieram a se instalar na cidade. Fato interessante foi a iniciativa de constituição de uma cooperativa de crédito, em 1928, com a participação de funcionários públicos, profissionais liberais, comerciantes e agricultores. Embora essa cooperativa não tenha sido executada, o importante de se observar é que se trata de uma iniciativa tipicamente urbana que já se desenvolvia na cidade nesse momento inicial de sua vida.

Quanto aos serviços de saúde e higiene pública, Presidente Prudente contou já a partir do início da década de 1920 com a prestação dos serviços médico, odontológico, farmacêutico e hospitalar. Os dois primeiros médicos foram trazidos entre 1920-1921 pelo coronel Marcondes, que lhes garantiu

apoio financeiro na montagem de seus consultórios. Em 1929, a cidade já contava com 11 médicos e seus primeiros hospitais particulares, alguns deles equipados com laboratórios de análises e raios-X. Em 1929, foi constituída a Sociedade de Medicina e Cirurgia da Alta Sorocabana, congregando profissionais de Presidente Prudente e de outras cidades da região. A Santa Casa de Misericórdia iniciou suas atividades em 1935, com a inauguração de seu primeiro pavilhão, prestando serviço ambulatorial. Porém, a primeira iniciativa para a sua constituição se deu em 1929, com a formação da primeira diretoria e comissão de trabalho. A primeira farmácia começou a funcionar entre 1921 e 1922, e em 1929 a cidade já contava com cinco estabelecimentos desse gênero. Os primeiros consultórios odontológicos também datam do início da década de 1920, oferecendo à população desde cirurgia bucal até serviços de prótese. Quanto aos serviços de saúde pública, em 1930, Presidente Prudente tornou-se sede de Inspetoria Sanitária, realizando serviços de vacinação, de educação sanitária e de fiscalização sanitária em estabelecimentos comerciais, públicos e residenciais.

No que toca aos serviços escolares, o primeiro estabelecimento de ensino da cidade iniciou suas atividades em 1920. Foi a “Escolas Reunidas”, que funcionava em precário prédio de madeira alugado e mobiliado pelo próprio coronel Goulart. No ano de 1925, essa escola transformou-se em 1º Grupo Escolar. Outra “Escolas Reunidas” surgiu em 1929, na Vila Marcondes, dando origem depois ao 2º Grupo Escolar, agora localizado na Vila Nova. Mas o grande marco do ensino elementar foi a inauguração, em 1938, do prédio do Grupo Escolar de Presidente Prudente, atual Escola Adolpho Arruda Mello, que então reuniu as classes dos demais grupos escolares da cidade. No ensino secundário, a primeira escola foi o Ginásio São Paulo, inaugurado em 1930, também conhecido na época como Academia de Comércio do Ginásio São Paulo por formar profissionais para a escritura mercantil. O Colégio Cristo Rei, fundado em 1937 e dirigido por madres beneditinas, também ofereceu curso secundário, além de aulas de pintura, desenho e piano. Assim, já na década de 1930, Presidente Prudente contava com a mais completa rede escolar elementar e secundária da região. Suas escolas eram espaços de destaque na vida urbana da cidade, lugares de

acontecimentos sociais importantes no cotidiano urbano, como será possível observar nos capítulos seguintes.

Nos serviços religiosos, desde 1925 a cidade conta com as atividades da Igreja Católica, data em que foi instalada a paróquia e ordenado o seu primeiro vigário, o padre José Maria Martinez Sarrion. A primeira capela, entretanto, foi construída ainda em 1918, no centro da atual Praça Nove de Julho, a mando do coronel Goulart. Era ali que se realizavam as tradicionais festas religiosas, que atraíam praticamente toda a população da cidade e boa parte da população rural de seu entorno. A construção da Igreja Matriz definitiva, a atual Catedral de São Sebastião, foi iniciada em 1936, com o lançamento de sua pedra fundamental e concluída em 1942. Cabe registrar também que nesse período inicial da vida da cidade, além de católicos atuavam outros grupos religiosos como os evangélicos e os espíritas, porém com menor quantidade de fiéis.

Na área de comunicação, destaca-se o jornal como principal meio na cidade. Foram muitos os jornais que surgiram e desapareceram rapidamente, estando eles quase sempre vinculados a alguma facção política local. A existência efêmera desses periódicos explica-se justamente pelo fato deles terem sido veículos político-partidários. Quando um grupo se desarticulava, ou as rivalidades políticas se dissolviam, o jornal perdia sua principal finalidade e assim era extinto, porque oneroso. Apenas um jornal conseguiu ter vida longa: “A Voz do Povo”, que começou a circular em 1926. Nas páginas desses jornais, além de artigos e propagandas políticas também eram publicadas reportagens que cobriam todos os tipos de fatos e eventos sociais da cidade, desde a viagem de algum munícipe a São Paulo ou Rio de Janeiro até as tradicionais festas religiosas. Também chegaram a ser publicados na cidade jornais de caráter crítico e humorístico, editados por grupos de jovens e distribuídos a amigos, como o “Sorriso” (1926) e “O Grito” (1927). Esses jornais também tiveram vida efêmera, quase sempre não ultrapassando o primeiro número. Os jornais da capital, como “Diário de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, também circulavam na cidade nesse período, com certo atraso mas difundindo localmente notícias além de

modas, valores e práticas sociais da capital. Outros meios de comunicação que a cidade pode contar, além dos jornais, foram o serviço de telefonia, inaugurado em 1925, porém com um número muito restrito de assinantes, e o serviço de correios, inaugurado em 1928. A radiodifusão só se desenvolveu a partir da década de 1940, junto com os Serviços de Alto-falantes instalados nos principais logradouros da cidade.

Os serviços de diversões, que se relacionam diretamente ao foco deste estudo e cuja análise comparece nos capítulos seguintes, prosperaram rapidamente em Presidente Prudente gerando investimentos, movimentando dinheiro, mercadorias e pessoas. Tiveram assim peso significativo no desenvolvimento urbano da cidade. Desde os primórdios de sua história a cidade contou com parques de diversões, espetáculos teatrais, cinematográficos, musicais, circenses, festas religiosas, festivais literários, práticas esportivas de diversos gêneros, o *footing*. Enfim, uma ampla gama de diversões realizadas tanto em espaços públicos como privados. Conforme será possível observar, já na década de 1930, Presidente Prudente contava com uma série de espaços de lazer que serviam para a diversão da população e animavam a vida da ainda pequena urbe.

Quanto aos serviços público-administrativos, a cidade passou a desenvolvê-los após a criação de seu município. Antes disso, Presidente Prudente tinha sua jurisdição disputada por Campos Novos do Paranapanema e Conceição do Monte Alegre, municípios para os quais se dirigiam aqueles que desejassem, por exemplo, pagar impostos ou procurar serviços administrativos municipais. Mas com a criação de município próprio, o que se deu em 1923, após acertos políticos envolvendo seus dois líderes locais (os coronéis Goulart e Marcondes) e líderes estaduais, a cidade ganhou prefeitura, câmara municipal, fórum, cartórios, coletorias estadual e federal e Delegacia Regional de Polícia. Com isso ampliou seu status político-administrativo e viu crescer o número de pessoas circulando e se dirigindo a ela. Sobre esse aspecto, Beltrão Sposito (1983) destaca:

A importância do aparelho comercial e de serviços que a cidade desenvolveu nas décadas de 20 e 30 é incontestável, contudo há que se ressaltar que muito do movimento urbano

que se percebia em Presidente Prudente, decorria de seu status político administrativo. Era aí que se tratavam de negócios, pagava-se impostos, passava-se escrituras e tratava-se de outras questões jurídicas. Nestas ocasiões, aproveitava-se para as compras ou para a utilização de quaisquer serviços oferecidos na cidade, que era sem dúvida o centro fornecedor e receptor dos produtos produzidos e consumidos na região (BELTRÃO SPOSITO, 1983, p. 60).

Além dos aspectos até aqui apontados, outra face denotadora do desenvolvimento urbano da cidade é aquela da produção de seu espaço urbano. Essa produção, que ocorre tanto a partir de ações do poder público como privadas, é que dá base territorial e material ao acontecer urbano, aos tempos urbanos, enfim, ao cotidiano urbano em todas as suas dimensões. Entretanto, essa produção deve ser entendida no âmbito geral da produção social, ou seja, não se produz apenas espaços na cidade, como praças, ruas, prédios etc., mas também se produz usos, valores e práticas que permeiam a existência desses espaços, dando sentido e significado social a eles.

Nesse sentido, temos aqui como base de interpretação a acepção marxista de *produção*, que, conforme aponta Lefebvre (1991b e 1999), comporta dois sentidos que se distinguem e se complementam: um sentido amplo, que designa criação de obras (incluindo o tempo e o espaço sociais), de idéias, de valores, de espiritualidade – onde se revela a historicidade humana; e um sentido estrito, que se refere à fabricação de coisas, de bens, de objetos, enfim, a produção das condições materiais e técnicas de existência da sociedade – onde se revela a práxis humana. “Este último sentido apóia o primeiro e designa sua base material” (LEFEBVRE, 1999, p. 46).

Ainda segundo Lefebvre (1999):

[...] a cidade cobre bem a dupla acepção do termo “produzir”. Obra ela mesma, e o lugar onde se produzem obras diversas, inclusive aquilo que faz o sentido da produção: necessidades e prazeres. É também o lugar onde são produzidos e trocados os bens, onde são consumidos. Reúne essas realidades, essas modalidades do “produzir”, umas imediatas e outras mediatas (LEFEBVRE, 1999, p. 48).

A produção do espaço urbano, no sentido de produção territorial da cidade e de toda a sua materialidade, pode ser vista como produção estrita que, assim, diz respeito à produção das condições concretas através das quais se desenvolve a vida urbana. Portanto, a produção do espaço urbano traz em si, também, a produção da vida urbana, o que pode ser ilustrado em se considerando a produção do espaço urbano de Presidente Prudente.

O início do processo de produção do espaço urbano de Presidente Prudente se deu com o primeiro loteamento urbano realizado pelo coronel Goulart, cujo resultado foi a constituição da Vila Goulart, a partir de 1917, como já visto. É principalmente nessa área, compreendida entre as quatro principais avenidas da cidade (Avenida Brasil, antiga Avenida do Estado; Avenida Washington Luís, antiga Avenida Antônio Prado; Avenida Goulart e; Avenida Marcondes) que se concentraram os esforços, nas décadas de 1920 e, principalmente, 1930 e 1940, no sentido de dotar a cidade de bens e equipamentos urbanos, ainda que na Vila Marcondes também houvesse, em menor proporção, a produção desses mesmos bens e equipamentos. Com efeito, na Vila Goulart e, mormente, a partir dela, é que a cidade foi sendo produzida e expandiu-se, mesmo porque do outro lado da linha férrea, na Vila Marcondes, a área era de características topográficas pouco propícias à urbanização, conforme já assinalou Beltrão Sposito (1983). Nessa questão, pesa ainda o fato de que ao coronel Marcondes “[...] não interessava diretamente a produção de um espaço urbano configurado em benfeitorias para usufruto, até porque residia na capital do Estado, não participando diretamente da vida prudentina” (SILVA, 2000, p. 75-6).

O período que vai da fundação da cidade, em 1917, até pelo menos 1930, pode ser identificado como um primeiro momento da produção do espaço urbano de Presidente Prudente, sendo ele marcado pela necessidade de “abertura” de um núcleo urbano como meio de atrair compradores de lotes na zona rural. Não havia ainda, nesse momento, uma separação nítida entre o espaço urbano e o espaço rural. A cidade em constituição deveria apenas oferecer atividades de comércio e de serviços necessários para que esses compradores pudessem se fixar e desenvolver

suas atividades rurais. Os esforços dos coronéis na produção do espaço urbano pautavam-se nesse primado.

Assim:

Esses primeiros anos [1917-1930], apesar de todos os esforços para forjar uma paisagem urbana, não se poderia afirmar que a cidade desfrutava de uma vida urbana no seu sentido pleno, pois os costumes e as práticas e a própria imagem da cidade ainda estavam ligados ao mundo rural (SILVA, 2002, p. 47).

Depois de 1930 a produção do espaço urbano ganhou um novo sentido, e a cidade uma vida mais urbana. É quando entram em cena novos atores na produção do espaço urbano, que não os coronéis, favorecidos por um novo contexto político e econômico no país. O crescimento da população urbana da cidade e a consolidação de sua posição como centro comercial, industrial e de serviços da Alta Sorocabana, fazem com que Presidente Prudente deixe cada vez mais de ser reflexo das condições agrárias de seu entorno, para subordinar a si a zona rural. Nesse contexto, as bases do poder deslocam-se do meio rural para o urbano, dos coronéis para as novas lideranças (ABREU, 1972 e SILVA, 2000).

Se até 1930 os interesses que permeavam a produção do espaço urbano eram aqueles relativos à venda de terras na zona rural, e, portanto, respondia aos interesses imediatos dos coronéis, após esse momento a cidade começa a ser produzida “para si mesma”, isto é, com base nos interesses de um novo segmento partícipe da cidade: profissionais liberais, comerciantes, industriais, funcionários públicos graduados, que buscavam melhorar suas condições de vida urbana e otimizar o desenvolvimento de suas atividades econômicas, sejam elas industriais, de prestação de serviços ou comerciais. Foi desse novo segmento urbano que nasceu a nova liderança política da cidade, mas sem que isso representasse a dissolução completa e imediata do poder dos coronéis, os quais mantiveram ainda assim peso significativo na vida política da cidade e da região.

Nesse novo contexto, uma série de ações envolvendo o poder público (municipal e estadual), e também iniciativas privadas, processaram-se transformando, ou melhor dizendo efetivando uma paisagem urbana na

cidade e com ela um modo de vida urbano para muitos de seus habitantes. Problemas que a cidade enfrentava como a falta de logradouros públicos, de calçamento das ruas, de serviços de água e esgoto e de prédios para abrigar os serviços públicos começaram a ser resolvidos, importando para tanto a maior presença do Estado na concessão dessas antigas reivindicações da população e a maior operância do poder público municipal, dado por mudanças na postura administrativa de seus gestores, aliás novos gestores.¹⁰

As transformações urbanísticas de Presidente Prudente em pouco mais de uma década, após 1930, foram muitas e definitivamente imprimiram uma nova feição e vida à cidade. O pontilhão sobre os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana inaugurado em 1932, ligando as duas partes da cidade e melhorando o fluxo entre elas, foi a primeira grande realização municipal. Em seguida, no ano de 1933, iniciaram-se os serviços de sarjetas e de calçamento, que prosseguiram nos anos seguintes em ritmo lento, mas aos poucos dando nova feição às ruas da área central. Através de decretos de posturas municipais obrigavam-se também os proprietários das ruas que recebessem esses melhoramentos a construírem passeio público e muros, melhorando a feição dos prédios privados e das vias públicas. Ainda em 1933, fora inaugurado a praça do Jardim Público, a Praça 5 de Julho (atual Praça 9 de Julho), em um quarteirão adquirido pela prefeitura entre 1923-1925 para essa finalidade, que recebeu então calçamento, jardins, arborização, mobiliário urbanístico e no centro um repuxo com um cisne de cujo bico saia água. Outras realizações importantes executadas pela municipalidade foram a construção dos prédios do Mercado Municipal e do Paço Municipal, a construção de um bosque público em área de mata virgem que o próprio coronel Goulart havia reservado para tal fim desde a fundação da cidade, e a construção de um novo jardim público na área da esplanada da estação, que depois recebeu o nome de Praça da Bandeira.¹¹

¹⁰ Cabe nessa questão destacar o papel desempenhado pela consolidação da Lei Orgânica dos Municípios de 1935, que impôs uma vigilância mais estreita do governo central sobre as prefeituras, obrigando-as a adotar maior disciplina nos gastos públicos.

¹¹ Confira *FIGURA 2*, página 41; *FIGURA 3*, página 42; *FIGURA 4*, página 42.

Outras obras importantes para o desenvolvimento urbano de Presidente Prudente, porém realizadas pelo Governo do Estado, foram as do Grupo Escolar, inaugurado em 1938, do Fórum, construído entre 1938-1945, e da Cadeia e Delegacia Regional de Polícia, construído na década de 1940; prédios que se destacavam na paisagem urbana da cidade. O Governo do Estado também contribuiu com a municipalidade financiando as obras dos serviços de água e esgoto, uma das reivindicações mais antigas e urgentes da cidade. A inauguração do abastecimento por água encanada ocorreu em 1938. A água vinha de quatro poços semi-atesianos e seu primeiro reservatório foi localizado no Largo da Igreja Nossa Senhora da Aparecida, na Vila Marcondes.

Foi com base nessas transformações que Presidente Prudente ganhou a aparência efetiva de cidade e desenvolveu sua vida urbana. Os novos espaços e serviços urbanos foram acompanhados pelo desenvolvimento de novas práticas e valores, mais urbanos, por assim dizer. Cabe, no entanto, ressaltar que essa urbanização que Presidente Prudente alcançou ficou circunscrita ao seu quadrilátero central, compreendido entre as quatro avenidas (Avenida Brasil, antiga Avenida do Estado; Avenida Washington Luís, antiga Avenida Antônio Prado; Avenida Goulart e; Avenida Marcondes). Fora dessa área central, os serviços e infra-estruturas urbanas foram chegando tardiamente e os seus habitantes estiveram assim pouco integrados à nova realidade urbana da cidade. Os que residiam nas bordas do perímetro urbano, nas suas áreas de transição:

[...] pouco vivenciavam os espaços sociais e recreativos da cidade, viviam em habitações precárias, de madeiramento de baixo valor, cobertas de “tabuinha” ou “sapê”. Não tinham acesso à maioria dos bens e serviços urbanos e encontravam-se numa situação restrita, em condições de sobrevivência. (SILVA, 2002, p. 51).

A produção da vida urbana em Presidente Prudente se deu ao mesmo tempo em que a produção de seu espaço urbano, como não poderia deixar de ser. A consolidação da vida urbana – com a difusão mais acentuada de valores e práticas sociais próprias da sociedade urbana – pode ser identificada a partir daquele momento em que na cidade começa

a se efetivar uma paisagem urbana junto ao desenvolvimento de instituições igualmente urbanas, como as administrativas, escolares, de saúde, e também de lazer, como é o caso dos clubes.

Foi no quadrilátero histórico da cidade – entre as quatro avenidas – que se concentrou inicialmente a maior parte das atividades urbanas (comerciais, de serviços etc.) bem como a vida social da cidade, seja nas escolas, nas praças, nos cinemas, nos bares, nos clubes etc. A vida urbana teve assim a sua centralidade definida primeiramente nesse espaço, a partir de onde foram sendo reproduzidos valores e práticas sociais tipicamente urbanos, cujo alcance foi se estendendo à população junto com o crescimento da cidade.

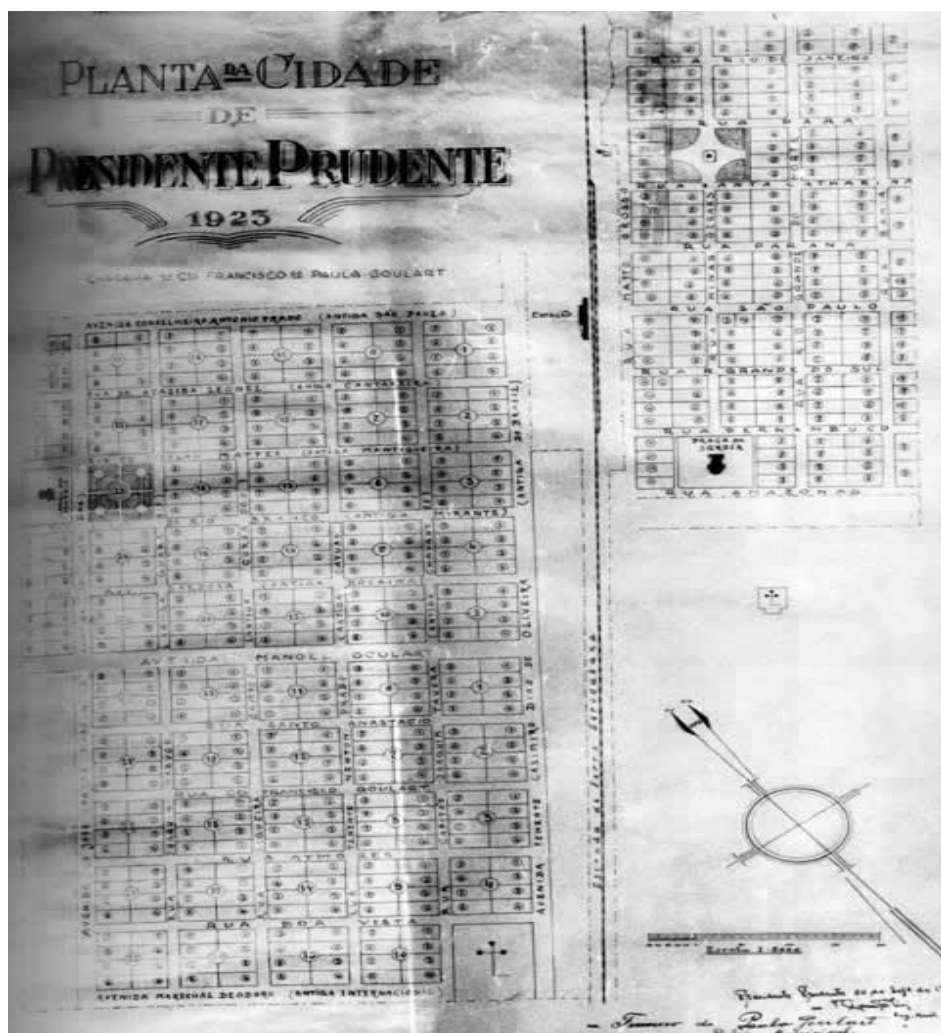


FIGURA 1: Planta da cidade de Presidente Prudente (1923).

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).



FIGURA 2: Praça Nove de Julho, em 1933, ano de sua inauguração.

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).



FIGURA 3: *Esplanada da Estação (Praça da Bandeira), em 1940.*

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).



FIGURA 4: *Rua Nicolau Maffei, em 1940, já pavimentada.*

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).

CAPÍTULO II

LAZER E VIDA URBANA EM PRESIDENTE PRUDENTE: ENTRE O SAGRADO, O PROFANO E O CÍVICO

2. Entre o sagrado, o profano e o cívico

Neste capítulo vamos considerar a vivência do lazer diante da manifestação do sagrado, do profano e do cívico nas festas realizadas na cidade, nas décadas de 1920, 1930 e 1940, em suas seguintes formas: as festas religiosas, o carnaval e as festas cívicas ou patrióticas.

2.1. Festas

De modo geral, as festas funcionam como elemento de coesão e de afirmação da unidade e vitalidade de um grupo. Nas sociedades tradicionais, as festas eram marcadas pelo sentido de ruptura com o dia-dia comum, por exemplo, quando realizadas após o período de colheita assinalando aí o fim de uma longa jornada de trabalho coletivo bem como a fartura de alimentos. No mundo contemporâneo, por sua vez, as festas deixaram de se realizar nos moldes comunitários, ganhando assim novas características e significados. Na interpretação de Dumazedier (1973, p. 76) a relação da festa com o rito e a cerimônia, que caracterizava as festas tradicionais, se enfraqueceu e ao mesmo tempo a festa diluiu-se na vida cotidiana, perdendo assim seu caráter explosivo e mesmo catártico.

Em Presidente Prudente, a festa em seu sentido tradicional pode ser identificada nos primórdios da cidade, quando esta se encontra ainda sob o domínio da vida rural. A partir do momento em que a cidade começa a crescer e a desenvolver uma vida, por assim dizer, mais urbana, muitas festas tradicionais, principalmente as festas religiosas, são suprimidas ou então ganham novos significados. Ao mesmo tempo, outras festas ganham espaço na vida social da cidade, como o carnaval e as festas cívicas, que são manifestações típicas de uma sociedade urbana.

2.2. As festas religiosas

Nos primeiros anos de existência da cidade é possível observar uma estreita relação entre o lazer da população e a religião predominante, no caso o catolicismo. Era nos dias de celebração religiosa e nos dias de

guarda (domingos e feriados) que a população encontrava a sua principal forma de lazer: as festas. Identificamos aí a forte influência de Igreja católica, fazendo prevalecer o sentido da festa no conjunto das práticas lúdicas populares, o que, segundo Requixa (1977), não aconteceu nos países com influência protestante.¹²

Assim, nos primeiros tempos da cidade, como bem já observou Silva (2002), a Igreja católica:

[...] exercia um papel significativo na vida social, cultural e política da cidade e não simplesmente religiosa, sendo de berço católico a maioria das famílias que aqui viviam. Conseqüentemente, a festa era também predominantemente religiosa e havia mais feriados do que agora: Santo Antônio era feriado, São João, São Pedro [...] além do Natal, da Páscoa (SILVA, 2002, p. 47).

As festas religiosas têm como base o calendário litúrgico instituído para comemorar as datas do Senhor, de Nossa Senhora, bem como para comemorar os dias santificados. Todavia, essas festas, historicamente, parecem estar mais efetivamente ligadas às tradições e ritos populares que estritamente às ordenações clericais. Uma característica importante dessas festas, é que elas se compõem de manifestações ao mesmo tempo sagradas e profanas.

Judith Elazari (1979), em estudo sobre vida social da cidade de São Paulo entre 1850 e 1910, destaca que as principais festas religiosas encerravam não só as tradicionais atividades sacras como também uma série de práticas profanas, como bebedeiras, jogatinas e até prostituição, que tanto causava indignação em moralistas da época. A autora observa ainda que devido à amplitude dessas festas, elas atraíam parte considerável da população, promovendo intensa movimentação pela cidade, e assim representavam momentos de ruptura coletiva com o dia-dia comum vivenciado. Porém, já no início do século XX, com as transformações urbanas verificadas, as festas religiosas acabaram perdendo importância na vida da

¹² Ainda segundo Requixa (1977), esse quadro só veio a sofrer transformações durante a urbanização e industrialização brasileira, quando passam a predominar comportamentos lúdicos tipicamente urbanos, isto é, da civilização urbana-industrial.

cidade, contribuindo para isso, entre outros fatores, a emergência de novas e modernas formas de lazer, típicas de uma sociedade urbana.

Fenômeno semelhante ao descrito por Elazari pode ser verificado em Presidente Prudente, embora com suas particularidades. Nos primeiros anos de existência do núcleo urbano, como dito inicialmente, as festas de natureza religiosa constituíam a principal e mais permanente forma de lazer da população. Predominavam, nesse momento da história da cidade, práticas e valores próprios do mundo rural, e as festas religiosas integravam esse universo, exercendo papel significativo na vida social da cidade. Mas quando esta começa a experimentar uma urbanização mais intensa, a partir de 1930, as festas religiosas começam a perder relevo, e ao mesmo tempo ganham destaque novas formas de lazer urbano, como o *footing* e o cinema.

Se, por um lado, as novas formas de lazer avançavam cada vez mais sobre aquelas de inspiração religiosa, por outro, a Igreja manifestava preocupação quanto ao caráter dessas novas atividades que povoavam o tempo livre das pessoas. Nesse sentido, ela procurava preservar o caráter sagrado dos dias de descanso ao mesmo tempo em que orientar a população no desenvolvimento de práticas (de lazer) consideradas dignas, conforme transparece em artigos publicados na “Secção Religiosa” do jornal “A Voz do Povo” ainda no final da década de 1920:

“[...] Mas o Domingo não é só do senhor, é também o dia do homem. Deus criando o homem deu-lhe a alma e o corpo e pôs entre este e aquele um vínculo tão estreito, tão íntimo que se a alma não repousa, o corpo sofre e se o corpo não descansa, a tranqüilidade não desce ao espírito. Deus com amoroso desvelo da sua Providência proveu a esta necessidade estabelecendo o descanso de Domingo; e este descanso foi o mesmo Artista supremo que regulou, segundo o organismo e as forças do homem e o fixou um dia inteiro renovando periodicamente de seis em seis dias.

Deste modo, assim como o descanso da noite nos foi dado para restaurar-nos das fadigas do dia o descanso do Domingo serve para reparar as forças

despendidas com o trabalho circunscrito a semana: e o homem entra no pensamento de Deus quanto, quando neste dia chama este dia de recreação, quase nova criação.

Assim aprovou Deus estabelecer nas suas leis o equilíbrio da nossa existência com um descanso determinado. [...]” (A Voz do Povo, 13/03/1927, nº 64, grifo nosso).

“O Recreio

O recreio – parenthesis indispensavel nas lides escolares – é exigido imperiosamente pela idade dos jovens, pelas suas inclinações, pela sua natureza e pela sua saúde.

Os jovens carecem de brincar, de jogar, de repousar e de dispendir em divertimentos innocentes a exuberancia da sua seiva, e vivacidade do seu gênio o ardor do seu temperamento. Precisam de se expandir livremente, de desenvolver as forças; precisam de ar, de espaço, de sol, de movimento, de ruído, de vida. Tornam se necessários os jogos, e as expansões, até para a formação do seu character e da sua alma. Não há meio termo para os jovens: ou se recreiam ou se aborrecem. Ora o tédio gera a tristeza; a tristeza que comprime a alma e irrita o character é má conselheira. O jovem triste, enfastiado, descontente, é assediado pelas impressões mais penosas e pelas inspirações mais funestas.

Os seus maus instintos manifestam-se de um modo inevitável, se não entregar a honestos passa tempos: pelo contrário, se elle joga, se se recreia, se se expande, velo-emos alegre, contente e feliz e as más inclinações cedem ás boas.

Mgr. Dupanloup” (A Voz do Povo, 22/01/1928, nº 110, grifo nosso).

É principalmente por meio da idéia de “recreação” que a moral religiosa estabelece limites ao desenvolvimento das atividades de lazer. A recreação diz respeito a um conjunto de atividades lúdicas orientadas para recuperar o homem para o trabalho, ou prepará-lo para a vida produtiva. É precisamente aí que a religião encontra afinidade como o lazer, e é também aí que ela exerce influência restritiva sobre as formas de lazer.

Sobre essa questão, Parker (1978, p. 133) esclarece que as formas de lazer consideradas perniciosas, como os jogos de azar, historicamente sofreram oposição da Igreja porque a ideologia religiosa, baseada em princípios de recompensa e castigo, não poderia permitir que a sorte se tornasse também uma ideologia poderosa, concorrente, sendo assim incentivado apenas as formas recreativas de lazer.

Vejamos, particularmente, algumas festas religiosas realizadas em Presidente Prudente, nos primórdios da cidade. Elas podem ser classificadas em duas modalidades distintas: as festas espontâneas (não institucionalizadas) e as institucionalizadas. A primeira modalidade podemos exemplificar com as festas juninas, e a segunda com as festas do padroeiro da paróquia, São Sebastião, de organização direta da Igreja local.

Segundo relato de José Rainho Teixeira, em carta enviada a redação do jornal “A Voz do Povo”, publicada na edição de 03/07/1930, nº 219, a primeira festa junina de Presidente Prudente aconteceu no ano de 1920, quando a cidade resumia-se a um pequeno povoado de “boca do sertão”. Foram os festejos de São João:

“São João

de 1920 em Presidente Prudente

Do Sr. Cap. José Rainho Teixeira, antigo morador nesta cidade, onde goza de geral estima, recebemos a seguinte carta:

No dia 23 e 24 de Junho, 1920, o povo de Prudente organizou tão grande festa em louvor a São João Bastista, que jamais foi vista em tão pequena povoação, pois teria neste tempo apenas umas 200 casas.

Houve terço em casa do Sr. Antônio Lopes (hespanhol) e fogueiras por diversas ruas. Eu fui o rezador do terço, e fiz um discurso conforme o meu saber, animando o povo, fazendo-lhe ver que estávamos em uma nova terra da promessa.

Foram soltados 120 duzias de foguetes e grande número de balões, milhares e milhares tiros de carabinas foram disparados e de outras armas.

Eu por ver tão grande tiroteio, que parecia mais uma guerra do que uma festa de São João, pedi a conta a todos os negociantes para ver quantas balas foram gastas naquellas duas noites, dando um total de 4:886\$000, isto sem contar as balas que cada um tinha para o seu uso. Não houve briga, só apareceu morta uma cabra por uma bala, no lugar onde hoje é a machina 'Santa Rosa'.

No dia 24 todos os habitantes fecharam suas casas e ninguém sahiu á rua pois, era tão grande o tiroteio que parecia uma viva guerra.

Assim foi commemorada a primeira noite de São João Batista nesta cidade.

José Rainho Teixeira” (A Voz do Povo, 03/07/1930, nº 219).

Este relato, dos mais pitorescos, nos dá uma idéia geral de como eram e o que representavam as festas juninas nesse período inicial da vida da cidade, quando esta se limitava a algumas poucas quadras, que hoje configura o centro. As ruas eram de terra batida, cheias de troncos, resquícios da matada a pouco retirada, e sem qualquer infra-estrutura urbana. Nas noites juninas daqueles anos ficavam tomadas por inúmeras fogueiras, ocasiões em que se desenvolviam uma série de brincadeiras típicas, muitas vezes temerárias, como é possível constatar no relato acima. Essas festas representavam momentos de libertação “explosiva” da população, ou seja, de ruptura com o cotidiano então vivenciado na cidade com muita agrura quanto à falta de infra-estruturas e serviços urbanos. Depois, com o crescimento e desenvolvimento urbano da cidade, as festas juninas foram adquirindo novas características; gradualmente banidas das ruas, essas festas ficaram cada vez mais circunscritas a espaços fechados como escolas, clubes etc., bem como freqüentemente associadas ao universo infantil, perdendo assim seu antigo significado.

A festa de louvor ao padroeiro da paróquia São Sebastião, como já dissemos, diferente das festas juninas, que em geral aconteciam de forma espontânea entre a população, era organizada pela Igreja local, e exercia importante impacto sobre a vida social da cidade, com grande participação da população local e vicinal. A primeira edição dessa festa ocorreu no ano

de 1926, no largo da Matriz (atual Praça Nove de Julho), local onde continuou a acontecer nos anos seguintes.¹³

Numa mistura de manifestações sagradas e profanas, a Festa de São Sebastião continha as tradicionais atividades religiosas, como missas, ladainhas cantadas, exposição do Santíssimo, procissão pelas ruas, etc., e também quermesses que ofereciam um conjunto de divertimentos e atrações recreativas, como jogos, leilões, concertos musicais, etc. Os dias de maior festejo eram anunciados na alvorada com repiques de sinos e salva de tiros, quando então a cidade experimentava momentos de completa ruptura com o seu dia-dia comum. A organização dos festejos era realizada pelos conhecidos “festeiros”, que cuidavam desde os preparativos com arrecadação de donativos e prendas para os leilões e as quermesses até a contabilidade final da festa. A função de festeiro era vista como sendo honorífica e denotadora de “status”, sendo assim exercida por membros de famílias de prestígio social e poder econômico e político na cidade.

Além da Festa de São Sebastião, nesse período inicial da vida da cidade, outras festas religiosas, como a Festa de Nossa Senhora¹⁴ e a Festa de São Roque¹⁵, aconteciam no largo da Igreja Matriz. Também não podemos deixar de considerar as atividades da Semana Santa, quando durante a maior parte da semana predominavam as atividades religiosas, com missas e procissões, que marcavam o drama da morte do Cristo, e depois, no Sábado de Aleluia e Domingo de Páscoa, a ressurreição era comemorada com atividades festivas. Eram comuns os bailes de aleluia em versões semelhantes aos bailes carnavalescos, ou então eram temáticos como o fora o “Baile Oriental” realizado no Sábado de Aleluia do ano de 1938, no salão do “Cine Theatro Phenix”.¹⁶ Esses bailes, como as festas religiosas de modo geral, eram promovidos de forma a levantar fundos para a construção, inicialmente, da Santa Casa e depois da nova Igreja Matriz.

¹³ Confira FIGURA 5, página 62.

¹⁴ A Voz do Povo, 09/10/1927, n.º 95.

¹⁵ A Voz do Povo, 13/10/1940, n.º 800.

¹⁶ A Voz do Povo, 03/04/1938, n.º 553.

Expressavam assim a capacidade de mobilização da sociedade local, de sua elite, no sentido de realizar suas “obras” na cidade.

2.3. As festas carnavalescas

O carnaval é sem dúvida a mais popular e profana das festas e parece estar estreitamente vinculado ao mundo urbano. Sua origem está no “entrudo”, um tipo de folguedo que predominou nas principais cidades brasileiras até meados do século XIX. O entrudo consistia num bloco de pessoas mascaradas que, durante os três dias que antecedia a Quarta-feira de Cinzas, saíam às ruas atirando farinha e laranjinhas d’água¹⁷ uns aos outros mas também em qualquer outra pessoa transeunte, ou mesmo naquelas que porventura estivessem dentro de suas casas, no portão ou em alguma janela observando a passagem do bloco. Daí serem comuns as brigas, confusões e reclamações decorrentes desse tipo de folguedo. A transformação do entrudo em carnaval se dá com a formação das primeiras sociedades carnavalescas, quando estas passam a organizar seus préstitos para sair às ruas em desfile. Outros sinais que acompanharam essa transformação foram a realização dos primeiros bailes de salão e a substituição das batalhas de laranjinhas por batalhas de confetes, serpentinas e lança-perfumes (ELAZARI, 1979).

Em Presidente Prudente, já a partir de meados da década de 1920, o carnaval era realizado com grande participação popular, nas ruas e outras áreas públicas da cidade bem como nos salões de clubes e cine-teatros. Embora a festa de origem religiosa fosse ainda predominante, o carnaval já se revelava uma realidade significativa e denotadora de uma sociedade local cujo sentido era se tornar cada vez mais urbana, na sua cultura material e imaterial.

Nos primeiros carnavais da cidade, conforme é possível observar em alguns recortes de jornais da época, a folia era animada pelos cordões com seus calorosos embates de serpentinas, confetes e lança-perfumes. Também

¹⁷ As laranjinhas eram frutas artificiais, feitas de cera, recheadas com água perfumada.

existiam os cursos que saíam às ruas da cidade com seus carros enfeitados, uma exibição do objeto-símbolo maior da sociedade urbana – o automóvel, cada vez mais presente na vida da cidade, não só como meio de transporte mas também como instrumento de lazer.

“[...] haverá na bela e ampla praça do Parque São Sebastião renhidos embates de lança perfumes e outras diversões e surpresas que estão reservadas aos foliões.

Á noite, no Parque haverá concorridísimos bailes familiares à fantasia.

Outra surpresa empolgará o público folião – Os bailes nos salões do Theatro Santa Maria em honra aos seus espectadores” (A Voz do Povo, 13/02/1927, n.º 60).

“CARNAVAL

As festas carnavalescas nesta cidade excederam em tudo a expectativa geral.

A crise economica que perdura, assoberbando todas as classes, o tempo chuvoso que vinha se prolongando, tudo nos fazia pensar que os festejos do Carnaval se limitassem a uns simples bailes á phantasia e “cancans” ás horas mortas.

Assim porem não foi: como nos contos de fadas, a cidade transmudou-se, engalanou-se; estrugiram as sereias da alegria, que numa superabundante cheia invadiu todas as almas.

E os lança-perfumes e os confettis e as serpentinas campearam; movimentaram-se nas ruas, sahiu a população ao ar livre e a grandeza da praça do Parque São Sebastião tonificou-lhes os pulmões.

Cerca de 100 automoveis e caminhões deram animação ao curso.

[...]

Na quarta-feira, ainda com saudades da folia, muita gente foi ás cinzas, voltando aos lares tendo a cantar-lhe ao ouvido o ‘momento homo’.

Pois que somos pó, tudo se desfaça, mas reste ao menos uma lembrança da passagem da gente pela vida” (A Voz do Povo, 03/03/1927, n.º 62).

“CARNAVAL

Segundo nos informam e a notar-se pela grande animação que corre em todos os meios de nossa sociedade, os festejos carnavalescos este anno vão ser solemnizados condignamente em Presidente Prudente.

Assim é que, estão sendo organizadas poderosas comissões de festejos, e, no Cine Theatro Internacional e no Theatro Santa Emilia haverá bailes á phantazia, estando reservado surpresas e surpresas.

A nota chic destes dias de delírio, está precisamente o corso e nas batalhas de perfumes, confettis e serpentinas” (A Voz do Povo, 27/01/1929, n.º 157).

Se, por um lado o carnaval pode ser considerado uma festa característica da sociedade urbana, por outro ele mantém muito do sentido das festas tradicionais, qual seja, o de libertação explosiva da população. Como é possível observar nos recortes acima e nos que virão a seguir, durante os dias de carnaval a cidade ganhava um novo ritmo, tudo nela mudava, quando o cotidiano da então pequena urbe se rompia na fruição do lúdico e no transe.

O urbano, gerador de novas formas de iniciativa e de organização, já se transparecia no carnaval através das primeiras sociedades carnavalescas constituídas num período em que a cidade ainda não comportava uma vida verdadeiramente urbana. No final da década de 1920, junto com os primeiros carnavais, nasceram as sociedades da “Vila Nova”, da “Vila Marcondes” e o “Clube dos Batutas”¹⁸, sendo esta última sociedade composta principalmente por médicos, advogados, demais profissionais liberais recém chegados à cidade e outros elementos da então nascente elite urbana.

Durante os dias de carnaval, cada sociedade carnavalesca compunha o seu cordão e o seu corso, cuja saída pelas ruas era anunciada com antecedência para que a população pudesse prestigiar:

“O Club dos Battutas

¹⁸ A Voz do Povo, 03/02/1929, n.º 158.

Hoje, as 4 horas da tarde, o Clube dos Batutas, cuja directoria provisoria está assim constituída: Presidente – Jacinto Ferreira da Silva e membros – Felicio Tarabay, Felicio Elias João, Pedro Jorge, Dr. Antonio Uchôa Filho, José Aguera Plazas, Tuffi Athia, Max de Barros, Pedro Larocca e Francisco de Barros, sahirá á rua com o barulhento Zé Pereira e o curso carnavalesco, havendo batalha de serpentinas, lança-perfume, etc.

Sabemos que são innumros os carros phantaziados e muitos delles, com primor e sobretudo muito luxo” (A Voz do Povo, 27/01/1929, n.º 158).¹⁹

O itinerário dos cursos também era previamente divulgado sob determinação das autoridades do município, devendo ser obrigatoriamente observado pelos condutores dos automóveis em desfile. Compreendia as ruas centrais da cidade, onde se localizavam as principais casas comerciais e hotéis e onde residiam os moradores de maior poder econômico:

“Ecos do Carnaval

[...] as autoridades municipais ou policiais, publicam previamente, o itinerário a ser observado pelos cursos carnavalescos. Na falta dessa determinação, está claro, o curso seguirá o ultimo roteiro, o qual, nesta cidade, tem sido sempre o mesmo, isto é, Rua João Pessoa [atual Tenente Nicolau Maffei], Av. dos Estados [atual Av. Col. José Soares Marcondes], Rua Barão do Rio Branco e Av. Brasil [atual Casemiro Dias]. [...]” (A Voz do Povo, 18/02/1932, nº 277).

Para essas ruas afluíam as camadas populares que do passeio observavam e aplaudiam os carros em desfile, que levavam em seu interior o proprietário e seus familiares ou amigos. Alguns carros representavam casas comerciais da cidade, que utilizavam a ocasião para fazer publicidade:

“Carnaval

[...]

Entre os carros que tomaram parte no curso vimos os seguintes:

¹⁹ Confira ainda a FIGURA 6, página 62.

Automovel – reclamo da Agencia Ford, dando idea do modo sempre original que a firma Marcondes & Oliveira fazem os reclamos dos afamados automoveis Fords.

Automóvel da familia Josué de Toledo; Automovel particular de Elizeu Prestes Cezar conduzindo gentis senhoritas; Automovel particular de Jacintho Ferreira da Silva, com foliões trajando de bellas phatazias; Automovel particular de Francisco Marques Filho, conduzindo foliões com expressivas phantazias; Automovel Cruz Vermelha de José Aguera Plazas; [...]” (A Voz do Povo, 03/02/1927, nº 62).

“Carnaval

[...]

Sabemos que diversas casas comerciais preparam carros reclames para os 3 dias de Carnaval.

O Bar Melódia, também se apresentará com o seu carro cantando a Melodia de suas alegrias suaves. E assim vamos ter um Carnaval de arromba nesta cidade este anno, graças á iniciativa de distinctos cavalheiros de nossa cidade” (A Vos do Povo, 27/01/1929, n.º 157).

Dado a notoriedade daqueles que saíam nos cursos, era comum o aluguel de automóveis durante o carnaval:

“Automóveis para o carnaval

Aluga-se para os três dia de carnaval uma possante ‘Studebacker’ com sete logares e um caminhão ‘Chevrolet’.

Para tratar com Antônio Gerbasi & Albieri na Oficina Progresso” (A Voz do Povo, 18/02/1928, n.º 114).

No comércio local a venda de artigos carnavalescos fazia crescer o lucro de comerciantes, contribuindo para isso também aumento da venda de produtos alimentícios e de bebidas. Os artigos carnavalescos eram confetes, serpentinas, lança-perfumes e materiais utilizados na

ornamentação de veículos. Dias antes do início do carnaval já eram notados anúncios nos jornais: *“A Casa Naufal, tem 80 contos de artigos carnavalescos para acudir as necessidades dos festejos Carnavalescos.”*²⁰ O lança-perfume, muito utilizado na época pelos foliões para “alegrar” o ar que respiravam nas ruas, nos salões e mesmo dentro dos carros durante o corso, também era anunciado: *“Lança-perfumes para o carnaval”*, propagandeava a casa comercial “Ao Novo Mundo”.²¹

A partir do início da década de 1930 a cidade começou a comportar um ambiente mais urbano e também de uma vida social e econômica mais significativa. Novos e modernos prédios foram construídos para abrigar atividades das mais diversas como cinemas, clubes, casas comerciais e serviços públicos. A Praça Nove de Julho ganhara um novo e aprazível jardim, e as ruas da área central sarjetas e calçamento. Estes novos espaços da cidade, durante o carnaval recebiam iluminação especial e decoração. Além disso, coretos eram erguidos em alguns pontos, abrigando bandas que tocavam animando os foliões. Quem cuidava dos preparativos era a própria Prefeitura:

“Carnaval

[...].

Ficou deliberado, que o centro da cidade seria fericamente illuminado nas tres memoraveis noites, e varios coretos seriam levantados nos pontos de maior movimento.

Varias bandas de musica se fariam ouvir em pontos previamente escolhidos, pelas respectivas comissões.

[...]” (A Voz do Povo, 10/01/1937, n.º 482).

“O Carnaval Prudentino

[...]

A praça ‘9 de Julho’ recebeu artística decoração á lampadas de côres em arco brancos e altos, dando ao jardim aspecto festivo e de radiante beleza,

²⁰ A Voz do Povo, 27/01/1929, n.º 157.

²¹ A Voz do Povo, 17/02/1935, n.º 393.

devendo-se isso á nossa Prefeitura Municipal” (A Voz do Povo, 02/03/1941, n.º 838).

Assim, a praça e ruas centrais ficavam tomadas por um grande número de foliões. Além disso, eram realizados bailes em salões de cine-teatros e clubes (também localizados na área central da cidade); porém, diferente do carnaval de rua, aberto à população em geral, o acesso a esses bailes era restrito aos pagantes ou associados de clubes promotores.

Num contexto de transformações urbanas e de uma estrutura social cada vez mais complexa, o “*gygantesco progresso*” de Presidente Prudente tinha expressão na euforia carnavalesca daqueles anos das décadas de 1930 e 1940:

“Carnaval

Presidente Prudente terá este anno um carnaval na altura de seu gygantesco progresso. Projecta-se grandes festejos carnavalescos, cujo brilho empolgará a nossa grandiosa população.

Teremos diversos carros alegóricos, imponente corso e muitos cordões composto da fina flôr da nossa entusiastica mocidade.

Haverá bailes a phantasia nos salões da Santa Casa nos dia 2, 3, 4 e 5, promovidos pela sua directoria em beneficio da conclusão de suas obras.

O Commercial Futebol Clube, alem de seu majestoso cordão, dará 4 imponentes bailes a phantasia na Barraca do Largo, onde funccionou a Kermesse.

O Clube Atlético Prudentino, alem de seu garboso cordão, dará também bailes.

O Rádio Clube Prudentino, abrirá seus salões para 4 grandes bailes.

No Cine Internacional, dos sympathicos Irmãos Gomes, como sempre, animados bailes.

O carnaval, portanto, promete, este anno, uma annimação fóra do commum, ultrapassando mesmo a nossa expectativa.

A postos foliões Prudentinos!” (A Voz do Povo, 10/02/1935, n.º 392).

“Carnaval

[...]

As ruas de Presidente se encheram de povo, de camadas procedentes de seus districtos e até das cidades vizinhas, concentrando-se, de prefencia, em nosso principal jardim e nas imediações do cinema.

Neste ultimo trecho, achavam-se postas as nossa duas bandas de musica, graças as quais subiu, alli, ao auge da animação em homenagem ao Deus Momo

O corso esteve, por sua vez, bastante animado.”

[...]” (A Voz do Povo, 06/03/1938, n.º 545).

“[...]

O corso também esteve bastante animado nos três dias, notando-se alguns automoveis ocupados por distintos rapazes e bellas senhoritas lindamente phantaziadas.

Também percorriam as ruas da cidade e a Praça do Jardim, lindas creanças e senhoritas bellamente phantaziadas, e diversos cordões” (A Voz do Povo, 11/02/1940, nº736).

Podemos considerar ainda, além do carnaval, outras festas profanas realizadas na cidade. Festas dançantes e bailes em geral aconteciam nos salões dos clubes e cine-teatros; e festas populares aconteciam na Praça Nove de Julho e, a partir de 1940, também no Bosque Municipal:

“Salão Fenix

Em homenagem a sociedade prudentina, vae ser iniciada no Salão Fenix, uma temporada de bailes da primavera, que se realizarão todos os sábados durante essa estação. [...]” (A Voz do Povo, 01/10/1936, nº 470).

“Domingueiras

No Leader-Club

Continua o Leader-Club a promover animadas ‘brincadeiras’ aos domingos, que tanta falta vinham fazendo á mocidade prudentina, e que enorme sucesso vem alcançando.

Toda a élite prudentina tem comparecido ao Leader, e as dansas vão até ás 24 horas num ambiente alegre de distinção” (A Voz do Povo, 29/02/1940, nº741).

“Grande Baile

A Liga Estudantina de Presidente Prudente, órgão de Literatura, Recreativo e Esportivo do Ginasio São Paulo, fará realizar no próximo sabado, dia 12, um gracioso Baile a Chita, em comemoração ao ‘Dia da Raça’.

[...]” (A Voz do Povo, 10/10/1940, nº 799).

“Ano Novo no Parque

Em nosso Parque reinou muita alegria na passagem do ano.

A noite de São Silvestre foi festejada lá, num ambiente popular, e ao qual não faltou a necessária ordem e o animo de sempre.

[...]

O baile no bosque foi igualmente animado de modo que tôda a população de Presidente Prudente entrou festivamente o ano de 1940” (A Voz do Povo, 07/01/1940, nº729).

2.4. As festas cívicas

Em 25 de setembro de 1927, o jornal “A Voz do Povo”, em seu nº 93, informava sobre a comemoração cívica realizada no dia 20 passado, pela Colônia Italiana (Sociedade Nova Itália), em razão da “*grande unificação da nação do Adriático*”. Conforme programação divulgada, essa festa contou com carreata pelas ruas, ao som da Banda Santa Cecília; sessão magna no

“Cine Teatro Internacional”; e, por fim, *“muita cerveja e discursos”* na casa do Sr. José Rivoto, um dos integrantes da colônia.

Temos aí um exemplo de festa de natureza cívica realizada de forma a compor o quadro de acontecimentos sociais da cidade. Da mesma forma, outras datas cívicas transformavam-se em eventos festivos da população, como o 7 de Setembro, em alusão à Independência do Brasil, que em 1928 foi comemorado em grande evento marcado pela participação de escoteiros da cidade e da região, havendo nesse dia solenidades cívicas e diversas atividades recreativas, e à noite um grandioso Baile de Gala no salão do Teatro Santa Emília, que invadiu a madrugada.²² Treze anos mais tarde, em 1941, essa mesma data foi comemorada com apresentação da Banda “7 de Setembro”, na Praça Nove de Julho, e outras atividades em clubes e colégios da cidade.²³ Esse foi o formato comum das festas cívicas nas décadas de 1930 e 1940:

“Grupo Escolar de Presidente Prudente

3 de Maio

Programação para a comemoração do 428º aniversário do descobrimento do Brasil

Convite ao Povo em Geral

1º Parte: No recinto do Grupo Escolar: sessão de poesias e conto do Hino.

2º Parte: (à tarde) No largo da Martriz

Atividade Esportiva: salto em altura, corrida de velocidade 200 ms., demonstração de gymnastica” (A Voz do Povo, 29/04/1928, n.º 122).

“Gremio Familiar 21 de Abril

Comemorando a data de 3 de maio, descoberta do Brasil, o ‘Gremio Familiar 21 de Abril ofereceu aos seus associados uma entusiastica festa dansante onde compareceu grande número de exmas familias e cavalheiros de nossa melhor sociedade.

²² A Voz do Povo, 05/08/1928, n.º 135 e 13/09/1928, n.º 140.

²³ A Voz do Povo, 11/09/1941, n.º 887.

A festa que terminou às 4 horas da madrugada foi abrilhantada pela victoriosa Philharmonica São José sob a batuta do competente e incansavel maestro Sebastião Ferreira.

- *Sabemos que o Gremio projecta para estes dias a sua partida official do mez, em seu novo salão ora em reparos.” (A Voz do Povo, 11/05/1930, n.º 213).*

Em 1941, a data de aniversário do então Presidente Getúlio Vargas também foi comemorado na cidade em clima de festa cívica, aliás uma grande festa, que conforme extensa programação divulgada na imprensa local²⁴, contou com: missa na Igreja Matriz; desfile de alunos do Tiro de Guerra 20, do Ginásio São Paulo e de membros de entidades recreativas, tendo como referência o palanque armado em frente ao Clube Atlético Internacional (CAI); sessão solene e espetáculo teatral no Cine Teatro Fênix; festa popular animada por orquestra no Bosque Municipal; e, finalmente, à noite, Baile de Gala no salão do Liader-Clube. Era o nacionalismo pós “Revolução de 1930” fazendo-se sentir no plano local.

Principalmente a partir do Governo de Getúlio Vargas, em 1930, em face da emergência de valores patrióticos e de ordem, as festas cívicas tornaram-se freqüentes na vida da cidade. Essas festas representavam momentos de oportunidade de lazer para a população, já que as comemorações iam além das tradicionais cerimônias cívicas e incluíam um conjunto de outras atividades, desde jogos recreativos envolvendo estudantes dos grupos escolares até concorridos bailes nos salões dos clubes. As festas cívicas constituíam assim elemento importante da vida urbana em ascensão, contribuindo na difusão de atividades e valores relacionados ao lazer na cidade.

²⁴ A Voz do Povo, 24/04/1941, n.º 850.

A Voz do Povo

Parochia de Presidente Prudente

Solemnes festas em louvor do glorioso MARTYR

SÃO SEBASTIÃO

Padroeiro desta Parochia

As festas começarão domingo, dia 3 de Outubro, e terminarão no domingo, dia 10, obedecendo ao seguinte

Programa

Dia 3 — Às 8 horas — Alvorada, bênção e missa. Missa do Santíssimo e do Apóstolo. Às 10 horas — Missa do Senhor Jesus, com encenação e cânticos. Às 10 horas — Missa Convivial e exposição da Bta. Eucaristia. Às 14 e meia horas — Inauguração do TABUQUE DO SÃO SEBASTIÃO que ficará aberto ao público para honrar a tradição e onde se encontrará atraindo a honra da criação, jogos, esportes e surpresas de alta qualidade que poderão ser fruídas pelas crianças e até pelas pessoas mais velhas. Às 19 horas — Dia de confraternização, lanchinha cantada, exposição e Bênção do Santíssimo Sacramento. Às 20 e meia horas — Conclamação pela Bandeira do Parque São Sebastião que terminará às 22 horas.

Dia 4 — Às 8 horas — Missa festiva de transição. Às 10 horas — Novena com a mesma solenidade do dia anterior, repouso no culto as mesmas

horas até o sábado dia 9. Às 20 e meia horas — Missa do Santíssimo e do Apóstolo. Às 22 horas — Missa do Senhor Jesus, com encenação e cânticos. Às 10 horas — Missa Convivial e exposição da Bta. Eucaristia. Às 14 e meia horas — Inauguração do TABUQUE DO SÃO SEBASTIÃO que ficará aberto ao público para honrar a tradição e onde se encontrará atraindo a honra da criação, jogos, esportes e surpresas de alta qualidade que poderão ser fruídas pelas crianças e até pelas pessoas mais velhas. Às 19 horas — Dia de confraternização, lanchinha cantada, exposição e Bênção do Santíssimo Sacramento. Às 20 e meia horas — Conclamação pela Bandeira do Parque São Sebastião que terminará às 22 horas.

Dia 10 — Festa de S. Sebastião

Às 8 horas — Alvorada, bênção e missa festiva do Santíssimo e do Apóstolo. Às 10 horas — Missa do Senhor Jesus, com encenação e cânticos. Às 10 horas — Missa Convivial e exposição da Bta. Eucaristia. Às 14 e meia horas — Inauguração do TABUQUE DO SÃO SEBASTIÃO que ficará aberto ao público para honrar a tradição e onde se encontrará atraindo a honra da criação, jogos, esportes e surpresas de alta qualidade que poderão ser fruídas pelas crianças e até pelas pessoas mais velhas. Às 19 horas — Dia de confraternização, lanchinha cantada, exposição e Bênção do Santíssimo Sacramento. Às 20 e meia horas — Conclamação pela Bandeira do Parque São Sebastião que terminará às 22 horas.

Sendo esta a primeira festa que o glorioso mártir de Presidente Prudente vai celebrar em honra de seu nome, MARTYR SÃO SEBASTIÃO, os festeiros da Parochia, com o intuito de proporcionar a todos os habitantes da cidade, uma festa de grande beleza e interesse, sob a proteção dos santos e da Divina Providência, e de proporcionar a todos os habitantes da cidade, uma festa de grande beleza e interesse, sob a proteção dos santos e da Divina Providência, e de proporcionar a todos os habitantes da cidade, uma festa de grande beleza e interesse, sob a proteção dos santos e da Divina Providência.

Da população da Parochia, em primeiro lugar, os habitantes, lanchinha, lanchinha, etc., esperamos com alegria, presentes, músicas, brincadeiras, produção de arte e classe para os jogos e recreação.

PRESIDENTE PRUDENTE, SETEMBRO DE 1926

Os Festeiros:

FIGURA 5: Anúncio da primeira Festa de São Sebastião, em 1926.
Fonte: A Voz do Povo, 16/07/1926, n.º 16.

Carnaval

Hoje - DOMINGO - Hoje

Às 4 horas da tarde

Grande Corso Carnavalesco acompanhado de
fanfarras e do barulhento
Zé Pereira.

FIGURA 6: Anúncio da saída do curso, no carnaval de 1929.
Fonte: A Voz do Povo, 27/01/1929, n.º 157.

CAPÍTULO III

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

3. Entre o público e o privado

Neste capítulo pretendemos tratar do lazer considerando a sua vivência nos espaços público e privado. Para tanto, primeiramente vamos fazer algumas considerações sobre a natureza do público e do privado, tendo em vista as suas inter-relações e o papel historicamente diferenciado dessas duas esferas na vida social.

3.1. O público e o privado

A compreensão da manifestação do lazer na cidade suscita a questão dos espaços público e privado, pois é a partir deles que se desenvolve o conjunto das práticas sociais individuais e coletivas. Assim, vamos buscar compreender o público e o privado considerando o desenvolvimento histórico dessas duas esferas, que conforme já assinalou Negt (2002), guarda relação com o próprio desenvolvimento da cidade, de vez que a vida urbana sempre esteve relacionada com a existência de ambientes públicos como praças, tribunais, assembléias públicas, etc.

Para compreender o público e o privado é preciso considerar a relação que há entre essas duas esferas, ou seja, o público só pode ser compreendido em relação ao seu oposto, o privado, e vice-versa. Porquanto, ainda que os domínios do público e do privado tenham assumido historicamente significados distintos, sempre foram definidos um em relação ao outro. Desse modo, entender o público e o privado implica em considerar a natureza de uma relação que assume diferentes conotações ao longo da história e para diferentes sociedades.

Segundo Habermas (1984), a distinção entre o público e o privado tem origem histórica na Grécia Antiga, e foi transmitida ao Ocidente em sua versão romana. É na cidade helênica que o público e o privado tomam corpo e se distinguem, o primeiro representando a esfera daquilo que é comum aos cidadãos – a *polis*, que é o espaço da política; e o segundo a esfera daquilo que é próprio aos indivíduos – o *oikos*, que é o espaço da necessidade ditada pelas exigências da sobrevivência.

A vida pública, *bio politikos*, não é, no entanto, restrita a um local: o caráter público constitui-se na conversação (*lexis*), que também pode assumir o caráter de conselho e de tribunal, bem como a de práxis comunitária (*práxis*), seja na guerra, seja nos jogos guerreiros (HABERMAS, 1984, p. 15).

É importante ressaltar que na civilização grega apenas homens livres eram cidadãos, excluindo-se dessa categoria mulheres, crianças e escravos. Nesse sentido, a esfera pública correspondia ao reino dos homens livres enquanto que os demais membros da sociedade encontravam-se impedidos de participar da vida pública.

A distinção grega entre o público e o privado corresponde, assim, a oposição entre um mundo da liberdade e igualdade, que se materializava no espaço público da *polis* onde a ação política era visível a todos, e um mundo da necessidade, que se constituía no espaço privado do *oikos* onde o homem exercia domínio sobre mulheres, filhos e escravo, de forma a assegurar a ordem doméstica no âmbito da reprodução e do trabalho (HABERMAS, 1984 e ARENDT, 1983).

Nesse contexto, era a autonomia do homem na vida doméstica (privada) que permitia a sua participação política na *polis*. Em outras palavras, era a superação das necessidades da vida privada que fazia do homem um ser livre para participar da vida pública (HABERMAS, 1984 e ARENDT, 1983).

Durante o Império Romano, há uma inversão de significado da esfera pública e, por conseguinte, privada. Se para os gregos a *polis* correspondia ao espaço da afirmação da política, onde os cidadãos encontravam-se livres e em condição de igualdade para discutir os assuntos comuns, com os romanos a esfera pública assume principalmente o papel de espaço de dominação do poder imperial sobre os cidadãos e restantes súditos do Império, e, assim, o espaço público converte-se em lugar de espetáculo e cerimonial.

Dessa forma, há entre os romanos uma diminuição de conteúdo da esfera pública, e assim “[...] o velho centro urbano assumiu um aspecto formal, dignificado, porém sem vida” (SENNETT, 2001, p. 104 apud MIÑO,

2003). Por outro lado, com os romanos há uma certa valorização da esfera privada enquanto espaço apropriado para atividades “espirituais”, como o estudo das artes e das ciências. Os romanos consideravam que as esferas pública e privada deveriam coexistir permitindo ao homem, ambas, alcançar a condição humana por meio de atividades relacionadas ao espírito, ainda que o privado não pudesse substituir a ação política na condução dos assuntos públicos. Nesse aspecto, os romanos se distanciam dos gregos que sempre relacionaram o espaço da vida privada à ausência da condição humana.

Na Europa da Idade Média, a oposição entre as esferas pública e privada desaparece, não sendo possível, a partir de critérios institucionais, diferenciá-las. Isso porque o público passa a ser representado através do poder do senhor feudal que, tanto pelos seus atributos como pelos seus símbolos, torna-se representante da ordem coletiva e responsável pelo “bem comum”, isto é, o poço, a praça do mercado, as estradas, enfim, os espaços que pertencem ao domínio comunal e são de uso comum, de acesso público (HABERMAS, 1984, p. 18-9). É a sua função de representação que estrutura a esfera pública do senhor, sendo no cerimonial religioso que essa representação atinge seu ponto mais significativo e visível; aspecto que denota a subordinação do político ao sagrado, isto é, ao fim divino, em conformidade com o pensamento cristão da época.

Na relação entre as esferas pública e privada, durante o período medieval observa-se uma absorção desta por aquela, no sentido de que a vida privada (dos servos e vilões) encontrava-se submetida às regras e jurisdições coletivas personificadas na vontade do senhor feudal. Comparativamente, o homem chefe de família na Grécia Antiga encontrava-se sujeito à lei e à justiça (de outrem) apenas na esfera pública da *polis*, tendo no âmbito privado do lar poder de domínio sobre mulher, filhos e escravos, sem qualquer limite legal.

A partir do século XVI, no seio de um conjunto de transformações sociais, econômicas e políticas verifica-se a emergência de uma nova “esfera pública burguesa”. Habermas (1984) identifica essas transformações na

constituição do capitalismo, do Estado moderno, da sociedade civil burguesa e da imprensa pública.

A esfera pública burguesa pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam essa esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais de troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social (HABERMAS, 1984, p. 42).

Conforme é possível observar, a esfera pública burguesa é o espaço onde as pessoas, reunidas em público, procuram afirmar perante a autoridade seus direitos privados. Nesse contexto ganha lugar uma nova concepção e função da esfera pública, que, através da existência de instituições do poder público, passa a ser o espaço de regulação da esfera privada. Nesse caso, verifica-se a subordinação da esfera pública aos interesses privados; e assim a política passa a se preocupar com o domínio privado (da riqueza e da propriedade).

A esfera pública burguesa, inicialmente como “esfera pública literária”, constitui-se nos espaços de convivência como cafés, clubes e salões, onde as pessoas se reuniam em público para animadas e controversas discussões literárias e políticas. Nesse ambiente nasce a moderna imprensa, com a elaboração textos críticos de arte, teatro, literatura, idéias. Depois, de divulgadora de opiniões que se formavam publicamente nesses espaços de convivência, a imprensa passa a ser, ela mesma, fazedora de opinião, com uma nova classe de profissionais, cujo trabalho substitui o de elaboração coletiva. Nesse momento, a esfera pública literária dá lugar à “esfera pública política”, que se constitui apoiada nessa nova imprensa profissionalizada de opinião pública, no surgimento de instituições e clubes partidários e no início da publicidade institucional de governo (HABERMAS, 1984).

A separação entre sociedade e Estado é a base sobre a qual se edifica essa esfera pública política, onde o espaço público assume o papel de intermediário entre os interesses da sociedade, diga-se burguesa, e o Estado. Assim, conforme esclarece Habermas (1984): “A esfera pública com atuação da política passa a ter o status normativo de um órgão de automediação da

sociedade burguesa com um poder estatal que corresponde às suas necessidades” (HABERMAS, 1984, p. 93).

Segundo Habermas (1984), com o liberalismo e em resposta às contradições da esfera pública – que embora destinada à burguesia não conteve participação de outros grupos sociais que passaram a atuar contra ela, na imprensa, nos partidos políticos e no próprio parlamento – surge a “esfera pública ampliada”, onde os direitos de igualdade política são estendidos através do Estado às demais classes sociais, de forma a garantir a reprodução social e a reduzir os conflitos que se tornavam cada vez mais agudos.

Esse conjunto de questões apontado por Habermas (1984) comparece nas discussões de Arendt (1983), no que ela denomina de esfera do social, cuja constituição representou em certa medida o desaparecimento do público e do privado; nesse caso, há uma submersão de ambos ao social. Segundo Arendt (1983), a promoção da esfera do social, nos primeiros estágios da modernidade, resulta da subordinação da política (esfera pública) aos interesses individuais (privados) de grupos e indivíduos, permanecendo, nesse contexto, como preocupação comum, unicamente a esfera social privada, que assim ganha status de ação política, contrariamente ao modelo clássico de oposição entre *polis* e *oikos*.

Para melhor compreender as mudanças de significado das esferas pública e privada na época moderna, destacamos a análise de Sennett (1998), que relaciona essas mudanças às próprias transformações no interior do capitalismo e da sociedade como um todo.

Sennett (1998), tomando por referência as cidades de Paris e Londres, observa uma ampliação do sentido do público a partir do início do século XVIII, época em que:

[...] a palavra “público” já havia adquirido seu significado moderno, portanto, ela significava não apenas uma região da vida social localizada em separado do âmbito da família e dos amigos íntimos, mas também esse domínio público dos conhecidos e estranhos incluía uma diversidade relativamente grande de pessoas (SENNETT, 1998, p. 31).

Nesse sentido, o público veio a significar não só o domínio localizado fora da intimidade da família e dos amigos, mas também uma região de contato de grupos complexos e diversos. Segundo o autor, essa nova característica do público tem relação com o próprio crescimento das cidades, que passaram a comportar cada vez mais espaços de contato entre estranhos, como parques urbanos, cafés e bares, abertos não só aos membros da elite burguesa mas também às classes laboriosas.

Esse panorama da vida pública e privada logo começa a se modificar com a ascensão de um capitalismo industrial, por voltado do final do século XVIII. Sennett (1998, p. 34-40) fala de três forças inter-relacionadas que atuaram nessa mudança. A primeira delas é o impacto do capitalismo industrial na vida pública das grandes cidades; a segunda diz respeito à reformulação do secularismo, que mudou a forma das pessoas encararem o estranho e o desconhecido. E a terceira força refere-se ao conseqüente desprestígio da vida pública enquanto esfera moralmente legítima.

O impacto do capitalismo industrial na vida pública urbana verifica-se em dois aspectos. Primeiro, nas pressões de privatização que o capitalismo promoveu no interior da sociedade burguesa do século XIX. Em face dos traumas do capitalismo do século XVIII, a burguesia procurou se proteger de vicissitudes econômicas buscando fortalecer a segurança material no interior da vida familiar, fazendo desta um campo de estabilidade e um refúgio contra os tremores da sociedade. Em segundo lugar, na mistificação da vida material em público. A produção e distribuição em massa de vestimentas e outros objetos de uso pessoal causou a homogeneização das aparências em público. Assim o medo do outro se fez presente enquanto impossibilidade de identificação das pessoas pelos seus traços exteriores, isto é, visíveis.

De outro lado, a reformulação do secularismo no século XIX significou que as pessoas, embora imbuídas de mistério, já que uniformizadas na aparência, deveriam ser levadas à sério porque são tangíveis, e assim qualquer exercício de discriminação *a priori* poderia ser um equívoco.

Quanto à esfera pública como domínio imoral, isso decorre da própria idealização da família como padrão de relações moralmente aceita e

legítimas. Entretanto, para homens e mulheres a esfera pública tinha sentidos diferentes. Para as mulheres a vida pública, sendo um campo de imoralidade, representava o risco de perda da virtude, ou seja, cair em desgraça. Assim, uma mulher sozinha com um grupo de homens, mesmo que entre eles estivesse o seu namorado ou marido, despertaria sensação pública, dúvidas sobre a sua índole. Por outro lado, para os homens a vida pública, ao invés de uma região de simples desgraça, constituía num campo de liberdade, onde a violação moral não era um problema mas uma possibilidade. Nesse contexto, o comportamento adequado em público, principalmente para a mulher, era o de permanecer estranho em meio às pessoas, longe de qualquer vínculo pessoal.

Essas questões até aqui tratadas ajudam a pensar no significado dos espaços público e privado na cidade contemporânea e seus papéis (importância) na vida urbana. Em linhas gerais, o espaço público se relaciona à idéia do que é comum e acessível a todos, do que é aberto à observação de qualquer pessoa, um espaço partilhado (vivido) por indivíduos que se relacionam entre si, ainda que esses princípios não sejam plenamente concretizados na prática. Dessa forma, o espaço público contém o sentido da pluralidade, da diversidade, do encontro e confronto, da aproximação em vez do isolamento, e é por essas características, por esses atributos, que podemos reconhecer nele um papel essencial na vida social urbana. Em outras palavras: é no espaço público que a vida urbana encontra sentido e ganha significado.

3.2. O lazer nos espaços públicos e privados

Conforme já visto, a estruturação dos espaços públicos enquanto espaços adequados ao convívio social se deu na década de 1930, quando a cidade recebeu os primeiros melhoramentos urbanísticos, entre os quais a construção do Jardim Público (Praça Nove de Julho), também do jardim da Esplanada da Estação (Praça da Bandeira), bem como o calçamento e construção de passeios nas ruas centrais da cidade. Ao lado dessas obras públicas, outras de caráter privado também foram realizadas nesse mesmo

período, como a construção de modernos prédios para abrigar instituições, lojas comerciais e centros de serviços, sem esquecer a construção de casas residenciais.

É importante destacar, aliás, que os investimentos privados na cidade na construção de prédios, alguns dotados de requintes de decoração externa, antecederam a década de 1930. Conforme destaca Abreu (1972), a cidade, no período anterior a 1930: “[...] não recebeu dos poderes públicos o volume de benefícios que lhe proporcionou a iniciativa privada” (ABREU, 1972, p. 292).

Antes da efetiva urbanificação dos espaços públicos da cidade, a apropriação desses espaços, a despeito das condições ambientais em que se encontravam, já se fazia pela população, obrigatoriamente das ruas para a simples circulação, mas também de outros espaços, como aquele na época (década de 1920) reservado pela Municipalidade para a construção do Jardim Público e da igreja e seu adro – espaço esse então conhecido como “Praça Carlos de Campos” e ou “Largo da Igreja”.

Sobre esse espaço, Abreu (1972) relata: “[...] era um vazio desgracioso, varrido constantemente pela poeira e prejudicado pelo lamaçal. Ali se realizavam os comícios e as quermesses e funcionavam os circos” (ABREU, 1972, p. 309). Como indica Abreu, um lugar vazio, mas freqüentemente ocupado por atividades diversas, além de abrigar a primeira capela da cidade, construída em 1918, exatamente no centro da atual Praça Nove de Julho. Eram principalmente atividades de lazer que davam vida a esse espaço, como quermesses, circos²⁵ e parques²⁶:

“PARQUE SÃO SEBASTIÃO

²⁵ Era grande o número de circos que passavam pela cidade, nesse período, e se instalavam nessa área. Mesmo depois da construção do Jardim Público (1933), os circos continuaram a montar seus pavilhões no largo da Igreja Matriz, na época em construção. Apenas no final da década de 1930, os esses centros de diversão passaram a se instalar em outros terrenos da cidade, porém não muito distantes dali.

²⁶ Confira FIGURA 7, página 93; FIGURA 8, página 93.

Realiza-se, hoje, às 14:30 horas a inauguração do Parque São Sebastião que será aberto ao público para honestas distrações com jogos esportivos e divertimentos para crianças. Além desses divertimentos encontram ali às exmas famílias e cavalleiros um Bar modelo, onde haverá café e chocolate, balas, sovertes, refrescos, tônicos e aperitivos.

O Parque São Sebastião está situado num do melhores logares desta cidade, ao largo da Matriz, e pelo capricho com que montou o Sr. João Adell, tornar-se-á um logar procurado para os que desejam passar horas agradáveis.

Estamos certos da enchente de povo que ali irão certificar-se do importante melhoramento local” (A Voz do Povo, 3/10/1926, nº 39, grifo nosso).

“Parque São Sebastião

Continua frequentadissimo pelas exmas famílias e cavalleiros, principalmente aos domingos, à tarde, este aprazível ponto de diversões sob a direção do seu esforçado proprietário sr. João Adell. A meninada tem se divertido bastante nos cavallinhos de pau, com o seu Jaz-Band moderno, havendo alli muitos variados divertimentos, como balanço, boliches, tiro-ao-alvo e outros e um bem sortido Bar onde se encontra de tudo referente ao ramo do negócio.” (A Voz do Povo, 07/08/1927, nº 86).

“Circo de Touros

Estréia-se hoje nesta cidade, a empreza touromachica dirigida pelo sr. J. Eugenio Negrão

O redondel acha-se armado na Praça Carlos de Campos, em frente ao Theatro Cine.

Os artistas toureiros foram contractados em Jhú e as rezes a serem lidadas vieram de Mato Grosso e foram escolhidas à capricho pelo seu empresario. [...]” (A Voz do Povo, 27/07/1928, nº 134, grifo nosso)

“Circo Nelson

Estrea nesta cidade, quinta-feira, próxima, na Praça Carlos de Campos o conhecido Circo Nelson, com um grande e bem escolhido número de artistas destacando a eximia aramista Iracema.

Possue, também, o Circo Nelson, uma exellente colleção de feras, taes como, Leões, Tigres, Leopardos, Hyenas, Pantheras, Pumas e Macacos, também diversos cavallos e cães amestrados” (A Voz do Povo, 11/05/1930, nº 213, grifo nosso).

Da mesma forma, as ruas, ainda de terra batida, também eram apropriadas pela população em atividades lúdicas. Para exemplificar, podemos novamente nos remeter à festa de São João de 1920, que promoveu nas ruas da cidade intensa agitação, e à festa realizada pela Colônia Italiana em 1927, quando seus membros saíram em desfile pelas ruas ao som de uma banda.

Nesses dois casos, nas apropriações do terreno da praça e das ruas pela população ou parte dela, em atividades de lazer, temos exemplos de manifestações públicas, na nascente vida urbana da cidade. Mesmo nas condições em que se encontravam, isto é, sem qualquer melhoramento urbanístico, esses logradouros já eram lugares significativos da experiência urbana.

Nesse período, década de 1920, contribuiu em muito para a intensificação da vida pública da cidade a abertura de bares, que com suas atrações e diversões vieram a se constituir no principal ponto de encontro da nascente elite urbana da época; lugares onde pessoas privadas se reúnem em público (HABERMAS, 1984), num associativismo espontâneo.

“Recreio Familiar Bella Vista

de

Pascoalino Ciambroni

Rua Cayua, nº 1

(Esquina da Avenida São Paulo)

Neste centro de diversões, exclusivamente familiar, encontram-se bebidas finas, licores, refrescos, etc.

É o ponto mais preferido pela nossa elite

Asseio irrepreensível e promptidão no serviço” (A Voz do Povo, 23/05/1926, nº 1).

“Barzinho Avenida

Bebidas de todas as qualidades

Doces, chocolates, café, frios, leite, sandwichts, fructas, pestisqueiras, etc.

Antônio Garcia Machado

Avenida Brasil nº 10 – Caixa Postal 44

Pegando à Casa F. Elias João & Irmãos

P. Prudente

Est. São Paulo – E. F. Sorocabana” (A Voz do Povo, 27/06/1926, nº 11).

“AO BOM PETISCO

Inaugurou-se, nesta cidade, há dois dias, um bem montado bar, de propriedade dos srs. Norberto Pinto e Frederico Silva, sucedendo ao antigo Petit Bar.

Esse novo bar esta situado à rua Washington Luiz vizinhando com o Cine Internacional.

À inauguração compareceram pessoas do escol de nossa sociedade e exmas famílias, sendo muito saudados os seus proprietários.

O bar ‘Ao Bom Petisco’ oferece refeições excellentes, almoços e jantar tendo um optmo sortimento de bebidas finas, fornecendo refeições à qualquer hora do dia e até a 1 hora da manhã” (A Voz do Povo, 13/02/1927, nº 60).

“Bar Comercial

Conforme notificamos, ocorreu bastante animado o acto inaugural do Bar Comercial, pelo que apresentamos nossos parabéns aos seu dignos proprietários, com augúrios de muita prosperidade e longo viver ao nosso estabelecimento” (A Voz do Povo, 08/01/1928, nº 108).

“Bar Central

Mais um estabelecimento que vem atestar o nosso pujante progresso acaba de ser montando nesta cidade. Referimo-nos ao Bar e Restaurante Central, de propriedade de D. Ivonette Boenis Rogé, instalado no prédio da rua Washington Luiz, onde funcionou o Banco Noroeste do Estado Noroeste do Estado de S. Paulo” (A Voz do Povo, 27/07/1928, nº 132).

“Bar Paulista

Inaugurou-se domingo passado, às 7 horas da noite, o confortável Bar Paulista, da firma Belém & Tuchler.

É um novo estabelecimento que muito concorre para o nosso grandioso progresso.

O Bar Paulista que possui também vasto salão de Bilhares, tem um ótimo serviço de restaurante que servido caprichosamente e a contento do público. [...]” (A Voz do Povo, 05/08/1928, nº 135).

Mas o marco da vida pública urbana encontra-se na década de 1930, quando, como já dissemos, por meio de investimentos públicos a cidade recebeu uma série de melhoramentos urbanísticos; entre eles a construção de um dos símbolos da cidade, qual seja, o Jardim Público da Praça Nove de Julho, inaugurado em 1933, que se tornou o ponto de referência da vida pública nas décadas seguintes²⁷.

Conforme Whitacker (1997), até a construção do Jardim Público a cidade tinha sua centralidade máxima na área da esplanada da estação (atual Praça da Bandeira): “Talvez pudesse se dizer que existia um espaço central, o lugar do lazer, do poder, etc., mas este ainda não parecia constituir-se num símbolo [...] era a Estação Ferroviária, e seu largo, que primeiro exerceram tal papel [...]” (WHITACKER, 1997, p. 138-9). Depois de sua urbanificação, com a construção do Jardim Público, a Praça Nove de Julho deslocou para si e suas imediações a centralidade urbana, tornando-se o principal espaço público da cidade.

²⁷ Confira FIGURA 9, página 94.

A importância da Praça Nove de Julho na vida urbana da cidade, como espaço de lazer e sociabilidade, pode ser verificada em diferentes ocasiões e contextos. Durante os carnavais, conforme já visto no capítulo III, era no Jardim Público que os foliões se reuniam:

“[...] O ponto de atração, onde afluíram, durante os tres dias de folgança, as familias Prudentinas, foi o Jardim Público, onde o jogo de lança-perfume estava animado. Grupos de foliões percorreram as ruas centrais da cidade.[...]” (A Voz do Povo, 18/02/1934).

“[...] Também percorriam as ruas da cidade e a Praça do Jardim, lindas creanças e senhoritas bellamente phantaziadas, e diversos cordões” (A Voz do Povo, 11/02/1941, nº 736).

Outros eventos significativos da vida pública urbana eram as noites de retreta, quando nos anos de 1930 e 1940, no coreto da Praça Nove de Julho, apresentavam-se as duas bandas da cidade: a “7 de Setembro” e a “Philharmonica São José”. Em 1937, essas duas bandas chegaram a ser contratadas pela Prefeitura para apresentações públicas às quintas-feiras e domingos²⁸:

“Concerto Musical

A Corporação Musical ‘7 de Setembro’, sob a regência do Maestro Francisco Furtanato, executará hoje no Jardim Público o seguinte programa: [...]” (A Voz do Povo, 10/02/1935, nº 392).

“Concerto Musical

A Corporação Musical ‘7 de Setembro’ sob a regência do Maestro Francisco Fortunato, chama a atenção dos distintos ouvintes de musicas classicas, para não deixarem de ouvir hoje no Jardim Público, os grandiosos trechos das populares Operas ‘Rigoletto’ e ‘Conte de San Bonifacio’, do immortal

²⁸ A Voz do Povo, 07/02/1937, nº 486.

Maestro Italiano Ginseppe Verdi, obedecendo a seguinte programação: [...]”
(A Voz do Povo, 20/02/1935, nº 394).

Uma das mais memoráveis apresentações da banda “7 de Setembro” no coreto da Praça Nove de Julho, foi lembrada em artigo publicado no jornal A Voz do Povo, edição de 14/09/1957:

“Corporação Musical 7 de Setembro

[...]

No mesmo 7 de Setembro de 1941, por iniciativa do Maestro Francisco Fortunato e do sr. Virgílio Reis, comemorando o 16º aniversário de fundação apresentou-se a banda, pela primeira vez uniformizada, tendo apresentado no velho coreto da Praça Nove de Julho um verdadeiro espetáculo digno de ser visto, pois para todos nós que o assistimos, ficou perenemente gravado em nossa memória. Foi um verdadeiro Concerto que obedeceu a seguinte ordem, programada:

1.a Parte

Hino Nacional de F. M. Silva

O Guarany – Dueto do 2º ato de Carlos Gomes

Tosca – Cena e Dueto – 3º ato de Giacomo Puccini

La Fortaleza Del Destino – Dueto – 3º ato de Giuseppe Verdi

2.a Parte

La Figlia Del Reggimento – Poul Pourry – G. Donizetti

I Pagliacci – Poul Pourry – de Leoncavallo

Hino Nacional – F. M. Silva

Essa apresentação da Banda Musical 7 de Setembro arrancou do povo prudentino que assistiu maravilhado, longas e efusivas palmas. Foi uma noite memorável, um espetáculo que jamais desde aquela época se repetiu em Presidente Prudente.

[...]” (A Voz do Povo, 14/09/1957, nº 1835).

As noites de retrata eram também noites em que principalmente os mais jovens se reuniam para a prática do *footing*, ali mesmo na praça, quando ao som da banda mulheres e homens caminhavam em direções contrárias, oportunidade para uma troca de olhares e o início de um flerte:

“Chronica do ‘Footing’

Á noite é a ‘retreta’ o vozerio dum ‘speaker’, reunindo os cavalheiros e senhoritas que passeiam em direcção contraria: encontram-se frente a frente esses grupos sympathisantes...

A musica dá, ao homens, dignidade do passo e ao porte, ás mulheres, leveza. Cruzam-se os olhares e chocam-se os parenthesis dos sorrisos mutuos. Em algumas orbitas comunicam as primeiras irradiações do ‘flirt’.

Ha muitos rapazes ‘invulneraveis’. Jovens desta cidade: precisais rendê-los ás vossas graças...” (A Voz do Povo, 15/08/1937, nº 510).

Apesar da intensa movimentação durante as noites de retreta, nos demais dias da semana prevalecia na Praça Nove de Julho um clima mais ameno e tranqüilo; a praça ainda não era um espaço utilizado cotidianamente, isto é, todas as noites, para a reunião e o encontro:

“[...]. O nosso único jardim ainda não é procurado a titulo de passeio habitual, ou como busca de melhores ares. Para enche-se, tem a suas noites consagradas, aquellas nos quais tocam bandas de musica e falam ‘Speakers’, numa ressonancia excepcional. É o pequeno e formoso parque das quintas feiras e dos domingos.

No restante da semana, como é difficil verem nossas ‘misses’ mais representativas... [...]” (A Voz do Povo, 22/09/1937, nº 515).

Todavia, esse panorama é alterado logo no início da década de 1940, quando uma série de novos melhoramentos contribuiu para a efetivação de um ambiente urbano na área central da cidade, como a regularização do serviço de iluminação pública, que enfrentava freqüentes cortes e deixava a

cidade completamente às escuras; o asfaltamento dos primeiros quarteirões nas imediações da Praça Nove de Julho; a inauguração do novo jardim na área da esplanada da estação (Praça da Bandeira); além dos investimentos privados na construção de novos prédios para abrigar atividades e instituições diversas, com destaque para um novo e moderno cinema, o Cine João Gomes, que imprimiu uma vida noturna mais intensa e contínua na praça e suas imediações:

“O Futuro Centro da Cidade

É fato digno de se notar a afluência que dia a dia vai tendo nossa praça do Jardim, e sempre em crescente aumento.

Asfaltadas as ruas Te. Nicolau Mafei, e a Barão do Rio Branco, com a modernização dos quarteirões que cercam nosso lindo Jardim, é de se prever para logo uma intensa vida comercial e social na praça 9 de Julho.

Novos e elegantes cafés e bars vão se instalando naquela praça; a Prefeitura Municipal, por si só, já atrai para lá grande massa de populares; a monumental matriz, que está por terminar, também influirá muito, além do novo Grupo Escolar, já em funcionamento.

Acha-se em construção um grande e moderno cinema, esforço de nossos amigos de Prudente, para embelezar a cidade, dotando-a de edifícios que ela merece.

Assim, em breves mezes, com o asfaltamento daquela encantadora praça, teremos lá a parte central de nossa cidade, que causará por certo inveja a muitos que á apreciarem” (A Voz do Povo, 01/02/1940, nº 734).

“Cine João Gomes

Sua inauguração dia 2

[...]

Todos devem ter notado o movimento que o ‘João Gomes’ deu à Praça 9 de Julho e ao Jardim, que, apesar dos pesares, não tinham grande ânimo à noite.

Agora, porém, a coisa é outra.

O Jardim vive se regogitando, as ruas ao redor movimentadas, e isso por certo abreviará a reforma de sua iluminação de tempos atrás.

Aos domingos, então, o jardim será uma festa aos prudentenses e prudentinos. E para essa alegria dos dias feriados em muito contribuirá o 'João Gomes' com sua fachada de ótima iluminação.

[...]" (A Voz do Povo, 06/07/1941, nº 870).

O funcionamento do Cine João Gomes, a partir de 1941, deu assim uma nova dinâmica à Praça Nove de Julho e suas imediações. Antes e depois das sessões de cinema as pessoas se concentravam em frente ao João Gomes e dali partiam para o *footing* na rua Tenente Nicolau Maffei:

"Crônica da cidade

Passe PARTOUT

Luz e Footing

Na Copacabana linda a policia tem catado de quando em vez, durante os black-outs alguns casais de namorados que só se enxergam no escuro...

Fazer piada em torno desses acidentes amorosos não o tentamos, porque A CARETA já tirou patente para tal fim.

E se citamos essa passagem negra cá na Crônica da Cidade, é porque todas as noites nos lembramos dela, quando do footing em frente ao Cine João Gomes e no quarteirão seguinte, do Bar Haidamus ao Mercadinho São Paulo [rua Tenente Nicolau Mafei].

Os prudentinos acostumaram-se a essa marcha forçada antes e depois das sessões de cinema.

As mil e uma garotas de Prudente preferiram os dois quarteirões asfaltados ao passeio pelo jardim, onde há mão e contra mão, onde há ainda o lé-com-lé, cré-com-cré.

Mas o caso é que os dois quarteirões são escuros. E quando o Cine João Gomes apaga a sua fachada, fica-se como que em black-out.

Por outro lado, a polícia proibindo o transito de veículos em frente o cinema, andou prá lá de bom.

Mas o trecho é curto. Os quinze mil habitantes de Prudente não cabem nesse curto espaço vital de um quarteirão asfaltado.

E a onda humana fazendo footing se espalhou mais para adiante, arriscando a vida no meio dos automóveis que por ali trafegam...

Não seria ótimo se a prefeitura colocasse mais luzes nos dois quarteirões, e se o trânsito dos carros-de-asfalto ficasse limitado às ruas perpendiculares e às de volta do Jardim.?...

Passear no escuro não deixa de ser agradável. Mas quando se ‘passeia’ de verdade, vem um guarda e... brucutú. É cana!

O Sr. Gerente do João Gomes nos afirmou que vai enfeitar ainda mais a fachada do cine, inclusive os dois chitres do prédio, que anda às escuras.

Considerando que não necessitamos de black-out, aqui fica o pedido à Prefeitura e à Polícia, para que se iluminem mais os dois trechos da rua Nicolau Mafei e para que os carros de praça não interrompam os romances das mil e uma, proibindo-se o trânsito apenas quatro horas por noite em ambos os quarteirões” (A Voz do Povo, 03/02/1944, nº 1082).

Como visto acima, a partir de então o *footing* na praça foi abandonado, passando a ser realizado na rua Tenente Nicolau Maffei²⁹, entre a Praça Nove de Julho e o cruzamento com a rua Siqueira Campos, trecho onde se concentravam os bares mais freqüentados e também pistas de dança.³⁰ A prática do *footing* na Nicolau Maffei perdurou até o início da década de 1970, quando essa prática urbana de lazer praticamente deixou de existir na cidade.

Neste período entre meados da década de 1930 e 1970, os cinemas destacam-se enquanto forma de entretenimento, e junto com o *footing* e os bares formavam o programa de lazer preferido das camadas médias e da elite da cidade. O cinema era a principal atração de lazer e, por outro lado, fomentava outras atividades como os encontros nos bares e o *footing*. Assim,

²⁹ Confira FIGURA 10, página 94.

³⁰ Destacamos os bares Cruzeiro do Sul, o Haidamus, o Shoyama e o Bar do Maracujá e as pistas de dança da Boate Embaixador e da boate do Grande Hotel Naufau.

boa parte do movimento de pessoas na rua Nicolau Maffei se dava em função das sessões que ocorriam nas salas ali próximo localizadas.

Todavia, a importância do cinema na vida urbana pode ser verificada desde a década de 1920, época das primeiras exhibições cinematográficas na cidade. Os primeiros cinemas, que também eram espaços de apresentações teatrais e festivais artísticos, foram o “Cine República”, o “Cine Theatro Internacional” (também conhecido como “Poeira”) e o “Cine Theatro Santa Emilia”, que funcionavam em precários barracões de madeira³¹. Já nesse período a ida ao cinema era conjugada com outras formas de lazer, como os bares, que recebiam os habitues antes e após as sessões.

“Festival em benefício da Santa Casa

Do Rv. Sr. Vigário da Parochia, recebemos gentil convite, que muito nos captivou, para assistirmos ao espectáculo de gala, em benefício da Santa Casa, que será levado a effeito no Cine-República, pelo conhecido e apreciado grupo dramático de amadores locais com auxilio efficiente do distinto casal Simões.

O espetáculo que é dedicado à imprensa local, constará de variado programa que publicaremos no próximo número.

Gratos pelo convite” (A Voz do Povo, 03/06/1926, nº 4, grifo nosso).

“Cine Theatro Internacional

Como é do domínio público, o sr. Cap. João Gomes, proprietário do popular Theatro Cine Internacional desta cidade, havia, há 6 meses, mais ou menos, arrendado o referido Theatro, a uma empresa theatral que se dizia com sede em Bauru.

Os arrendatários logo que tomaram posse começaram a exhibir fitas antigas e estragadas, descontentando os freqüentadores daquele theatro, e assim continuaram durante quase 6 meses.

O público já cansado de supportar tanto abuso por parte de tal empresa, foi aos poucos, deixando de freqüentar o Cinema.

³¹ Confira FIGURA 11, página 95.

Sabemos agora que o sr. Cap. João Gomes rescindiu o referido contrato, assumindo de novo a direção do Cinema e hoje dará ao público o seu primeiro espectáculo com um programa de arromba.

Parabéns ao povo de Presidente Prudente por ver de novo na frente do Cinema o nosso querido amigo e popular cavalheiro sr. Capitão João Gomes” (A Voz do Povo, 13/03/1927, nº 64).

“Theatro Santa Emília

Com excepcional pompa foi inaugurado na entrada do Ano Novo, o sumptuoso Theatro Sta. Emília de propriedade do abastado capitalista Sr. Francisco Di Lourenço, um dos pioneiros do progresso desta cidade.

O Theatro Sta. Emília é o bem o expoente máximo da iniciativa particular desta cidade, o que a garantia do futuro grandioso a que estamos destinados” (A Voz do Povo, 08/01/1928, nº 108).

“Festa de Arte

Concerto de Piano

Presidente Prudente vae hospedar a eximia pianista Maria do Carmo Campos Maia, que no Theatro Santa Emília, deverá realizar no próximo dia 9 do mez entrante, um concerto de piano.

Maria do Carmo é um nome cercado de applausos pela selecta platêa de S. Paulo...

[...]

Ainda bem que espíritos de escol nos proporcionam, de tempos em tempos, dessas horas de indizível prazer intelectual, vindo a esta cidade longiqua afirmar o prestígio da sua crescente cultura. Eis porque a festejada pianista Maria do Carmo encontrará na nossa população culta os applausos a sua arte victoriosa” (A Voz do Povo, 30/06/1929, nº 161, grifo nosso).³²

Em 1935 Presidente Prudente ganhou o seu primeiro grande e moderno cinema, o Cine Fênix, que até 1941 foi a principal casa desse espetáculo

³² Confira ainda FIGURA 12, página 95; FIGURA, 13, página 95.

cinematográfico da cidade, quanto então no lugar do antigo “Poeira” foi inaugurado o Cine João Gomes, com quem passou a concorrer em desvantagem. O Fênix foi o cinema que por mais tempo funcionou (até a década de 1980) e junto com o João Gomes constituía um dos mais tradicionais cinemas da cidade³³. Nesse longo período de funcionamento, o Fênix passou por diversas reformas e mudou sua programação para atender públicos específicos, como a Colônia Nipônica, na década de 1960, apresentando produções japonesas.

“Inauguração do Teatro Novo

No dia 17 do corrente inaugurou-se o Teatro Phenix, de propriedade da firma Tenorio & Guerra, desta praça.

[...]. Amplos, modernos, com otimas acomodações, com frizas, balcões, platéia e galerias, que comportam 1.600 pessoas.

[...]

O teatro foi alugado ao sr. Emilio Peduti, que é um dos grandes empresarios do Cinema Bandeirante, no interior do Estado, pois é proprietario de teatros do mesmo genero, que explora, em Marília, Bataguassú, Assis, Botucatú, Avaré, Baurú, Vera Cruz, Piratininga, Ourinhos e Jacarezinho, e que veio exhibir os melhores filmes importados pelo Brasil.

[...]” (A Voz do Povo, 22/12/1935, nº 435).

“Nosso Progresso é um Fato

[...]

E o Cine Fênix que vem de passar por uma completa reforma, terá em breve um colega, não como concorrente, mas como coordenador de esforços em prol de nosso progresso.

Esse será o Cine João Gomes. Ergue-se no mesmo lugar onde antigamente os prudentinos conheceram um cinema a que deram o nome de ‘poeira’.

[...]” (A Voz do Povo, 17/03/1940, nº 746).

³³ Confira FIGURA 14, página 96; FIGURA 15, página 96.

*“Grande entusiasmo popular pela reabertura do ‘Cine Teatro Fenix’
Está de franco parabéns a conceituada firma Antonio Moysés & Cia., pela
reabertura do ‘Cine Teatro Fenix’.*

*As festividades de inauguração das novas e suntuosas instalações da mais
luxuosa casa de diversões da cidade disseram, por si só, do grande
contentamento do povo, que recebe com indivisível simpatia tal iniciativa.*

*Em verdade, de há muito Presidente Prudente se ressentia da falta de mais
um cinema, de mais um teatro, pois a densidade da nossa população é
realmente considerável e uma única casa de espetáculos não atendia ao
grande número de frequentadores [...].*

[...]” (A Voz do Povo, 16/01/1949, nº 1430).

Além do Fênix e do João Gomes, posteriormente dois outros grandes cinemas foram instalados na cidade: o Cine Presidente e o Cine Ouro Branco, inaugurados em 1959 e 1965, respectivamente. Com a inauguração deste último, Presidente Prudente passou a contar com quatro grandes cinemas, os quais juntos ofereciam um total de 4490 poltronas, sendo 2117 no Cine Presidente, 804 no Cine Ouro Branco, 800 no Cine João Gomes, 710 no Cine Fênix. Cabe destaque para o Cine Presidente que esteve entre os maiores cinemas do país, instalado num majestoso prédio com capacidade para mais de duas mil pessoas:

*“Em Dezembro deste ano será inaugurado em P. Prudente um dos maiores
cinemas do País*

*Diretores de Grandes Empresas Cinematográficas virão a Presidente
Prudente – Empregados na obra 30 milhões de cruzeiros aproximadamente
– O maior da Empresa Pedutti e um dos Maiores do País.*

*Iniciadas em junho de 1955 deverão ser concluídas em dezembro deste ano
as obras de um dos maiores cinemas do país, qual seja o Cine Presidente,
de nossa cidade. A construção cobre uma área de 1768 ms², onde foram
empregados aproximadamente trinta milhões de cruzeiros.*

Outros Dados

O cinema será dotado de ar condicionado. Terá duas amplas salas de espera, iluminação indireta e ultra moderna. Estão sendo construídas duas platéias: uma em cima, especial e luxuosa, com 886 poltronas estofadas e recuáveis; outra em baixo, com 1600 poltronas de madeira mas modernas. A tela só não supera a do cine República, de São Paulo, em tamanho, em toda a América do Sul, pois terá 20 metros de comprimento por 9 de altura, destinada aos filmes em cinemascope. Será dotado, ainda, com som esfereofônico, moderníssimo.

[...]” (O Imparcial, Edição Especial de Novembro de 1958, nº 3935).³⁴

Um importante espaço público utilizado para o lazer, entre fins da década de 1930 e início de 1940, foi o Bosque Municipal, instalado numa reserva de mata próximo ao centro da cidade, de propriedade do Coronel Goulart. A área havia sido arrendada pela prefeitura do município, em 1938, por um prazo de cinco anos. Pouco antes do vencimento do prazo de arrendamento, em 1943, o Coronel Goulart requereu o despejo da prefeitura alegando atraso no pagamento do aluguel. Em seguida, e a despeito de a prefeitura ter decretado utilidade pública da área para fins de desapropriação, a mesma foi vendida com a condição de o novo proprietário doar parte da área para a manutenção do bosque. Porém assim não foi, e por uma série de questões a prefeitura acabou por perder em definitivo a área, posteriormente loteada.

Apesar do seu pouco tempo de existência, o Bosque Municipal foi um importante logradouro público, utilizado para passeios, piqueniques e festas populares. Havia ainda em seu interior um parque infantil e um bar-restaurant onde freqüentemente a elite da cidade se reunia para reuniões e festas políticas.³⁵

“[...] O sr. Dr. Cerávolo teve a gentileza de levar-me de automovel para constatar em loco, os grandes melhoramentos já realizados pela sua ainda

³⁴ Confira FIGURA 16, página 97; FIGURA 17, página 97.

³⁵ Confira FIGURA 18, página 98.

curta gestão. [...] fomos ao parque já concluído, próximo a estação n'um capão de mata que a sua providência em data bem remota impedira que fosse derrubada, esta hoje construindo um bello parque infantil, um bello bosque que entre arbustos e arvores seculares estão traçados diversas ruas... [...]

No parque S. Excia, mandou assentar innumeras machinas para divertimento da petisada, ginasticas de toda especie e parece-me ter visto ainda, uma pista destinada ao Turf Prudentino.[...].” (A Voz do Povo, 04/05/1939, nº 663)³⁶

“[...] O Bosque Municipal, o ponto predileto da nossa população nos dias e noites quentes está recebendo um grande melhoramento de há muito reclamado – a iluminação eletrica.

[...]” (A Voz do Povo, 26/11/1939, nº 719)

“Ano Novo no Parque

Em nosso Parque reinou muita alegria na passagem do ano.

A noite de São Silvestre foi festejada lá, num ambiente popular, e ao qual não faltou a necessária ordem e o animo de sempre.

[...] O baile no bosque foi igualmente animado de modo que tôda a população de Presidente Prudente entrou festivamente o ano de 1940” (A Voz do Povo, 07/01/1940, nº 729)

Outro importante espaço de lazer, presente na cidade desde os seus primórdios, são os clubes ou associações recreativas. A existência dessas instituições não está relacionada à necessidade de trabalho, como os sindicatos e as associações profissionais, nem aos imperativos de práticas políticas e religiosas, como os partidos e as organizações confessionais, mas respondem sobretudo a objetivos próprios do lazer (DUMAZEDIER, 1973, p. 47). Particularmente, os clubes manifestam o caráter associativo inerente à vida urbana, tendo como fundamento de sua constituição a afinidade de interesses, de gostos ou ainda de posição social entre seus membros. Para

³⁶ Artigo “Revoada da Sorocabana”, assinado por João Salemi.

participar do quadro social de um clube é preciso, antes, ser aceito por aqueles que já o integram; e assim os clubes caracterizam-se como espaços privados, porque não aberto a todos.

Em Presidente Prudente, as primeiras sociedades desse gênero surgiram entre o final da década de 1920 e início de 1930, muitas delas com vida curta, sendo destituídas antes mesmo de efetivarem suas atividades:

“Sociedade Allemã

Esta novel associação ainda em organização, iniciou suas reuniões no Domingo transacto as suas reuniões domingueiras, na sua sede provisória, na Villa Euclydes, comparecendo grande numero de exmas famílias e cavaleiros.

A novel sociedade que tem por fim a cultura physica e intellectual, de seus associados, iniciou naquelle dia os exercícios gymnasticos, literário e artísticos, terminando com um animado Sarau dansante.

Agradecendo ao convite feito a nós, almejamos á distincta sociedade brilhante sucesso e perfeita harmonia de seus associados para que tão útil Associação possa levar avante tão magnífica e feliz idéa.” (A Voz do Povo, 27/07/1928, nº 134).

“Grêmio Recreativo Prudentino

Realizou-se no dia 5 do corrente a eleição da primeira Directoria daquela nova sociedade recreativa... [...] Damos parabéns a Presidente Prudente pela instituição da sociedade acima, que vem concorrer para o estreitamento de amizade e diversão das famílias desta cidade.” (A Voz do Povo, 15/09/1929, nº 185).

“Sociedade Recreativa Familiar

Declaro que no dia 31 de Março findo dissolvi aquella sociedade e não cogitei até hoje de sua reorganização, tendo apenas cedido as instâncias de alguns amigos, que me pediram licença para fazerem reuniões com aquelle fim. Fiz ver ainda a esses amigos que não me interesse mais pelo

assunto e nem acceitaria cargo algum, dando preferência a vender os móveis daquela sociedade para que elles organisem outra.

Portanto, não é verdade que eu tenha convidado ou mandado convidar quem quer que fosse para as reuniões que realizaram naquelle sentido.

P. Prudente, 19 de Abril de 1930

Antônio Gonçalves” (A Voz do Povo, 10/04/1930, nº 210).

“Sociedade Recreativa

Cogita-se da fundação nesta cidade de uma sociedade recreativa, achando se á frente dessa feliz e oportuna iniciativa o nosso illustrado e digno Juiz de Direito Exmo. Sr. Dr. Laurindo Minhoto Junior.

Presidente Prudente que conta já com um elemento social de escol, já muito que vinha se rescintindo da falta de uma associação recreativa.

Oxalá que a idéia se torne um facto e para a qual desde já pomos a nossa folha á disposição de seus organizadores” (A Voz do Povo, 27/05/1934, nº 358).

Muitos outros clubes surgiram ao longo da década de 1930, como o Clube Atlético Internacional (CAI), o Grêmio Recreativo, o Grêmio Familiar 21 de Abril, o Grêmio Progresso Japonês³⁷, a Sociedade 13 de Maio, o Tênis Clube, a Associação Prudentina de Esporte Atlético (APEA), o Aero-Clube, o Clube Náutico Prudentino e o Leader Clube, dos quais dois deles ainda existentes (Tênis Clube e APEA). Esses clubes desempenhavam papel importante na vida urbana, na medida em que eram os principais centros de lazer e eventos da cidade. Muitos deles tinham suas sedes sociais na rua Nicolau Maffei, ou ali próximo, onde além de atividades cotidianas de lazer aos associados eram oferecidos também bailes, noites carnavalescas, apresentações artísticas, entre outros eventos que, muitas vezes, eram abertos à população em geral:

“Gremio Familiar 21 de Abril

³⁷ Confira FIGURA 19, página 98.

Commemorando a data de 3 de maio, descoberta do Brasil, o 'Gremio Familiar 21 de Abril' ofereceu aos seus associados uma entusiástica _festa dansante onde compareceu grande número de exmas famílias e cavalheiros de nossa melhor sociedade.

A festa que terminou às 4 horas da madrugada foi abrilhantada pela victoriosa Philharmonica São José sob a batuta do competente e incansavel maestro Sebastião Ferreira.

Sabemos que o Gremio projecta para estes dias a sua partida official do mez, em seu novo salão ora em reparos" (A Voz do Povo, 11/05/1930, nº 213).

"Box

A turbamulta que ocorreu domingo último na quadra de esportes do conhecido e tradicional Clube Athletico Internacional teve o ensejo de assistir diversas pelejas da 'arte nobre'.

[...]

E assim o clube das iniciais CAI, deu mais uma nota brilhante para o esporte desta terra, fazendo com que a sua academia de box puzesse em rinque dois amadores do 'esporte nobre' filhos de prudente.

[...]" (A Voz do Povo, 24/06/1937, nº 503).

"Napoleão de Aguiar

Um festival

Num dos salões do C. A. Internacional, para este fim gentilmente cedido, levou-se a effeito o festival do conhecido humorista Napoleão Aguiar, cognominado de o 'Rei do Riso'. [...]" (A Voz do Povo, 28/09/1937, nº 516).

"Domingueiras

No Leader-Club

Continua o Leader-Club a promover animadas 'brincadeiras' aos domingos, que tanta falta vinham fazendo á mocidade prudentina, e que enorme sucesso vem alcançando.

Toda a elite prudentina tem comparecido ao Leader, e as dansas vão até às 24 horas num ambiente alegre de distinção.”(A Voz do Povo, 29/02/1940, nº 741).

“Cornélio Pires hoje no Leader

O afamado humorista que todo o Brasil conhece e aplaude, o grande Cornélio Pires, estará hoje com suas piadas sempre novas e de sucesso, num festival no Leader-Club, em benefício da Santa Casa.

[...]” (A Voz do Povo, 16/02/1941, nº 835).

Nesse período, as associações classistas e desportivas também desempenhavam papel importante na oferta geral de lazer à população. Podemos destacar o Comercial Futebol Clube, a Liga Estudantina, Grênio Leteario, Recreativo e Esportivo da Academia de Comércio, Clube de Xadrez e o Clube de Sociologia, entre outras:

“O Estadio do Commercial Futebol Club

Sua breve inauguração

[...]

Pois já estão quase concluidas as principais obras do Estadio que vae ser o ponto obrigatório – ao domingos, e dias santificados – das populações da Alta Sorocabana; pois não há de negar, o Commercial F. C., veio prehencher com grandes vantagens uma falta que, de há muito tempo, vinha sendo reclamando nesta cidade, por quantos que trabalham durante a semana de sol a sol, em todos os ramos da actividade humana.

[...]” (A Voz do Povo, 21/06/1931, nº 225).

“[...]O Commercial Futebol Clube, alem de seu majestoso cordão, dará 4 imponentes bailes a phantasia na Barraca do Largo, onde funccionou a Kermesse.[...]” (A Voz do Povo, 10/02/1935, nº 392).

“Grande Baile

A Liga Estudantina de Presidente Prudente, órgão de Literatura, Recreativo e Esportivo do Ginasio São Paulo, fará realizar no próximo sabado, dia 12, um gracioso Baile a Chita, em comemoração ao 'Dia da Raça'.
[...]"(A Voz do Povo, 10/10/1940, nº 799).

"Clube de Sociologia de Presidente Prudente. Após decorrido um ano de sua fundação o clube que se destina a realizar estudos sociológicos, e que realiza reuniões culturais mensalmente, irá inaugurar sua Biblioteca Circulante."(A Voz do Povo, 06/04/1952, nº 1550).



Parque São Sebastião - 1927

FIGURA 7: *Parque São Sebastião, instalado na área da Praça Nove de Julho, em 1929.*

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).



FIGURA 8: *Área da Praça Nove de Julho, em 1929, sendo possível observar algumas barracas utilizadas em quermesses.*

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).



FIGURA 9: *Jardim Público da Praça Nove de Julho alguns anos após a sua inauguração.*

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).



FIGURA 10: *Footing na rua Nicolau Maffei.*

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).



FIGURA 11: Vista interna do Cine Teatro Santa Emilia, em 1923, instalado em barracão de madeira.

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).



FIGURA 12: Anúncio comercial do “Petit Bar”.

Fonte: A Voz do Povo, 16/07/1926, nº 16.



FIGURA 13: Anúncio comercial do “Cine Internacional”.

Fonte: A Voz do Povo, 17/04/1927, nº 70.

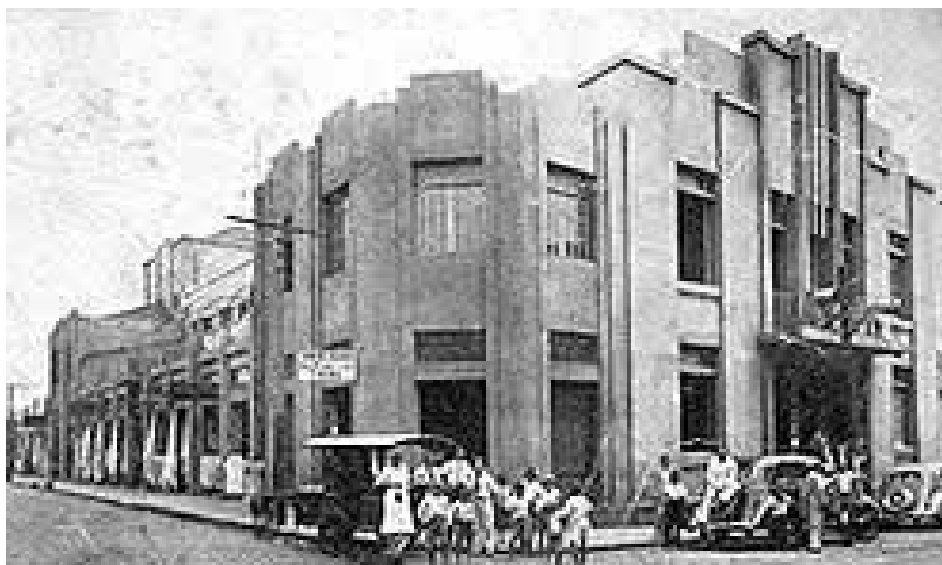


FIGURA 14: *Prédio do Cine Fênix, em 1937, na rua Dr. José Foz com a Barão do Rio Branco.*

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).

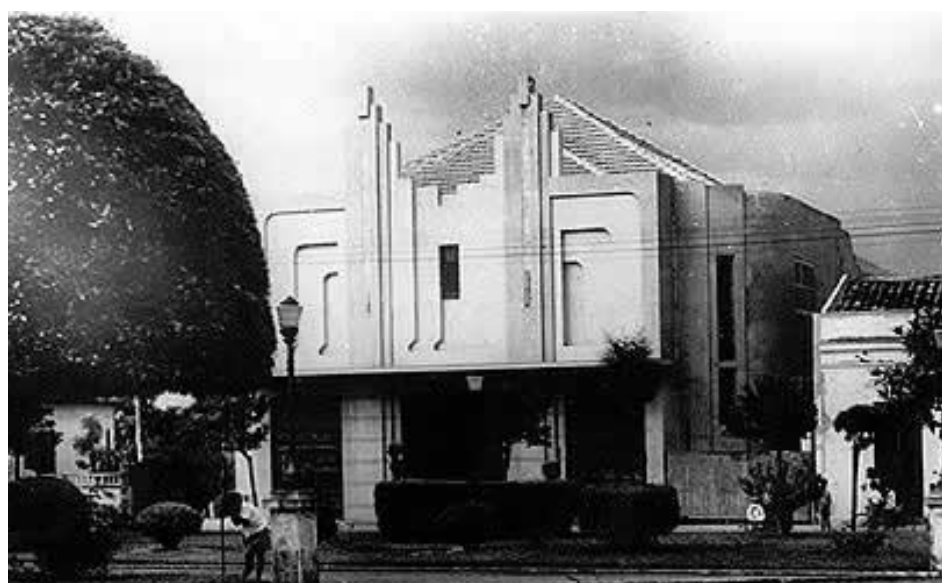


FIGURA 15: *Prédio do Cine João Gomes, em 1936, na rua Nicolau Maffei, em frente a Praça Nove de Julho.*

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).



FIGURA 16: *Prédio do Cine Presidente, em 1963, na avenida Coronel Marcondes.*

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).



MAGNIFICA VISTA DA PLATEIA (NO PRIMEIRO PLANO) E DO "PULMAN", COM CAPACIDADE PARA ACOLOHER 2.400 PESSOAS, ACOMODADAS DE MODO A FRUIR DE PERFEITA VISAO DA TELA

FIGURA 17: *Vista interna do Cine Presidente, com capacidade para mais de 2.000 pessoas.*

Fonte: O Imparcial, 14/09/1959, nº 4.037



FIGURA 18: *Salão do Bosque Municipal, local de festas e reuniões políticas entre o final da década de 1930 e início de 1940.*

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).



FIGURA 19: *Grêmio Progresso Japonês.*

Fonte: EMUBRA – História do Oeste de São Paulo, 2003 (CD-R).

CAPÍTULO IV
ENTRE O RURAL E O URBANO

4. Entre o rural e o urbano

Neste capítulo vamos considerar o lazer entre o rural e o urbano, ou seja, no contexto das transformações verificadas na cidade, em que novos valores e práticas típicos da sociedade urbana passam a predominar sobre aqueles ligados ao mundo rural. Para tanto, vamos antes tratar do “urbano” e do “rural”.

4.1. O rural e o urbano

Definir o rural e o urbano é tarefa que envolve múltiplas questões, muitas delas em via de problematização. Expressões correntes como “a invasão do campo pela cidade”, “a urbanização do campo”, “o novo rural”, “o novo urbano”, entre outras, evidenciam um contexto aparentemente confuso onde o rural e o urbano não se distinguem com tanta clareza. Beltrão Sposito (1999) bem expressa essa problemática quando diz:

Se as relações entre cidade-campo não expressão simetricamente aquelas entre o urbano e o rural, porque as relações que se estabelecem a partir das cidades, os símbolos e signos que nelas e através delas expressam o que é urbano estão além das cidades, é preciso refletir sobre o sentido dessa urbanização e em que medida a reprodução do espaço urbano pode gerar não o fim da distinção cidade-campo, mas a ausência da cidade na perspectiva de um conteúdo de urbanidade (BELTRÃO SPOSITO, 1999, p. 84).

Assim, a conceituação tradicional (dicotômica) do rural e do urbano perde cada vez mais valor explicativo da realidade, de vez que o urbano incorpora o rural e modifica seus antigos conteúdos; elementos da cidade difundem-se cada vez mais no campo diminuindo as diferenças sociais e culturais entre as populações urbanas e rurais ou entre localidades urbanas e rurais; o urbano, originário da *urb*, extrapola os limites físicos da cidade e tende a ser virtualmente global, sem que, contudo, isso signifique o fim do rural e muito menos o fim da distinção cidade-campo.

Dessa forma, não se é mais possível tomar o rural por simples oposição ao urbano, ou a cidade por simples oposição ao campo num modelo dicotômico, e nem estabelecer cortes rígidos entre essas esferas, como nas

definições tradicionais. Mas o urbano deve ser considerado na sua relação contraditória com o rural.

Nesse sentido, o entendimento do rural e do urbano deve ser buscado nas relações históricas entre cidade e campo, pois, essencialmente, são esses espaços e as relações historicamente estabelecidas entre eles que definem as bases concretas de significação/diferenciação do rural e do urbano.

Aqui cabe destacar a distinção que Lefebvre (1991b) faz entre morfologia material e morfologia social, sendo o campo e a cidade morfologias materiais, isto é, dados prático-sensível da realidade, e o rural e o urbano morfologias sociais, isto é, realidades sociais compostas de relações presentes, como divisão social do trabalho e funções desempenhadas. Nesses termos, a cidade é entendida como base material, concreta, relacionada a uma forma social específica, a forma urbana. Do mesmo modo o campo é entendido como base material, concreta, relacionada a uma forma social específica, a rural.

Assim, entendemos que inicialmente a diferenciação rural/urbana pode ser vista como decorrente do próprio nascimento da cidade que, por sua vez, passa a desenvolver relações com o seu entorno, o campo. Nesse processo a cidade desenvolve e acumula funções frente ao campo, bem como passa a comportar um sistema de relações sociais distinto. Historicamente, essa diferenciação é expressão de uma cada vez mais complexa divisão social e territorial do trabalho entre campo e cidade.

Para Castells (1983), são as relações históricas entre sociedade e espaço que explicam a origem e desenvolvimento das cidades. O fenômeno urbano é visto assim articulado à estrutura de uma sociedade e sua respectiva forma de organização espacial. Nesse sentido, a cidade é entendida como:

[...] o lugar geográfico onde se instala a superestrutura político-administrativa de uma sociedade que chegou a um ponto de desenvolvimento técnico e social (natural e cultural) de tal ordem que existe uma diferenciação do produto em reprodução simples e ampliada da força de trabalho, chegando a um sistema de distribuição e de troca, que supõe a existência: 1. de um sistema de classes sociais; 2. de

um sistema político permitindo ao mesmo tempo o funcionamento do conjunto social e o domínio de uma classe; 3. de um sistema institucional de investimento, em particular no que concerne à cultura e à técnica; 4. de um sistema de troca com o exterior (CASTELLS, 1983, p. 20).

Castells (1983) demonstra que as primeiras cidades apareceram no final do neolítico, momento em que as técnicas e as condições naturais e sociais de trabalho possibilitaram a produção de um excedente agrícola, absorvido então pelas cidades a partir de um sistema complexo de divisão e distribuição.

Nesse mesmo sentido Singer (1998) ressalta que embora fundamental a produção de um excedente agrícola, que o autor identifica como mais-produto, não foi condição única para o surgimento das cidades, sendo imprescindível também a criação de instituições sociais que assegurassem a transferência desse mais-produto às aglomerações humanas, o que pressupõe a existência de uma sociedade de classes onde a participação dos homens no processo de produção e de distribuição é diferenciada. Assim, a origem da cidade em certa medida se confunde com o nascimento da sociedade de classes.

Pois, de outro modo, a transferência de mais-produto não seria possível. Uma sociedade igualitária, em que todos participam do mesmo modo na produção e na apropriação do produto, pode, na verdade, produzir um excedente, mas não haveria como fazer com que uma parte da sociedade apenas se dedicasse à sua produção, para que outra parte dele se apropriasse (SINGER, 1998, p. 9).

As primeiras cidades foram centros administrativos, políticos e religiosos. À essas funções somam-se depois as funções comerciais e de gestão, notadas nas cidades imperiais dos primeiros tempos da história, particularmente no Império romano. As cidades organizadas pelo Império romano durante a sua expansão em outras civilizações, evidenciam um processo de colonização urbana, onde cidade é suporte das funções administrativas e de exploração mercantil dos territórios dominados. Por isso a queda do Império romano no Ocidente significou um quase desaparecimento das cidades ali existentes, que ficaram na sua maior parte

reduzidas à função de sede administrativa da Igreja ou, em alguns casos, de defesa de regiões fronteiras (CASTELLS, 1983).

Portanto, a Idade Média iniciada após a queda do Império romano correspondeu a um declínio geral do fenômeno urbano. Todavia, foi a partir de condições econômicas, sociais e políticas criadas no interior do próprio modo de produção feudal que as cidades renasceram, condições essas responsáveis também pela organização do modo de produção capitalista.

O refortalecimento do comércio – nunca completamente eliminado – principalmente a partir da reabertura do comércio com o Oriente, fez das cidades (os burgos) o abrigo e lugar das atividades dos mercadores. O comércio ganhou assim o caráter de atividade urbana, isto é, realizado de forma regular nas cidades. Com isso as cidades foram retomando seus papéis urbanos, bem como passaram a desenvolver instituições próprias que garantissem autonomia e segurança para o desempenho e ampliação de suas funções.

Com o capitalismo, a urbanização adquire proporções nunca antes vistas, sendo a própria cidade a base de sustentação desse novo modo de produção. Conforme ressalta Singer (1998): “O capitalismo surge na cidade, no centro dinâmico de uma economia urbana, que lentamente se reconstitui na Europa, a partir do século XIII” (SINGER, 1998, p. 19-20).

A urbanização sob o capitalismo se diferencia da urbanização anterior na medida em que com ele a cidade torna-se *locus* da produção (de mercadorias, valores de trocas), bem como passa a ser o centro dinâmico da sociedade. Sobretudo a partir do capitalismo em sua fase industrial, a urbanização atingiu um ritmo bastante acentuado. Um processo hegemônico no interior do qual a cidade redefine seus papéis, desenvolvendo novas funções e concentrando as forças produtivas da sociedade.

Para Lefebvre (2002) a industrialização, que imprime um novo ritmo à urbanização, paradoxalmente é responsável pela ruptura da realidade urbana, que se fragmenta:

Nesse movimento, a realidade urbana, ao mesmo tempo amplificada e estilizada, perde os traços que a época anterior lhe atribuía: totalidade orgânica, sentido de pertencer, imagem enaltecida, espaço demarcado e dominado pelos esplendores monumentais (LEFEBVRE, 2002, p. 26).

Nesse mesmo sentido, Castells (1983) afirma:

A difusão urbana equivale exatamente à perda do particularismo ecológico e cultural da cidade. Por isso os processos de urbanização e autonomia do modelo cultural 'urbano' se manifestam como processos paradoxalmente contraditórios (CASTELLS, 1983, p. 22).

As relações históricas entre cidade e campo, desde os primeiros núcleos urbanos do final do neolítico até as cidades do período pós-revolução industrial, descrevem uma complexificação da divisão social trabalho e das relações sociais com um todo. A sociedade se reproduz de forma cada vez mais complexa. Trata-se, contudo, de um processo que não se dá de maneira homogênea no espaço e no tempo, mas variando segundo os diferentes momentos históricos e os modos de produção predominantes em cada um deles e em cada sociedade localizada.

Lefebvre (1976 e 2002) reconhece a existência de três grandes momentos históricos, nos quais encontramos relações específicas entre a cidade e o campo, entre o urbano e o rural:

Três camadas. Três épocas. Três “campos”, não apenas de “fenômenos sociais”, mas de sensações e de percepções, de espaços e tempos, de imagens e de conceitos, de linguagem e de racionalidade, de teorias e de práticas sociais:
 -o rural (camponês),
 -o industrial,
 - o urbano [...] (LEFEBVRE, 2002, p. 37).

Cada um desses campos é definido pelo predomínio de uma determinada forma de estrutura e organização social. Não se trata de campos aprazíveis, mas campos de tensões, havendo entre eles interações e desigualdades de desenvolvimento pelas quais seus domínios coexistem – assim, numa determinada época, por exemplo a atual, continuam a existir elementos de épocas anteriores. Enfim, três tipos de sociedade global: a sociedade rural ou agrária, a sociedade industrial e a sociedade urbana.

Todavia, junto com Queiroz (1979) podemos reconhecer um outro tipo de sociedade global anterior à sociedade rural, qual seja, a sociedade tribal:

“[...] em que inexistia a divergência rural-urbana, em que os grupos sociais são de envergadura pouco complexa, em que a divisão social do trabalho é fraca e em que não existe a concentração urbana.” (QUEIROZ, 1979, p. 161).

Na sociedade rural a cidade já é uma realidade presente e suas funções são essencialmente político-administrativas, concentrando-se no campo praticamente toda a produção e vida social; portanto, o fenômeno urbano nela já existe porém num contexto em que a cidade aparece subordinada ao campo.

Com a sociedade industrial, a produção urbana (industrial) passa a predominar sobre a produção rural (agrícola), e o sentido desta também passa a ser determinado pela cidade, pelo urbano. Essa inversão se dá igualmente nos planos demográfico e cultural. A população dos países industriais torna-se eminentemente urbana, ou seja, residente nas cidades, e os valores e práticas da sociedade passam a ter como base de sua reprodução não mais o campo, mas a cidade.

Para Lefebvre (2002) a sociedade urbana já se revela na sociedade industrial, e assim cabe reservar o termo “sociedade urbana”: “[...] à sociedade que nasce da industrialização. [...] a sociedade constituída por esse processo que domina e absorve a produção agrícola” (LEFEBVRE, 2002, p. 15). Dessa forma, podemos considerar que a verdadeira transformação se faz da sociedade rural para a urbana, havendo entre as duas a sociedade industrial.

Esse longo caminho histórico do rural para o urbano, passando pelo industrial, descreve uma complexificação da sociedade: “[...] que atinge ao mesmo tempo atinge o espaço e o tempo, pois a complexificação do espaço e dos objetos que o ocupam não ocorre sem uma complexificação do tempo e das atividades que nele se desenvolvem” (LEFEBVRE, 2002, p. 153).

Assim, quanto mais urbana é uma sociedade, mais complexa são as suas relações. Essa correlação pode ser entendida a partir da própria essência e sentido histórico do fenômeno urbano, qual seja, a centralidade, e nela a simultaneidade:

Não existe cidade, nem realidade urbana, sem um centro. Mais que isso: o espaço urbano se define, como já dissemos, pelo vetor nulo; é um espaço onde cada ponto, virtualmente, pode atrair para si tudo o que povoa as imediações: coisas, obras, pessoas (LEFEBVRE, 2002, p. 93).

A cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela centraliza as criações. E, no entanto, ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é, sem relações. Ela cria uma situação, a situação urbana, onde as coisas diferentes advêm umas das outras e não existem separadamente, mas segundo as diferenças [...] (LEFEBVRE, 2002, p. 111).

Portanto, o urbano é uma forma pura: o ponto de encontro, o lugar de uma reunião, a *simultaneidade*. Essa forma não tem um conteúdo específico, mas tudo a ela vem e nela vive [...]. Enquanto diversos, os conteúdos (coisas, objetos, pessoas, situações) excluem-se, e se incluem e se supõem enquanto reunidos. [...]. Ele se liga, de um lado, à lógica da forma, e, de outro, à dialética dos conteúdos (às diferenças e contradições dos conteúdos) (LEFEBVRE, 2002, p. 112).

A idéia do urbano como mais complexo e dinâmico que o rural comparece nos estudos clássicos (comparativos) de localidades urbanas (ou sociedades urbanas) e localidades rurais (ou sociedades rurais). Nesses estudos, o urbano e o rural são vistos a partir de uma perspectiva dicotômica, isto é, num sistema de oposições. Segundo Palen (s.d.):

Os termos usados para definir essa dicotomia podiam variar, mas a idéia central era basicamente a mesma: o campo representava a simplicidade, a cidade a complexidade. As regiões rurais eram caracterizadas por regras, papéis e relações imutáveis, enquanto a cidade se distinguia pela inovação, mudança e desorganização. A cidade era o centro da variedade, heterogeneidade e inovação social, enquanto o campo representava a tradição, a continuidade social e o conformismo cultural. Os habitantes da cidade eram mais sofisticados, mas tinham menos calor humano (PALEN, s.d., p. 140)

Conforme Castells (1999), essa: “[...] noção de urbano (oposta a rural) pertence à dicotomia ideológica sociedade tradicional/sociedade moderna, e refere-se a uma certa heterogeneidade social e funcional [...]” (CASTELLS, 1999, p. 24). Essa distinção rural/urbano aparece então como expressão da divergência entre uma realidade moderna (a urbana) – identificada com o capitalismo, o progresso da técnica e novos padrões de relações sociais e

estilos de vida – e uma realidade tradicional (a rural) – refratária a esses elementos. É aí também que identificamos a oposição entre aquilo relativo à urbanidade (ilustrada, civilizada) e a rusticidade (ingênua, rústica).

A seguir vamos procurar identificar essas relações entre o rural e o urbano, entre o tradicional e o moderno, no desenvolvimento das práticas de lazer em Presidente Prudente, particularmente nas primeiras décadas de existência da cidade. Procuraremos demonstrar que, no contexto da produção da cidade e do desenvolvimento da vida urbana, as mudanças nas práticas de lazer dizem respeito a um processo mais amplo de transformações, aonde novos valores e práticas, típicos da sociedade urbana, passam a predominar sobre aqueles relacionados à vida no campo.

4.2. O rural, o urbano e o lazer

Segundo Requixa (1977), a análise dos reflexos da urbanização e da industrialização sobre as formas tradicionais de lazer da população informa permanências, transformações e desaparecimentos. Por outro lado, novas formas de lazer típicas da sociedade urbana são acrescentadas e passam a predominar sobre aquelas tradicionais.

É preciso considerar que essas mudanças no âmbito do lazer ocorrem num contexto de transformações mais amplas da sociedade, ou seja, no conjunto das suas práticas e valores. Pois a emergência da sociedade urbana tem como resultado um novo estilo de vida, que reflete na forma como as pessoas comem, vestem-se, divertem-se, enfim, como encaram a realidade social.

Em Presidente Prudente, a vida da cidade esteve marcada em seus primeiros tempos não só pela economia como também por valores e práticas próprios do mundo rural. Posteriormente, na medida em que a cidade foi crescendo, valores e práticas da sociedade urbana foram se firmando, ao passo que a economia urbana também passou a predominar sobre a economia rural no contexto regional. Conforme destaca Abreu (1972):

A cidade nasceu como “boca de sertão” em função da expansão cafeeira e da especulação de terras, sendo em seus primórdios muito mais um reflexo das condições agrárias de sua periferia do que um agente de transformação do campo. Posteriormente, esta situação se inverteu na medida em que Presidente Prudente foi organizando um aparelhamento comercial e de serviços, subordinando a si a zona rural (ABREU, 1972, p. 10-1).

Como já visto, foi a partir da década de 1930 que Presidente Prudente passou a desfrutar de uma vida urbana em seu sentido mais pleno, quando então se verificou na cidade uma série de melhoramentos urbanísticos bem como a emergência de novos padrões de comportamento e hábitos entre a população.

Todavia, isso não significou a supressão imediata e total dos elementos do mundo rural até então presentes na cidade. Diferente disso, muitos desses elementos persistiram ou mesmo foram incorporados à vida urbana, e assim fragmentos da vida rural continuaram a fazer parte do cotidiano de uma parcela da população.

Sobre esse aspecto, são esclarecedoras as idéias de Lefebvre, para quem o urbano não nega o rural, mas o inclui, ainda que modificando seus antigos conteúdos e conferindo novos significados a seus elementos. Isso porque:

[...] a Cidade teve a singular capacidade de se apoderar de todas as significações a fim de dizê-las, a fim de escrevê-las (estipulá-las e “significá-las”), inclusive as significações oriundas do campo, da vida imediata, da religião e da ideologia política. Na cidade, os monumentos e as festas tiveram estes sentidos (LEFEBVRE, 1991b, p. 56).

Em Presidente Prudente, as festas religiosas ligadas ao mundo rural foram inicialmente condensadas na cidade e depois dissolvidas pela vida urbana, perdendo assim a sua antiga função social, isto é, o seu papel como elemento de definição da sociabilidade vicinal e como principal forma de lazer da população local. Papeis esses observados ainda hoje em pequenas cidades do interior, onde valores e práticas da sociedade tradicional encontram-se mais vivas e em condição de maior resistência.

É interessante notar que as primeiras festas religiosas, realizadas na década de 1920, já eram povoadas por uma série de diversões citadinas,

como concertos musicais, jogos esportivos, atividades recreativas, entre outras, que informam já nesse período as primeiras transformações no conteúdo dessas festas. É o que Elazari (1979) verificou também em São Paulo, quando entre o final do século XIX e início do XX as tradicionais festas religiosas comportavam até mesmo atividades condenadas pela Igreja, como jogos de azar e prostituição.

Embora “profanadas” pela vida urbana, muitas festas religiosas continuam a fazer parte da vida da cidade, como é o caso da Festa de São Judas Tadeu, que ocorre anualmente no Bairro São Judas. Ou então a Festa de São Sebastião, que após décadas de interrupção voltou a ser realizada, a partir de 2003, no largo da Igreja Matriz, o mesmo local das suas primeiras edições na década de 1920. Podemos mencionar ainda as festas juninas, hoje realizadas mormente em ambientes fechados e freqüentemente associadas ao universo infantil; um contraponto às festas juninas dos primeiros tempos da cidade, que, conforme já visto, eram realizadas nos moldes tradicionais, quando a população reunia-se: “[...] na instável fronteira entre o frenesi alegre e o frenesi cruel, na fruição lúdica e no transe” (LEFEBVRE, 2002, p. 111).

Assim, a despeito das suas transformações, as festas religiosas são ainda aquelas que, embora atenuadas, apresentam maior condição de resistência ao processo de modernização da sociedade. É o que já assinalou Requixa (1977), quando diz que: “[...] parecem ser as manifestações lúdico-religiosas aquelas a guardarem mais possibilidades de permanência, apesar da urbanização” (REQUIXA, 1977, p. 35).

Ao tempo em que as festas religiosas perderam a sua antiga importância e função social, sem contudo desaparecerem, novas festas vinculadas ao mundo urbano passaram a fazer parte da vida de moradores da cidade, como é o caso do carnaval e das festas cívicas. E além dessas festas urbanas, a cidade desenvolveu também outras formas de lazer, típicas da sociedade urbana, que destacaremos a seguir.

Como já visto, o carnaval era realizado na cidade, desde os últimos anos da década de 1920, com grande animação e participação popular.

Depois, com as transformações urbanas na cidade, a partir da década de 1930, em que se verificou a urbanificação de logradouros públicos e a constituição de espaços de convívio social como os clubes, o carnaval ampliou ainda mais a sua presença e importância na vida urbana. Era no Jardim Público e suas imediações assim como nos salões dos clubes e cine-teatros que os foliões se reuniam durante os dias de carnaval. Signos da reunião e do urbano, são esses lugares (ruas, praças, luzes, calçadas etc.) que permitem e estipulam a reunião e a vida urbana (LEFEBVRE, 2002, p. 111). E o carnaval, enquanto festa urbana, constituía nesse período uma das formas mais significativas de apropriação do espaço urbano, pois: “O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro)” (LEFEBVRE, 1991b, p. 4).

As festas cívicas, por sua vez, surgiram na cidade no final da década de 1920, relacionadas principalmente à necessidade de promoção, por parte do Estado e através do sistema escolar, de valores morais e cívicos entre as populações urbanas, num período de transição do modelo econômico (de agrário-exportador para urbano-industrial) e de emergência de um projeto nacionalista no país.

Não por acaso, as festas cívicas eram realizadas aqui como em outras cidades, com a participação efetiva dos grupos escolares, que além de cerimônias cívicas promoviam também atividades de educação física, estas geralmente sob a denominação de “ginástica”, que, segundo Betti (1991), caracterizava-se por práticas como filas, ordem unida, uso de uniforme e de vozes de comando, tudo com vinculação direta com manifestações patrióticas. Para esse quadro em que a educação física se insere no regime escolar:

Uma explicação plausível é a de que a Educação Física foi percebida como um valioso meio de inculcação dos valores pregados pelo Estado, em especial na escola secundária, numa faixa etária propícia à modelação da personalidade e à absorção de valores morais e cívicos (BETTI, 1991, p. 85).

As atividades ginásticas, que se desenvolveram no Brasil a partir do método francês, compreendem seis formas de trabalho físico: jogos, flexionamentos, exercícios educativos, aplicações (que compreende no grupo de sete exercícios: marchar, trepar, saltar, levantar e transportar, correr, lançar, atacar e defender-se.), esportes individuais e esportes coletivos (BETTI, 1991, p. 75). Assim, elas dizem respeito também ao desenvolvimento do conjunto das práticas esportivas, que, segundo Requixa (1977) :

[...] constituem manifestações tipicamente urbanas e difundidas, quase sempre, a partir de modelos desenvolvidos no exterior. Admite-se a existência de uma certa correlação do índice e nível qualitativo da urbanização e a prática esportiva (REQUIXA, 1977, p. 61).

Em Presidente Prudente, o desenvolvimento da vida urbana se fez acompanhar pelo crescimento das práticas esportivas na cidade. Futebol, bola ao cesto, natação, tênis, boxe, são algumas das modalidades esportivas encontradas na cidade desde os finais da década de 1920:

“Box

A turbamulta que ocorreu domingo último na quadra de esportes do conhecido e tradicional Clube Athletico Internacional teve o ensejo de assistir diversas pelepas da ‘arte nobre’.

[...]

E assim o clube das iniciais CAI, deu mais uma nota brilhante para o esporte desta terra, fazendo com que a sua academia de box puzesse em rinque dois amadores do ‘esporte nobre’ filhos de prudente.

[...]” (A Voz do Povo, 24/06/1937, nº 503).

“Lucta livre

No Cine Internacional, deverá ser realizado um match de lucta livre entre Ruhmann, campeão syriolibanes e Carlos Berner, atleta local. [...]”(A Voz do Povo, 01/09/1935, nº 419).

“Torneio de Bocce

Iniciar-se-á, a 16 de Abril proximo, na cancha do Bar Maggiorino, nesta cidade, um sensacional torneio de bocce, em duplas (4 jogadores), o qual está despertando franca animação entre os amadores desses esporte.

[...] Esse torneio, pelo que se nota, será o maior até agora realizado na zona da Alta Sorocabana.

[...]” (A Voz do Povo, 06/04/1939, nº 656).

“Torneio de Bocce

de Presidente Prudente

Será realizado no próximo dia 8, o grande torneio de ‘Bocce’, que promete ser de concorrência enorme, principalmente entre os afeiçoados desse jogo, notadamente nos elementos da Colonia Italiana desta cidade.

[...]

Servirá de local a cancha da Confeitaria Italiana do sr. Magiorino Roda, que [...]” (A Voz do Povo, 05/12/1940, nº 814).

O futebol deu origem na cidade a três times: O “Esporte Clube Operário”, o “Commercial Futebol Clube” e o “Clube Athletico Prudentino”, este dois últimos com estádios próprios, construídos nos primeiros anos da década de 1930. Aos domingos, a população tinha a oportunidade de acompanhar partidas entre times locais e times de outras cidades da região³⁸. O esporte tênis, por sua vez, começou numa quadra de terra improvisada num terreno da cidade, mas depois ganhou acomodações mais adequadas, quando também foi fundado um clube por seus praticantes. A bola ao cesto era praticada numa quadra construída por uma entidade filantrópica chamada Assistência Social a Mendigo, havendo diversos times na cidade, como o do “Tênis Clube”, o “Athletico Cesto Bol Clube” e o time do “Commercial F. Clube”. Esporte que se popularizava na época, a bola ao cesto era também praticada por mulheres na cidade:

³⁸ A Voz do Povo, edições de 12/02/1928, nº 113; 11/03/1928, nº 116; 01/06/1930, nº 215; 24/05/1931, nº 253 e; 01/01/1935, nº 386.

“Commercial F. Club

Aviso n. 4

Convido as senhoritas que se inscrevam como sócias da secção feminina do Commercial Futebol Club, e que desejarem tomar parte nos jogos femininos, a comparecerem amanhã (Segunda-feira), ás 6 e meia horas, da manhã, no estadio do Commercial Futebol Club, afim serem organizados os quadros de ‘Bola ao Cesto’, cujos treinos terão início aquella hora.

[...]” (A Voz do Povo, 21/06/1931, nº 255).

A produção de novos valores e práticas sociais na cidade, com o desenvolvimento da vida urbana, não esteve e nem está isenta de conflitos. No desenvolvimento do lazer, uma nova prática esportiva pode ser socialmente rejeitada, sendo que, nesse caso, a tradição e seus valores funcionam como a causa de sua recusa. Em Presidente Prudente, identificamos esse aspecto num artigo publicado em 1932, o qual defende a não introdução na cidade de uma forma de lazer na época já bastante difundida em São Paulo, qual seja, a patinação de pista:

“Rink de Patinação

Segundo lemos na ‘Folha da Sorocabana’, cogita-se de fundar nesta cidade um Club de Patinação. Vamos dar nossa opinião sobre esse geenero de esporte. Em primeiro logar consideramos um esporte perigoso e sem vantagem nenhuma ao exercicio physico, senão vejamos: a patinação não influe em nada ao desenvolvimento physico, pois é exercicio de musculatura, em segundo logar é um divertimento perigoso e de consequencias funestas como passamos a provar. Em São Paulo, fundaram-se em menos de 2 mezes perto de 50 rinks de patinação, nesses 50 rinks que funcionam em 2 periodos, das 13 ás 17 horas e da 20 ás 24 horas, registram-se innumeros desastres e alguns factaes. Tivemos a ocasião de assistir a alguns desses desastres, num rink, só numa noite, duas senhoritas fracturaram a perna, um rapaz bateu com o craneo no cimento, fallecendo momentos depois, na mesma noite num outro rink uma senhorita cahiu

fracturando a espinha que resultou a paralisia completa. São tantos os desastres que se verificam diariamente que os carros de assistência policial, e isso poderemos provar, não dão conta dos chamados de socorros, e assim ficou resolvido a não mais atender a chamada de assistência para atender a desastre nos salões de patinação a não ser mediante o pagamento de 30\$000 para cada chamado, isso calcula-se só para desastres graves não se levando em conta os ferimentos leves.

Tudo quanto aqui exposto tivemos a oportunidade de verificar ainda há dias em São Paulo.

Assim aconselhamos os chefes de famílias não consentirem que seus filhos se exponham a perigos dessa natureza e que como exercício physico, nada vale” (A Voz do Povo, 07/01/1932, nº 271).

Por outro lado, esse mesmo artigo revela uma outra dimensão importante relacionada ao desenvolvimento da vida urbana da cidade. Trata-se do papel dos grandes centros, e nesse caso a cidade de São Paulo, na difusão local de comportamentos e hábitos urbanos, entre os quais aqueles relacionados ao lazer, que como visto acima podem encontrar certa resistência.

Conforme esclarece Santos (1998): “A história de uma dada cidade se produz através do urbano que ela incorpora ou deixa de incorporar; desse urbano que em outros lugares pode tardar a chegar, e que em São Paulo sempre chegou imediatamente” (SANTOS, 1998, p. 71). Assim, nas diversas regiões do território brasileiro tivemos, e ainda temos, um processo diferenciado de urbanização e de penetração de valores e práticas urbanos. Nesse processo as grandes cidades funcionam como centros irradiadores de cultura urbana, exercendo influência sobre outras cidades menores, que passam a copiar seus modelos de urbanidade, ainda que inicialmente possa haver alguma forma de resistência ou rejeição.

E como visto no recorte acima, parece haver uma estreita relação entre a constituição de um “rinke de patinação” na cidade e a generalização dessa forma de lazer em São Paulo. Igualmente, muitas outras formas de

lazer difundiram-se a partir dos grandes centros para as cidades menores, como é o caso do bilhar, prática introduzida em Presidente Prudente na década de 1920, depois de já haver sido popularizado em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Aqui como em outras cidades, o bilhar era um importante chamariz para os estabelecimentos da época, havendo também as casas especializadas nesse gênero de diversão:

“Bar Paulista

Inaugurou-se domingo passado, às 7 horas da noite, o confortável Bar Paulista, da firma Belém & Tuchler.

É um novo estabelecimento que muito concorre para o nosso grandioso progresso.

O Bar Paulista que possui também vasto salão de Bilhares, tem um ótimo serviço de restaurante que servido caprichosamente e a contento do público. [...] (A Voz do Povo, 05/08/1928, nº 135, grifo nosso)

“Bar Cascatinha

Foi inaugurado há dias nesta cidade, o ‘Bar Cascatinha’ de propriedade do nosso amigo sr. Ismenio Corrêa, antigo negociante nesta cidade.

O ‘Bar Cascatinha’ está magnificamente instalado com rigoroso asseio e mobiliário moderno, no prédio onde funcionou os bilhares do sr. Flousino Ambrósio, em frente ao Theatro Santa Emília, na rua barão do Rio Branco.

[...].” (“A Voz do Povo”, 25/01/1931, nº 241, grifo nosso)

“Bilhar Jardim

Já há vários dias que se encontra à disposição do público, o ‘Bilhar Jardim’, que instalado com modernas mesas de ‘snooker’, realça entre os seus congêneres.

O ‘Bilhar Jardim’ está localizado onde funcionou a Coletoria Estadual, oferecendo, pela sua comodidade e esplêndida iluminação, ótimos momentos de recreação.

A seu proprietário, sr. Remigio Pedrosa, desejamos prosperidades.” (“A Voz do Povo”, 11/01/1940, nº 730)

Dentre as formas de lazer difundidas com a urbanização, talvez a mais significativa delas seja o cinema, que segundo Dumazedier (1973): “[...] impôs heróis, temas e modas que determinaram profundas transformações no comportamento e nas atitudes com relação aos lazeres diários e na vida cotidiana da juventude do mundo inteiro” (DUMAZEDIER, 1973, p. 70).

Essa forma de lazer, desde que foi iniciada com as primeiras técnicas de reprodução cinematográficas, em 1894, espalhou-se rapidamente pelo mundo, causando grande impacto na vida diária das pessoas. Em Presidente Prudente, o cinema foi introduzido no final da década de 1920, quando a ele já era reservado na cidade espaço importante na vida social e particular dos indivíduos:

“DIVERSÕES

CINEMA

O cinema actualmente faz parte do programa da vida diaria...

É obrigatório a todas as famílias frequentarem o cinema, normalmente numa cidade onde é a única diversão que se tem. [...]

Presidente Prudente pode orgulhar-se de um Theatro que depois de acabado será o primeiro da Sorocabana, é o Theatro Santa Emília...” (A Voz do Povo, 03/03/1929, nº 161).

O crescimento da importância do cinema no lazer e na vida urbana da cidade, desde que foi introduzido, pode ser observando no aumento do número de público e de lugares nas salas de exibição. Esse crescimento se deu em Presidente Prudente até a década de 1960, quando a cidade chegou a contar com quatro grandes salas de cinema (Cine João Gomes, Cine Fenix, Cine Presidente e Cine Ouro Branco), que juntas ofereciam um total de 4.490 poltronas. Nesse período, a inauguração de um cinema novo era referenciada como sinal de progresso e de modernidade. A imprensa destacava com grande apreço o luxo, o tamanho e os avanços técnicos das novas salas em relação às mais antigas:

“Theatro Santa Emília

Com excepcional pompa foi inaugurado na entrada do Ano Novo, o sumptuoso Theatro Sta. Emília de propriedade do abastado capitalista Sr. Francisco Di Lourenço, um dos pioneiros do progresso desta cidade.

O Theatro Sta. Emília é o bem o expoente máximo da iniciativa particular desta cidade, o que a garantia do futuro grandioso a que estamos destinados” (A Voz do Povo, 08/12/1928, nº 108).

“Nosso Progresso é um Fato

Cine João Gomes

[...]

E o Cine Fênix que vem de passar por uma completa reforma, terá em breve um colega, não como concorrente, mas como coordenador de esforços em prol de nosso progresso.

Esse será o Cine João Gomes. Ergue-se no mesmo lugar onde antigamente os prudentinos conheceram um cinema a que deram o nome de ‘poeira’.

[...]” (A Voz do Povo, 17/03/1940, nº746).

“Cine João Gomes

Sua inauguração dia 2

[...]

Convenhamos que o Cine Fênix era uma boa casa, sendo talvez o melhor prédio de Prudente, pela sua moderna arquitetura.

Todavia, como cinema, e como era naturalmente de se esperar, o ‘João Gomes’, ressurgido das cinzas do antigo ‘Poeira’, pelo recente acabamento barrou o antigo Cine Fênix.

Isso a diversos fatores. A disposição das poltronas na platéia, o declive mais acentuado desta, a cobertura em material mais tecnicamente adaptável à acústica, o modernismo, enfim, do ‘João Gomes’ o tornará o que há de melhor em matéria de cinema no interior.

A enchente do publico que ocorreu às duas sessões da noite inaugural notou isso, sem dúvida.

A ventilação, por seu lado, nada deixou a desejar, pois são de fato possantes os quatro exaustores colocados ao fundo do salão, onde se enfileiram as cômodas mil e duzentas poltronas, cujo elevado custo está relativo à perfeição das mesmas.

[...]

Daí, a bela construção que enfeita hoje a Praça 9 de Julho.

[...]” (A Voz do Povo, 06/07/1941, nº 870).

“Em Dezembro deste ano será inaugurado em P. Prudente um dos maiores cinemas do País

Diretores de Grandes Empresas Cinematográficas virão a Presidente Prudente – Empregados na obra 30 milhões de cruzeiros aproximadamente – O maior da Empresa Pedutti e um dos Maiores do País.

Iniciadas em junho de 1955 deverão ser concluídas em dezembro deste ano as obras de um dos maiores cinemas do país, qual seja o Cine Presidente, de nossa cidade. A construção cobre uma área de 1768 ms², onde foram empregados aproximadamente trinta milhões de cruzeiros.

Outros Dados

O cinema será dotado de ar condicionado. Terá duas amplas salas de espera, iluminação indireta e ultra moderna. Estão sendo construídas duas platéias: uma em cima, especial e luxuosa, com 886 poltronas estofadas e recuáveis; outra em baixo, com 1600 poltronas de madeira mas modernas.

A tela só não supera a do cine República, de São Paulo, em tamanho, em toda a América do Sul, pois terá 20 metros de comprimento por 9 de altura, destinada aos filmes em cinemascope. Será dotado, ainda, com som esfereofônico, moderníssimo.

[...]” (O Imparcial, Edição Especial de Novembro de 1958, nº 3935).

A “fase de ouro” do cinema foi assim vivida em Presidente Prudente nas décadas de 1940, 1950 e 1960, com a inauguração de grandes e luxuosas salas de exibição. Esse *glamour* dos palácios dos cinemas, segundo Almeida (2002), tem relação com o próprio tipo de filme freqüentemente exibido naquele período que expressavam um mundo de sonhos e fantasias, mundo

esse projetado diretamente nos espaços físicos dos cinemas. Por outro lado, a grandiosidade dos cinemas também correspondia ao papel que eles desempenhavam na vida urbana, como lugar central no lazer cotidiano das pessoas.

Depois dessa fase de ouro, assistiu-se a decadência geral dessa forma de lazer. Conforme esclarece Almeida (2002), a idéia de “decadência do cinema”, que começou a ser difundida a partir da década de 1960 tanto na imprensa como no senso comum das pessoas, tem relação com as mudanças que o mercado cinematográfico passou nesse período. De um lado, houve a crise econômica do cinema norte-americano e, de outro, a diminuição do público freqüente. As transformações das salas de exibições também ajudam a explicar essa decadência: antes elas eram a grande atração, eram luxuosas e ligavam-se a idéia de modernização; depois, enquanto essas salas se tornavam deterioradas, as novas ficavam cada vez menores. Para muitos, ainda, o aumento da exibição de filmes pornográficos e de violência é também um dos motivos da decadência do cinema.

Dumazedier (1973) observa que essas transformações no mercado cinematográfico se fizeram sentir primeiro nos países desenvolvidos, logo após a Segunda Guerra Mundial, quando se observou o fechamento de inúmeras salas de exibição. O principal motivo apontado para tanto, foi a difusão da televisão nos lares, instrumento que passou a concorrer com o cinema enquanto forma de lazer. Portanto, a diminuição do papel desempenhado pelo cinema como lazer está relacionada à concorrência com outras formas de lazer.

Em Presidente Prudente, a decadência do cinema ocorreu nas décadas de 1970 e 1980, quando houve uma diminuição significativa do público freqüente e o fechamento das tradicionais salas de exibição da cidade. Os motivos dessa decadência não fogem daqueles apontados acima, conforme transparece na reportagem a seguir, que trata do encerramento das atividades do maior e mais luxuoso cinema da cidade, o Cine Presidente, em 1983:

“Última Sessão de Cinema

Após 24 anos, o Cine Presidente é desativado

Sem maiores explicações a Empresa Teatral Pedutti, com sede em Botucatu, resolveu desativar o Cine Presidente que a partir de terça-feira próxima, dia 1.º de março, não mais receberá seus habitués. O que será feito com o enorme salão também não se sabe. Talvez seja transformado em mais um supermercado ou um grande magazine, é o que se especula. [...]

Presidente Prudente já contou com 5 cinemas – Fênix, João Gomes, Presidente e Ouro Branco – passa a ter unicamente o Ouro Branco e Fênix, este último considerado o mais velho entre todos, vindo da década de 1930. É uma pena que tal fato ocorra. Nossa cidade que já não conta com muitos locais de entretenimento, vai perdendo os poucos que restam ainda. A concorrência da televisão é apontada como a causa principal do desaparecimento de cinemas tradicionais, não só em Prudente mas em todos os grandes centros populacionais. O Cine Presidente capaz de comportar mais de duas mil pessoas, vivia às moscas, só dando bilheteria quando da apresentação de filmes de Mazzaropi (que infelizmente morreu) e Os Trapalhões, dois dirigidos à criançada. Pensava-se até em transformá-lo em duas salas, desativando o Cine Fênix, para efeito de economia, mas os planos não deram certo. Mesmo as pornochanchadas, o apelo às cenas de sexo de algumas películas não cativam mais o público. O alto preço dos ingressos também influiu, pois poucos se arriscavam a pagar muito para assistir a uma péssima película, nacional ou estrangeira, quando se têm no conforto do lar as boas produções de fim de semana apresentadas pela TV. Só nos resta agora torcer para que não desapareçam também os dois últimos cinemas prudentinos, e que eles apresentem uma programação condizente com a grandeza desta terra e deste povo. Só assim o público será motivado a comparecer e esquecer um pouco esse aparelhinho chamado televisão.

[...] “ (Correio da Sorocabana, 27/02/1983).

Assim como o cinema, outros espaços de lazer surgiram na cidade, ocupando espaço importante no lazer diário das pessoas e incrementando a vida urbana. No início da década de 1940, por exemplo, o Bosque Municipal, apesar de seu breve período de existência, constituiu-se num espaço importante de lazer, onde as crianças podiam brincar, havendo ali um *playground*; onde as famílias se reuniam para fazer pic-nic e onde aconteciam reuniões sociais e festas. Outro exemplo pode ser dado com o centro esportivo do “Commercial Futebol Club”, inaugurado no início da década de 1930. O recorte a seguir denota a importância desse espaço de lazer para a cidade:

“O Estadio do Commercial Futebol Club

Sua breve inauguração

[...]

Pois já estão quase concluidas as principais obras do Estadio que vae ser o ponto obrigatório – ao domingos, e dias santificados – das populações da Alta Sorocabana; pois não há de negar, o Commercial F. C., veio prehencher com grandes vantagens uma falta que, de há muito tempo, vinha sendo reclamando nesta cidade, por quantos que trabalham durante a semana de sol a sol, em todos os ramos da actividade humana.

Evidente essa lacuna consistia na criação de um ponto confortável, discreto e cheio de encantos, onde a sociedade laboriosa de nossa cidade, pudesse, nos dias de descanso suavisar as asperezas do trabalho cotidiano.

Para preencher essa falta, uma punhado de jovens dignos, inteligentes e esforçados, tendo á frente o hábil e operoso engenheiro dr. Alvino Gomes Teixeira, resolveu fundar uma sociedade que proporcionasse aos habitantes deste Município, onde tudo vale por uma grande esperança realizadora e cheia de victorias, meios e modos della se divertir, gosar e descansar das fadigas semanaes – e para isso fundaram o Commercial F. C., centro que será em breve tempo, o paraizo das formosas damas, linda senhoritas e distinctos cavalheiros da sociedade prudentina.

[...].” (A Voz do Povo, 21/06/1931, nº 255).

Dentre os espaços de lazer que se proliferaram na cidade com participação expressiva na oferta geral de lazer, aparecem os clubes e associações recreativas. Conforme Parker (1978), sendo o lazer um aspecto importante da vida e estrutura social urbana, enquanto experiência do indivíduo, enquanto atributo de um grupo ou de uma atividade social, é natural que surjam na cidade organizações e instituições próprias para o seu desenvolvimento.

Por outro lado, a constituição dessas instituições se relaciona ao conjunto das transformações sociais e culturais mais amplas provocadas pelo desenvolvimento da vida urbana. Processo em que relações primárias dão lugar a uma multiplicidade de contatos, onde a afinidade de parentesco, de vizinhança ou histórica é substituída por uma afinidade de interesses, de gostos e de aspirações. Segundo Camargo (1986):

Esta relação social por afinidade de gosto ou de situação é uma produção cultural típica das cidades. Nesta dinâmica se baseiam o associativismo urbano, tanto informal, que se resume no contato inconseqüente, como formal, que evolui para alguma forma de ação (CAMARGO, 1986, 54).

Na cidade, sobretudo por aglutinar um número expressivo e diverso de pessoas, é grande a velocidade com que surgem novas aspirações e interesses, em torno das quais as pessoas se aglutinam e passam a algum tipo de ação. E no campo do lazer, esse caráter associativo inerente à vida urbana manifesta-se principalmente na constituição de clubes e associações recreativas. Instituições que passam a exercer papel significativo no modo como as pessoas usam o tempo livre, pois não só atendem as suas demandas de lazer como também fomentam e desenvolvem novas práticas.

Em Presidente Prudente, como já visto, foram muitas as iniciativas baseadas em algum tipo de afinidade, que deram origem a clubes e associações recreativas. A predileção de algumas pessoas pelo automóvel, por exemplo, fez surgir, em 1929, o Automóvel Clube de Presidente Prudente (confira recorte abaixo). Gênero de clube que naquela época se difundia pelo país com a sua fundação em inúmeras cidades. Outro exemplo cabal pode ser dado com o Tênis Clube de Presidente Prudente, clube ainda em

atividade, que surgiu na década de 1930 a partir da iniciativa de algumas pessoas que praticavam o esporte tênis na cidade.

“Automóvel Club de Presidente Prudente

No dia 20 do mez próxima findo, realizou-se a assembléia de instalação do ‘Automóvel Club de Presidente Prudente’, à Rua Ruy Barbosa N. 7, sua sede provisória.

Trata-se de uma instituição que trará indiscutíveis benefícios e vantagens ao município, senão toda alta sorocabana. Pois entre os Fins que o Club visa, destaca-se o de criar e manter nesta cidade um centro de convivência social para os seus sócios, o de interessar-se pelo desenvolvimento do automobilismo no município como também na alta sorocabana, correspondendo-se com as autoridades competentes sobre a construção de estradas de automóvel. Bem como sobre estado e melhoramento das existente [...] organizar concursos, corridas de automóvel para fim de estimular o gosto pelo automobilismo” (A Voz do Povo, 03/09/1929, nº 184).

A constituição de espaços de lazer como parte do desenvolvimento da vida urbana, não ficou restrita ao perímetro urbano da cidade. Fora dela, surgiram lugares de recreio e diversão, para onde aos finais de semana se dirigiam moradores da cidade, cujo deslocamento era facilitado pelo uso do automóvel. Assim, a vida urbana se realizava, também, fora da cidade:

“Nova Piscina na Represa S. José

Presidente Prudente em matéria de recreação e ao mesmo tempo de educação phisica, vae, dia à dia, tomando novo impulso.

Hontem, éra o oporoso cidadão sr. João Sandoval que abria ao publico sua magnifica piscina servida por uma jardineira e com modernas instalações.

Hoje, é o não menos progressista, sr. José Fabris que acaba de proporcionar aos prudentinos, mais uma optima piscina na ‘Represa São José’, na sua

fazenda do cedro, ocupando uma área de 70 metros de largura por 300 metros de comprimento.

A nova piscina, que dista apenas 3 Kilometros desta cidade, fica n'um local muito aprazível, onde nossas famílias terão excelente recreação e os nossos jovens uma verdadeira escola de educação física.

Logo que a Prefeitura melhorar a estrada do Cedro, começará a correr diariamente , uma excelente jardineira até a piscina” (A Voz do Povo, 05/03/1939, nº 647).

“Represa S. José

piscina da

Fazenda do Cedro

O abaixo assinado comunica aos amigos e ao publico em geral, que está em franco funcionamento a ‘Piscina da Represa São José’ distante da cidade apenas 3 Kilometros, onde se poderá passar horas em franco e alegre divertimento, sendo um optimo passeio para as exmas famílias e logar aprazível para pic-nics e descansos domingueiros.

[...]

O proprietario

José Fabris” (A Voz do Povo, 05/03/1939, nº 647).

Segundo Lefebvre (1991b e 2002), uma rodovia, um supermercado, ou, como no caso acima, uma estância de lazer em pleno campo, fazem parte do tecido urbano, que é o que dá suporte à vida urbana. O tecido urbano não diz respeito assim apenas ao domínio edificado nas cidades, mas ao conjunto das manifestações do predomínio da cidade sobre o campo. Desse modo, o interesse pelo tecido urbano não se limita à sua morfologia, pois:

Na base econômica do “tecido urbano” aparecem fenômenos de outra ordem, num outro nível, a da vida social e “cultural”. Trazidas pelo tecido urbano, a sociedade urbana e a vida urbana penetram nos campos. Semelhante modo de viver comporta sistema de objetos e sistemas de valores. Os mais conhecidos dentre os elementos do sistema urbano de objetos são a água, a eletricidade, o gás (butano no

campo) que não deixam de se fazer acompanhar pelo carro, pela televisão, pelos utensílios de plástico, pelo mobiliário “moderno”, o que comporta novas exigências no que diz respeito aos “serviços”. Entre os elementos do sistema de valores, indicamos os lazeres ao modo urbano [...] (LEFEBVRE, 1991b, p. 11-2).

Assim, a difusão, fora da cidade, de lazeres ao modo urbano, diz respeito também ao desenvolvimento da vida urbana, nesse caso, melhor dizendo da sociedade urbana. Em Presidente Prudente, esse aspecto pode ser observado na exibição cinematográfica num bairro rural da cidade, na década de 1930. Era o Bairro Boa Vista, onde existia a Associação de Japoneses da Colônia Boa Vista. Ali se realizava um conjunto de atividades culturais e dentre elas a exibição de filmes japoneses. Conforme relata *Susumu Guibu* (GUIBU, 1998):

“Naquela época (década dos anos 30), alguns japoneses eram especializados em importação de filmes japoneses e exibição ambulante, inclusive em longínquas paragens.

Eles andavam com um pequeno caminhão, um gerador e uma máquina projetora; com um macaco, eles suspendiam o eixo traseiro, tiravam o pneu de uma das rodas suspensas, à qual era acoplada uma correia, e em cuja outra extremidade era conectado a uma polia do gerador.

Então, bastava colocar o motor em funcionamento com o câmbio engatado na quarta marcha; a correia transmitia a rotação da roda suspensa ao gerador; aí, bastava ligar o projetor.

Eu não freqüentei a Escola Rural de Bôa Vista porque já estudava no Grupo Escolar da cidade, mas ia lá quase todos os domingos e feriados, ao campo da escola (rural), praticar atletismo, fazer exercícios físicos e, quando havia exibição de filmes (só japoneses), quase sempre a família toda comparecia. Os filmes eram mudos, mas os chamados ‘Katsubenshi’ descreviam o que se passava na cena e no ‘interior’ dos personagens, inclusive imitando vozes dos protagonistas masculinos e femininos nos diálogos. Posteriormente, ao assistir filmes falados, senti imensa falta daqueles ‘benshi’ que descreviam magistralmente o que se passava e o que cada personagem sentia: aflições,

alegria, tristeza, raiva, vacilações, ansiedade, inconformismo, etc., etc.”
(GUIBU,1998, p. 29).

Nesse processo de desenvolvimento da vida urbana e, como parte dela, das formas de lazer, cabe observar a importância do contato entre as populações do campo e da cidade. É, pois, sobretudo na cidade que esse contato acontece de maneira mais concreta.

Como já visto, as relações entre as populações urbana e rural se deram inicialmente em Presidente Prudente em função do comércio e da prestação de serviços urbanos. Aliás, a cidade surgiu para ser um centro fornecedor de produtos e serviços para a fixação do homem no campo, viabilizando assim a exploração econômica das terras rurais. Mas essa relação se deu também em função das práticas religiosas. Conforme indica Abreu (1972):

Para um estreitamento de relações sociais entre as populações urbanas e rurais muito colaboraram as práticas religiosas, destacadamente as da Igreja Católica. Para as missas dos domingos e dias santos de guarda, visitas pastorais do bispo com a imposição do crisma e cerimônias religiosas públicas como as procissões, a cidade enchia-se do “povo da roça” ficando alguns hospedados em casa de parentes ou de amigos, aproveitando para viver alguns dias na cidade (ABREU, 1972, p. 207-8).

Particularmente, as festas religiosas atraíam para a cidade uma quantidade significativa de população rural. É interessante observar, todavia, que nesse momento em que predominavam as festas religiosas como a mais importante forma de lazer popular, as diferenças socioculturais entre as populações do campo e da cidade eram ainda tênues.

Mas na medida em que a cidade foi crescendo e desenvolvendo uma vida urbana mais intensa, essas diferenças aumentaram. A partir daí, ficou também mais explícito a oposição ideológica entre aquilo relativo à urbanidade e aquilo relativo à rusticidade. Na crônica a seguir, que trata de um típico dia de domingo dos anos de 1930, quando a cidade enchia-se de “povo da roça”, essa questão já transparece:

“Chronica do ‘Footing’

O domingo é o dia feliz em que podemos vêr...

Dos 'distritos' chegam, superlotados, os omnibus,. Ellas saltam, faces tostadas do bom sol do campo, ou naturalmente côr das rosas; plastica antigas, exuberante; olhos sem expressão estudada; andar sem a leveza do pisar das cidadinas, mas valendo todo um poema de saúde e franqueza...

Umas, da patria das 'gueishas', baixas, as mais delgadas, olhos apertados e levemente obliquos, cabelleira negra, reclamando a constituição oriental do 'Kemonos', dos crysanthemos, das cerejeiras; outras filhas de espanhões e italianos; outras ainda de syrios – esplendidas figuras morenas, de olhos e sobranceiras que são o poema das sombras, de afilado nariz...

Ha as cidadinas. A missa é a primeira concentração: a desfilada de após a missa é a procissão da graça e da beleza feminina. A cidade se enriquece do colorido dessa 'toilettes' e do variado de talhe de suaves creaturas.

Á noite é a 'retreta' o vozerio dum 'speaker', reunindo os cavalheiros e senhoritas que passeiam em direcção contraria: encontram-se frente a frente esses grupos sympathisantes...

A musica dá, ao homens, dignidade do passo e ao porte, ás mulheres, leveza. Cruzam-se os olhares e chocam-se os parenthesis dos sorrisos mutuos. Em algumas orbitas comunicam as primeiras irradiações do 'flirt'.

Ha muitos rapazes 'invulneraveis'. Jovens desta cidade: precisais rendê-los ás vossas graças..." (A Voz do Povo, 15/08/1937, nº 510).

Conforme é possível observar, a descrição acima (*faces tostadas do bom sol do campo, ou naturalmente côr das rosas; plastica antigas, exuberante; olhos sem expressão estudada; andar sem a leveza do pisar das cidadinas, mas valendo todo um poema de saúde e franqueza...*) mostra uma imagem dos habitantes do campo enquanto portadores de uma rusticidade ingênua, de traços de comportamento e modos que se diferenciam daqueles dos citadinos. Trata-se, certamente, de uma visão dos habitantes da cidade sobre os do campo.

Por sua vez, o signo de urbanidade, esta ilustrada e não ingênua, expressa-se diretamente nas práticas de lazer da elite urbana da época,

particularmente nos festivais artísticos, literários, teatrais, musicais, entre outros, promovidos nos salões de clubes e cine-teatros da cidade. Nesses festivais, comparece bem a idéia de uma *culta urb*:

“Festa de Arte

Concerto de Piano

Presidente Prudente vae hospedar a eximia pianista Maria do Carmo Campos Maia, que no Theatro Santa Emilia, deverá realizar no próximo dia 9 do mez entrante, um concerto de piano.

Maria do Carmo é um nome cercado de applausos pela selecta platéia de S. Paulo...

[...]

Ainda bem que espíritos de escol nos proporcionam, de tempos em tempos, dessas horas de indizível prazer intelectual, vindo a esta cidade longiqua afirmar o prestígio da sua crescente cultura. Eis porque a festejada pianista Maria do Carmo encontrará na nossa população culta os applausos a sua arte victoriosa” (A Voz do Povo, 30/06/1929, nº 161).

“Grande Festa Litteraria em homenagem ao duo-deimo centenario da morte de um dos maiores poetas do seu tempo, o grande e inspirado Jaryr, uma das raras joias do escritorio litterario, da antiga Syria. Haverá uma importante e delicada festa, no Theatro Santa Emilia, desta cidade, hoje, as 16 horas.

O professor Taufik Kurban que é um dos mais bellos da colônia syria, que vive e trabalha no Brasil, fará nesse dia uma conferência [...].

[...]

Essa festa que é dedicada a fina intellectualidade prudentina, vae proporcionar a nossa terra, uma hora de intensa alegria e de goso espiritual.

[...]” (A Voz do Povo, 28/03/1931, nº 249)

“Concerto da Virtuose Celia Valente

A cultura da sociedade prudentina aguarda, com anciedade, a noite de segunda-feira, dia 4 ás 9 horas da noite, quando no salão do club local, irá

fruir do alto prazer intellectual e artistico de ouvir a eximia pianista virtuose paulista, senhora Celia Valente, residente em Assis, prendada filha do illustre clinico, naquella cidade, dr. Castro Valente, diplomada pelo Concervatorio São Paulo, e aluna particular do Maestro Agostino Cantú, em cujo oitavo anno recebeu a laurea dos maiores premios, Tem tocado nos programas dos Radios Cultura de S. Paulo [...]” (A Voz do Povo, 03/02/1935, nº 391).

“Amanhã, 9 do corrente, às 20 horas, a sociedade prudentina vai deliciar-se nos vastos salões feéricamente illuminados do Fenix, desta cidade.

Vamos todos assistir a uma festa de pura arte, onde tomará parte a flor dos intellectuais desta culta urb, como se vê do illustrado programa abaixo transcripto: [...]” (A Voz do Povo, 09/05/1937, nº 496).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais

A relação entre *lazer* e *vida urbana* fica explícita ao tomarmos por referência os estudos específicos do lazer, nos quais as formas contemporâneas de lazer são vistas, de modo geral, como decorrentes do desenvolvimento da urbanização e da industrialização. Nessa perspectiva, o lazer é situado no quadro das manifestações sociais urbanas, tendo assim a cidade como *locus* de seu desenvolvimento. Mais ainda, o lazer é compreendido enquanto parte do sistema de valores e práticas sociais que dão sentido e significado à vida nas cidades. Portanto, há uma vinculação direta entre o lazer e a cultura mais ampla, vivida e produzida nas cidades.

Neste estudo, procuramos demonstrar essa relação a partir das formas de lazer que se desenvolveram junto com a vida urbana da cidade. Esse processo é acompanhado pela passagem do predomínio do rural – suas práticas e valores – para o urbano. Da mesma forma, tem-se a estruturação, na cidade, de espaços públicos e a constituição de espaços privados adequados às diferentes dimensões da vida urbana, entre elas o lazer.

Nos primeiros tempos da cidade, quando a vida social, econômica, política e cultural estava mais diretamente vinculada ao mundo rural, o lazer era ainda aquele justificado por algum tipo de ritual ou celebração pública. Predominavam, nesse contexto, as festas religiosas como a mais significativa forma de lazer da população. Nos espaços comuns das ruas e da praça, naquela época ainda mal desenhados e desprovidos de melhoramentos urbanísticos, a população local se reunia em atos coletivos que comportavam tanto atividades sagradas como profanas. Essas festas tinham o sentido de libertação, o sentido de ruptura coletiva com o dia-dia comum, uma manifestação típica das sociedades tradicionais ou rurais. Todavia, já identificamos nesse período novas formas festivas ou de lazer vinculadas ao mundo urbano, como o carnaval e as festas cívicas, que também desempenharam papel importante na nascente vida social da cidade.

A partir dos primeiros anos da década de 1930, um conjunto de transformações imprimiu uma paisagem urbana na cidade (na sua área central, inicialmente) e também uma vida urbana em seu sentido mais

pleno. Esse momento é marcado pela mudança do poder político das mãos dos proprietários rurais para uma nova elite urbana, constituída principalmente por profissionais liberais como médicos e advogados, mas também por comerciantes, industriais e funcionários públicos. Esse segmento foi o principal responsável por uma série de iniciativas que resultaram na constituição de espaços públicos como privados nos quais a vida social urbana pode se desenvolver. O Jardim Público, o Bosque Municipal, os cinemas, os bares, os clubes esportivos e sociais, são alguns desses novos espaços. De outro lado, esse mesmo segmento fomentava a vida urbana instituindo na cidade novas práticas sociais, esportivas e culturais, e movimentando as quermesses, os bares, os bailes, o carnaval, as festas cívicas, os espetáculos teatrais, musicais, cinematográficos, circenses etc.

As festas religiosas, inicialmente realizadas nos moldes tradicionais, com o desenvolvimento da vida urbana ganharam novos conteúdos e significados. Perderam a sua antiga importância como elemento de definição da sociabilidade vicinal, ou seja, como momentos de encontro e de reunião. Contudo, a emergência da vida urbana e, como parte dela, de novas formas de lazer não representou a diminuição do papel do espaço público na vida social da cidade, mas, diferente disso, a consolidação de tais espaços foi condição para a nascente vida urbana, que se reproduzia também a partir de outros espaços de encontro e de reunião, como os clubes e os bares, em sua interação com os espaços públicos. As festas cívicas e o carnaval representavam, nesse contexto, momentos significativos da experiência urbana vivida nesses espaços.

Os espaços públicos tiveram, portanto, sua importância ampliada junto à vida urbana. Mas a complexificação posterior da vida urbana implicou numa gradual diminuição do papel desses espaços. Assim, ruas e praças se esvaziaram enquanto espaços de lazer e de convívio social, dimensões estas que passaram a ter como referência não mais os espaços públicos da cidade, mas principalmente aqueles de natureza privada, isto é, familiar ou de grupos restritos. Por outro lado, segmentos de maior poder aquisitivo se segregam na vida urbana e no lazer.

A partir da década de 1970, em meio à intensificação do crescimento territorial da cidade, verifica-se um gradual esvaziamento do centro da cidade – *locus* inicial da vida urbana – e como parte desse movimento muitas das práticas de lazer que ali se davam (como o cinema, o *footing*, os encontros nos bares etc.) transferem-se para outros lugares, ou simplesmente deixam de existir. Trata-se de uma mudança não só na dinâmica espacial do lazer mas da própria vida urbana. Intensifica-se a segmentação socioespacial na cidade, fazendo com que pessoas de diferentes estratos socioeconômicos cada vez menos compartilhem de uma mesma experiência urbana, deixando de participar das mesmas atividades e de frequentar os mesmos espaços na cidade. Há assim um estreitamento do papel mas sobretudo do valor dos espaços públicos enquanto espaço de lazer, de encontro, de festa, enfim, de convívio entre as diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, teses e artigos

ABREU, Dióre Santos. *Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente*. Presidente Prudente: FFCL, 1972

_____. *Recortes*. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 1997.

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. Janela para o mundo: representações do público sobre o circuito de cinema de São Paulo. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (Org.) *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2002, p. 156-195.

ARENDT, Hanah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

BETTI, Mauro. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

CAMARGO, Luiz. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos)

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1983.

DUMAZEDIER, Joffre. *Questionamento teórico do lazer*. Porto Alegre: CELAR, s.d.

_____. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

ELAZARI, Judith Mader. *Lazer e Vida Urbana: São Paulo, 1850-1910*. São Paulo: FFLCH, 1979. [Dissertação de Mestrado].

GUIBU, Gelson Yoshio. (Org.); GUIBU, Masatoshi; GUIBU, Susumu; GUIBU, Satoru. *A origem e histórias da família Guibu*. [Presidente Prudente], 1999, 117 p. (mimeo).

GUTIERREZ, Gustavo Luis. *Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas*. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001. – (Coleção educação física e esportes).

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Trad. De Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991a.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991b.

LEFEBVRE, Henri. *A cidade do capital*. Tradução de Maria Helena Ramos e Marilene Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. *A revolução urbana*. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

LEITE, José Ferrari. *A Alta Sorocabana e a região polarizada de Presidente Prudente*. Presidente Prudente: FFCL, 1972

MEDEIROS, Ethel Bauzer. *O lazer no planejamento urbano*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MIÑO, Oscar Alfredo Sobarzo. *O público e o privado na cidade: uma análise de Presidente Prudente*. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 2003 (Mimeo). [Relatório de Qualificação de Doutorado].

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e humanização*. Campinas, SP: Papirus, 1983.

_____. *Lazer e educação*. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

_____. *Pedagogia da animação*. Campinas, SP: Papirus, 1990a.

_____. Lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. In: *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, v. 12, n. 1/3, 1992, p. 313-317.

MELO, Jayro Gonçalves. *Tênis Clube de Presidente Prudente: sua história de 1934 a 1980*. Presidente Prudente: TCPP, 1999.

NEGT, Oskar. Espaço público e experiência. In: PALLAMIN, Vera M. (Org.); LUDEMANN, Marina (Coord.). *Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 17-25.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Trabalho, não-trabalho e contradições sociais. In.: BRUHNS, Heloisa Turini. *Temas sobre o lazer*. Campinas, SP: Autores Associados, p. 47-63.

PADILHA, Valquíria. *Tempo livre e capitalismo: um par perfeito*. Campinas, SP: Alínea, 2000.

PALEN, J. John. *O mundo urbano*. Trad. de Ronaldo Sérgio de Biase e Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, sd.

PARKER, Stanley. *Sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

REQUIXA, Renato. *As dimensões do lazer*. São Paulo: SESI, 1973.

_____. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

_____. Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer. São Paulo: SESC, 1980.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Do rural ao urbano no Brasil. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo. *Vida rural e mudança social: leituras básicas de sociologia rural*. São Paulo: Nacional, 1979, p. 160-176.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SINGER, Paul. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Contexto, 1998.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Márcia da. *O poder local em Presidente Prudente-SP: o comerciante e suas representações sociais*. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 200. [Dissertação de Mestrado].

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. *Ícones de uma cidade em expansão: imaginário e memória*. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 2002. [Dissertação de Mestrado].

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *O Chão em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana*. Rio Claro: IGCE/Unesp, 1983. [Dissertação de Mestrado].

_____. A urbanização da Sociedade: reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. In: Damiani, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odete Carvalho de Lima. (Org.). *O espaço no fim de século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999, p. 83-99.

_____. *O chão arranha o céu: a lógica da (re)produção monopolista da cidade*. São Paulo: FFLCH/USP, 1991. [Tese de Doutorado].

WHITACKER, Arthur Magon. *A produção do espaço urbano em Presidente Prudente: uma discussão sobre a centralidade urbana*. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 1997. [Dissertação de Mestrado].

Jornais

Jornal A VOZ DO POVO – 1926 a 1968.

Jornal CORREIO DA SOROCABANA – Edições comemorativas de 1947 e 1967; 1980 A 1983.

Jornal O IMPARCIAL – Edições comemorativas de 1944, 1950, 1958, 1959, 1964, 1974 e 1976.

Revistas

Revista OESTE ILUSTRADO – 1947

Revista MAGAZINE DOS JORNAIS ASSOCIADOS DO INTERIOR – 1956.

Revista ALTA SOROCABANA EM REVISTA – 1962

Revista REPERCUSSÃO – 1975.

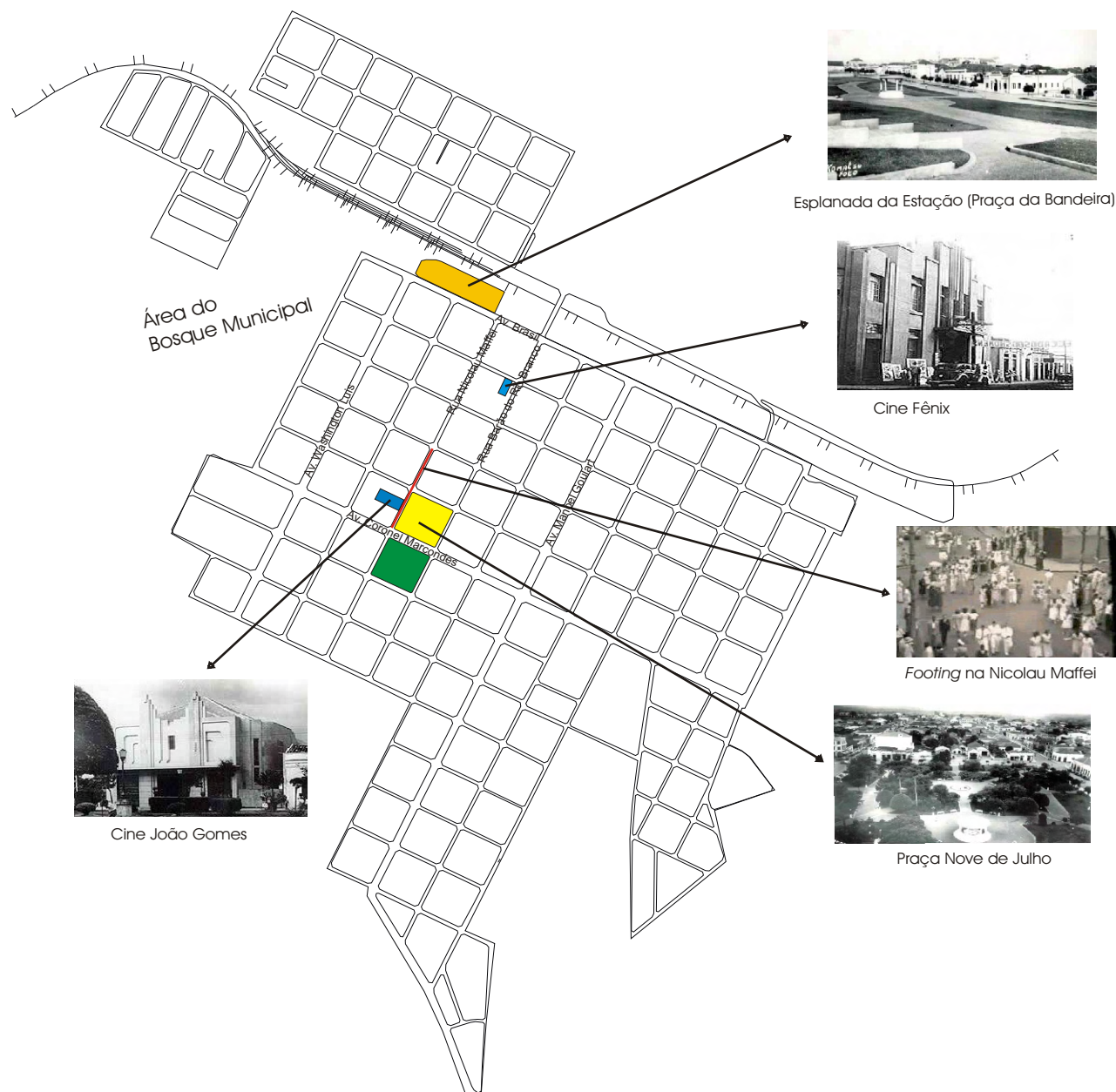
Digital

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. História do Oeste de São Paulo. Presidente: EMUBRA, 2003. (CD-Rom).

ANEXOS

Cartograma 1

Presidente Prudente - 1939 (Ilustrado)



Presidente Prudente - 2000



Legenda

- Praça Nove de Julho
- Largo da Igreja
- Esplanada da Estação (Praça da Bandeira)
- Cine João Gomes
- Cine Fênix
- Trajeto do footing

Organização e Edição Gráfica
Luis Paulo Valente
Fonte
Prefeitura Municipal de Presidente Prudente/2000
ESPÓSITO, 1983
EMUBRA - História do Oeste de S. Paulo (CD-R)

Cartograma 2

Presidente Prudente - 1961



Presidente Prudente - 2000



Legenda

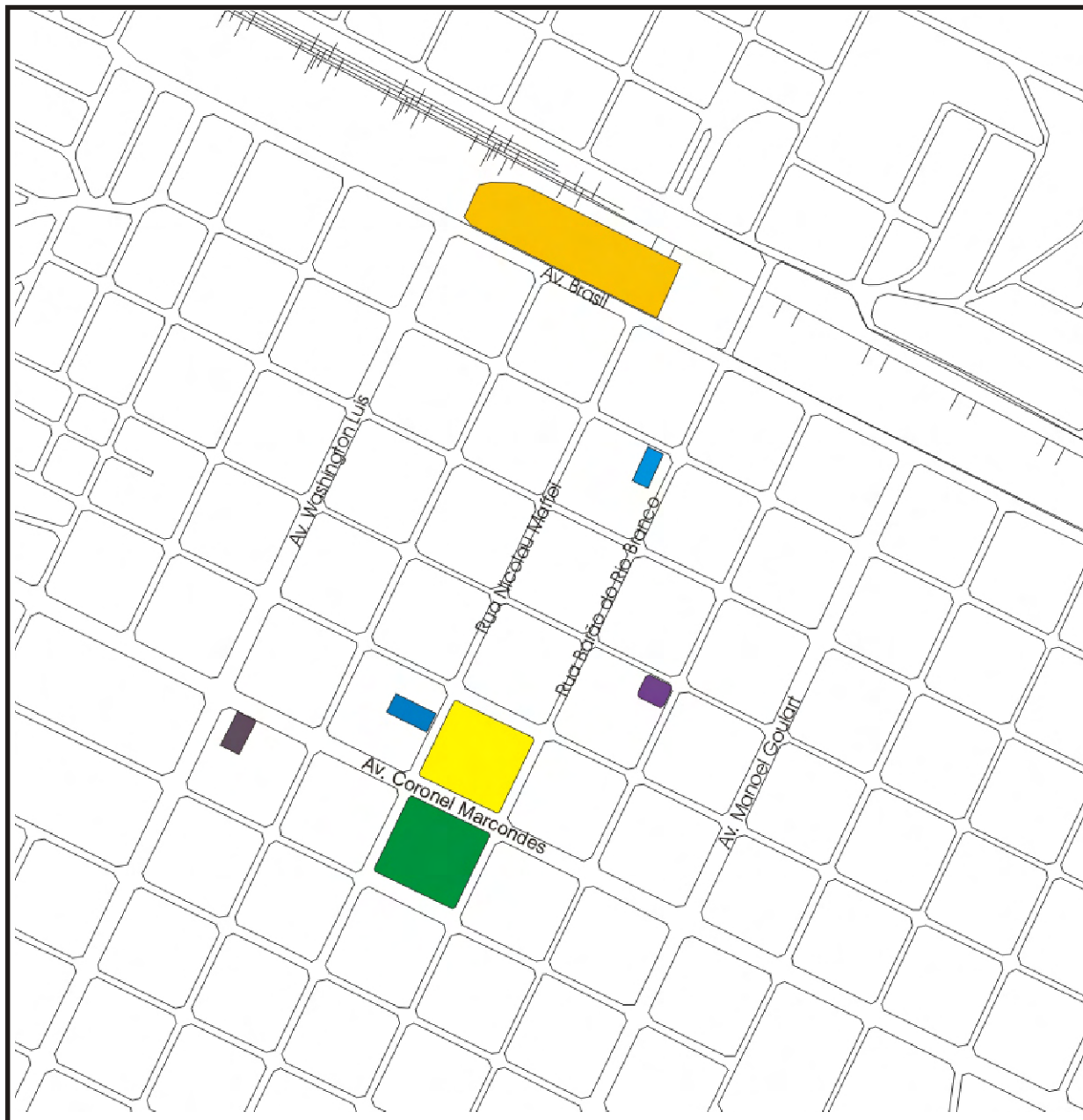
- Av. Coronel Marcondes
- Av. Brasil
- Av. Manoel Goulart
- Av. Washington Luiz
- Praça Nove de Julho
- Largo da Igreja
- Praça da Bandeira

Organização e Edição Gráfica
Luis Paulo Valente

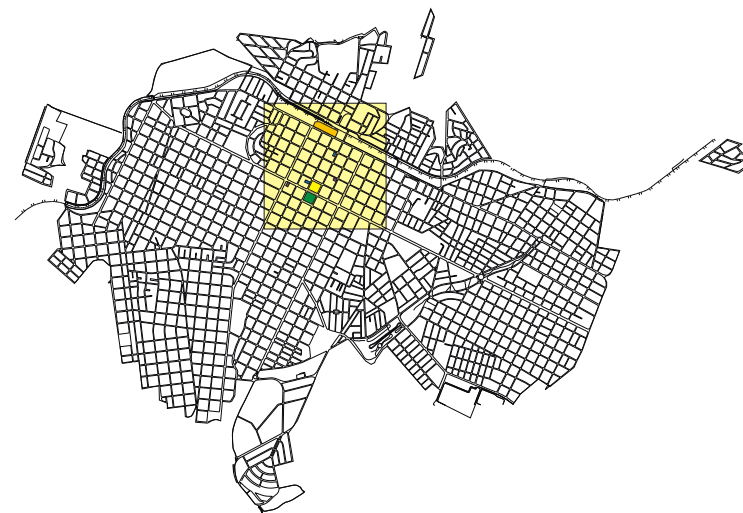
Fonte
Prefeitura Municipal de Presidente Prudente/2000
ESPOSITO, 1983

Cartograma 3

Presidente Prudente - 1961(Cinemas)



Presidente Prudente - 1961



Legenda

- Cine João Gomes
- Cine Presidente
- Cine Ouro Branco
- Cine Fênix
- Praça Nove de Julho
- Largo da Igreja
- Praça da Bandeira

Organização e Edição Gráfica
Luis Paulo Valente

Fonte
Prefeitura Municipal de Presidente Prudente/2000
SPOSITO, 1983

CARNAVAL

Hoje, ás 4 horas da tarde sahirá a rua organizado curso Carnavalesco acompanhado de música, havendo renhida batalha de antina, lança-perfume, etc.

Mos theatros, á noite, preparam-se grandailes á phantazia e renhidas luctas de lança-perfume, serpentinas e confettes.

As Commissions dos festejos carnavalescos preparam-se com afincio para que o Carnaval de anno, nesta cidade, tenham grande esplendor e enthusiasmo.

Alem das commissões, sabemos que grupos de senhoritas e cavalheiros, tambem estão preparando para fazer nos 3 dias do Deusmo, verdadeiras surpresas ao publico.

O Club dos Bafufas

O qual tem á frente o enthusiastico Jantho, vae deslumbrar os habitantes com lindos carros á phantazia.

—O Bispo, chefe da commissão do club de ou Racha, fará sagir hoje á rua lindos carros cheios de Senhoritas e rapazes dando sim encanto ao curso.

Villa Marcondes

—Sabemos que os moradores da Villa Marcondes estão organisando um bloco carnavalesco afim de surprehender o publico com carros elegantes carros.

Villa Nova

—O pessoal da Villa Nova está trabalhando, vae tambem fazer surpresas.

Espera-se, pois, que o Carnaval deste anno seja um verdadeiro successo, uma verdadeira folia, um completo exito de animação, alegria e alegria.

Instrução

contos de reis LIQUIDOS, pois a receita foi superior a do conto de reis, com tudo gastar um pouco

Em

No

do d

nha

Mac

sang

pula

Jo

que,

rixa

viu

no

Abra

Bahi

assis

C

mora

chad

tos n

do i

de J

tal

mette

seu c

eta.

atiroi

tos q

do-se

bem

foi p

se co

ves f

o qua

dos,

João

tava

de pr

Bahia

Cadei

tar

abert

para

Ainda

Agr

Mor

Dev

xima

Macho

sangu

Em Defesa de Bosque Municipal!

Será lícito destruímos o tradicional recanto pitoresco, em detrimento do próprio conforto dos nossos filhos? - O «Bosque» não pode e não deve desaparecer!

(Foto e texto de Osvaldo Alencar)

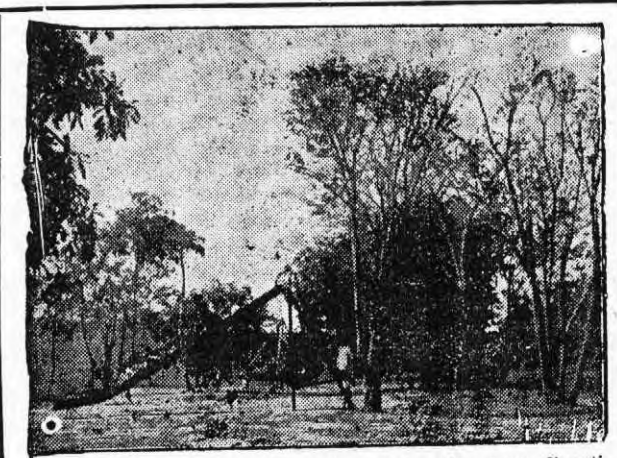
Dia 2 do corrente, tomou posse o Prefeito Felício Tarabay e hoje ele já tem uma oportunidade excelente para dizer se está com o povo, que deseja a conservação e melhoria do nosso tradicional Bosque Municipal, ou se está contra ele, a favor do loteamento daquilo que pertence ao povo.

A nossa impressão pessoal, é que o Sr. Felício Tarabay sabe perfeitamente que o Bosque não poderá ser destruído, em detrimento do próprio conforto dos nossos filhos.

Somos ainda do parecer que sua senhoria não desconhece o estado realmente precário em que se encontra o referido recanto prudentino e saberá lutar para reergue-lo, mandando para ali novos aparelhos para o seu tão procurado e útil parque infantil.

Conhece bem, por certo, o Sr. Felício Tarabay, o dignificante e incansável esforço que

sempre desenvolveu o ilustre governador Adhemar de Barros, desde há longos anos, no sen-



Estas crianças não podem ser despojadas dos seus divertimentos. Ao contrário, Precisamos melhorar o «Bosque Municipal», ampliando e adquirindo novos jogos infantis. A fotografia acima, diz bem claro, por certo, da necessidade que temos de conservar este precioso recanto prudentino, dedicando a ele, a municipalidade, a atenção que merece.

conforto dos nossos filhos de dar à nossa criança o conforto e o carinho que sempre mereceram.

Pensamos, realmente, que o atual Prefeito de Presidente Prudente, não irá contra os nossos filhos, privando-os desse Bosque onde procuram largo para os seus folguedos.

Eis porque, ao virmos, aqui, em defesa da conservação e melhoria do Bosque Municipal, lançamos o nosso apelo, em nome do povo — representado por centenas de pessoas que diariamente procuram a nossa redação para tal fim — pedindo a maior atenção do governo municipal, a fim de que seja urgentemente cuidado o logradouro público em questão, para que tenhamos para os nossos filhos e para o nosso próprio recreio, um ambiente salutar e agradável, onde a imensa família prudentina possa passar horas de agradável repouso.

Não tenha dúvida Sr. Prefeito, que a sua atenção e a sua disposição em atender aos anseios da população prudentina, serão fartamente compensados pela alegria que terá, ao ver quão grato ficou aos seus esforços o povo desta terra, que precisa do Bosque Municipal e deseja ardentemente a sua imediata reconstrução.

*

Vende-se: Uma casa de taboas; coberta de telhas francesas, toda pintada a óleo, em ótimo estado de conservação. Perto da casa Platzeck. Tratar com o sr. Paulo Nocce. Otimó negócio de ocasião.

P. Venceslau

PELA IMPRENSA . . .

(conclusões e textos da 1.ª pág. Suplemento n. 5)

Aniversário

mente e defendendo nos seus artigos brilhantes as justas reivindicações do povo.

A sua atuação eficiente, sincera e dedicada, tem dado a ela as credenciais justas de «a primeira redatora do nosso «hinterland».

Parabéns, Virginia Moraes!

Geraldo N. Serra

(Texto da 1.ª página)

E', indiscutivelmente, um dos autênticos valores da imprensa da capital.

Como membro da Diretoria da Associação Paulista de Imprensa, dia a dia mais prestigia o seu nome tão brilhante.

Como Secretário da União Jornalística Brasileira tem sido incansável e os «Jornais Associados do Interior» consignam,

aqui, os seus sinceros agradecimentos, pelo muito que tem colaborado conosco.

Ptolomeu ...

politicamente tem combatido a mesma cor.

E' um dos mais destacados jornalistas da região e não poucas vezes tem merecido as mais sinceras e elogiosas referências.

Como jornalista militante, tem sabido engrandecer a imprensa.

“O povo é uma porção de ninguém ...”

(Texto da 1.ª página)

Prefaciado por um dos mais destacados vultos da literatura nacional, estará à venda dentro de pouco tempo o livro intitulado «O POVO E' UMA PORÇÃO DE

NINGUEM ...», de autoria do jornalista Mario Moraes, que se inicia, assim, como romancista. No seu novo trabalho focaliza principalmente as reações psicológicas da multidão, dando um cunho suave e romântico aos seus estudos e analisando de forma especial o cenário político atual da nossa terra.

Na mesma ocasião em que for posto à venda o seu novo trabalho, serão também editadas duas peças teatrais do mesmo autor, conhecidas, aliás, por terem sido radiofonizadas e interpretadas em várias emissoras, intituladas: «OS MENDIGOS TAMBEM AMAM...» e «UMA LUZ BRILHOU NAS TREVAS».

Desabato de um Estudante

Presidente Prudente conta com dois cinemas: Fenix e João Gomes. O primeiro, tem o aspecto de grande cinema, apesar de possuir as suas falhas. O segundo, isto é, o João Gomes, é um grande contraste. Não se nota em suas dependencias o reflexo do Fenix, que embora não deixando patente o cunho de espetacularidade, supera nitidamente o seu coirmão. Porém, leitor venha comigo. Dê-me sua dextra e façamos uma visita em suas varias dependencias, a fim de fazermos emergia à luz do dia algumas de suas falhas.

Este é o mictorio. Como vê, é uma falta de higiene absoluta. Vamos, antes que fiquemos sufocados pelo mau cheiro. Subamos às gerais, que o povo mui acertadamente dá o nome de «poleiro». Sentar-se em uma de suas cadeiras é ouvir o ranger de todas as outras ao mesmo tempo. Um exame mais minucioso, faz notar-se em todas elas a falta de parafusos.

Vamos adiante. Está vendo estes ventiladores gigantes, dispostos ao fundo, de cada lado da parede? É pura tapeação. O cinema, quando lotado pela multidão transforma-se em um verdadeiro forno, pois não existe ventilação suficiente. Lá se vai mais de um ano, quando colocaram nas paredes, circulando-as, uns ventiladores mirins, ficou tudo na mesma.

Presidente Prudente está situada em uma zona de calor. No Fenix pode-se entrar sem palitô. É no-

O povo é como o sol! Da treva escura
Rompe um dia co'a dextra iluminada,
Como o Lazaro, estala a sepultural...

Oh! temei-vos da turba esfarrapada,
Que salva o berço à geração futura,
Que vinga a Campa à geração passada.

(Um Estudante)

Ameaçado de fechamento definitivo o Hospital de Caridade de Martinopolis

(conclusão da 2.ª pagina)

sa do desequilibrio entre a receita e a despesa.

«O povo desta grande comarca lança um apelo ao vosso patriotico governo, para que não se consume o fato e que o Hospital de Caridade volte a funcionar, atendendo à legião de doentes que o procura.»

(Transcrito da FOLHA DA MANHÃ)

LEIAM E ASSINEM

«A VOZ DO POVO»

te-se que o Fenix é muito melhor do que o seu companheiro, onde é proibida a entrada com blusão esporte, se não for de manga comprida. Mas, isso não é nada. Ao entrar, prevenca-se contra as pulgas e os percevejos.

Saiamos, leitor, da pocilga. Pois é este estabelecimento que está premeditando mais um assalto à bolsa do publico. E a intenção deles aumentar o preço dos ingressos para Cr.\$ 8,00. Se não foi posta, agora, em pratica, é porque lançamos o grito. Mas eles voltarão brevemente, com as garras aduncas. O povo que fique quieto, para ver o resultado.

Só resta uma solução: fazer a greve branca. Ninguém deve ir ao cinema. Deixemos as poltronas vazias para que o «trustman» do cinema desconfie um pouco do seu poder. Comprovemos a veracidade das palavras de Castro Alves:

Al
—
ao
Ra
qu
fei
ga
ca
do
lut
va
tid
gn
ze:
No
rei
gu
pa
qu
Es
co
tiv
nh
Sa
tre
liz
ba
las
sil
é
ne
os
co
po
na
de
es
tre
au
me
Vi
ati
se
se
tai
tai
qu
Jo
ao
no
a
im
bo

Oficinas
Próprias

A VOZ DO POVO

O Jornal mais antigo e de maior circulação em toda a Alta Sorocabana

Proprietários: Mattos & Ferro Ltda. — Fundador: Jacob Blumer — Gerente: Paulo Guedes

Diretor: Elpidio Marinho de Mattos — Redator: Cícero Elpidio de Barros

Ano XXVI * N.º 1550 * Pres. Prudente, Domingo, 6/ de Abril de 1952 * Est. de São Paulo

Diz o representante da Empresa Pedutti

«Os estudantes não tem razão em protestar contra o aumento dos preços nos ingressos»

O Sr. Manoel Neves Pinhão, representante da Empresa Teatral Pedutti, e que veio a Presidente Prudente para verificar a situação criada com o protesto dos estudantes contra o aumento de preços nos ingressos, prestou «A VOZ DO POVO» as seguintes declarações:

«Não é verdade que a Empresa Teatral Pedutti vá elevar seus ingressos além do preço de Cr. \$ 5,00. Os estudantes são os que menos pagam nos cinemas da Empresa. O preço máximo de ingressos nos cinemas para os estudantes será de Cr. \$ 2,00, com exceção dos espetáculos teatrais e variedades.

«As autoridades de Presidente Prudente, depois de detalhada averiguação, constatou que o movimento dos estudantes contra os cinemas locais é feito por um pequeno grupo, talvez orientado por elementos de ideias extremistas, que procuram provocar desordens. Em vista disso, nossas autoridades policiais convocaram para uma reunião os srs. diretores de nossos estabelecimentos de ensino, representantes da Empresa Teatral Pedutti e elementos do meio estudantil, a fim de dar conhecimento das providências a serem tomadas con-

tra os perturbadores da ordem publica, a fim de evitarem consequências lamentáveis.

«Não há razão, — continua o entrevistado — para o movimento estudantil ora iniciado, pois a Empresa concessionária dos cinemas locais está baseada em decreto Federal que determina o desconto de 50% nos preços dos ingressos para estudantes, desde que apresentem sua identidade. Cobra ela o preço máximo de Cr \$2,00 aos estudantes de Presidente Prudente, mesmo quando os seus ingressos são de Cr \$5,00, sendo, nesse caso, um desconto de 60%. Quando seus ingressos forem de preços inferiores a Cr \$4,00, também será obedecido o desconto de 50%.

Com referencia à elevação dos preços dos ingressos além de Cr \$5,00, não é verdade, pois a Empresa cobra em toda a sua rede de cinemas o máximo de Cr \$ 5,00 em seus ingressos e não pretende elevá-los.

Diz o Sr. Manoel Neves Pinhão: «Convém ainda ressaltar que em um levantamento estatístico feito em todo o Brasil, foi constatado que é essa Empresa a Única que trabalha a preços tão baixos,

sendo que cidades de categoria inferior a Presidente Prudente, onde a Teatral Pedutti não tem cinemas, chegam a cobrar até Cr\$ 12,00, com casas iguais às existentes em Prudente.

«Também devemos lembrar que nunca a Empresa deixou de atender as solicitações dos estudantes de nossa cidade e a instituições de assistência social locais para a realização em seus cinemas de festas de formatura e espetáculos beneficentes.

«Não é admissível que as famílias prudentinas estejam sujeitas a serem vítimas da falta de educação e irresponsabilidade de meia dúzia de moleques nas sessões cinematográficas, onde chegaram ao atrevimento de tentarem soltar bombas explosivas de elevada capacidade, o que poderia provocar um pânico e termos a repetição da catástrofe do Cine Oberdan, da Capital, ocorrido a alguns anos atrás. Esses elementos, de acordo com a afirmativa de nossas autoridades policiais, serão punidos severamente, pois será ordenada rigorosa fiscalização nos cinemas locais para serem apontados os responsáveis.

E, arremata o nosso entrevistado: «Não é justo que somente contra os cinemas sejam feitos os protestos sobre elevação de preços, quando justamente os artigos escolares tenham sido elevados a preços astronômicos, a ponto

de organizar-se na Capital Federal uma comissão de educadores a fim de estudar a possibilidade de baixar o nível de custo dessas utilidades. Contra essa elevação absurda e prejudicial nunca houve um movimento estudantil. Creiam os estudantes prudentinos que não serão os preços dos ingressos do cinema que irão descontrolar suas economias. Façam um exame de consciência e depois venham nos dar razão; pelo menos os mais sensatos.»

«A VOZ DO POVO»

Redação de Flavio Mo

O que vai pelo esporte prudentino...

A Prudentina já iniciou a contratação de elementos para o próximo campeonato. O tricolor, no entanto, está contratando elementos que já o defenderam em ocasiões passadas e entre os primeiros podemos citar, Rui, Antoninho e Bolinha, que já estão treinando na equipe de Juarez Nobre.

Por falar em Juarez Nobre, o presidente da Prudentina deverá embarcar com destino à Capital do Estado no próximo dia 13, onde efetuará os trabalhos finais para a obtenção do esperado empréstimo junto a presidência do Estado.

O material esportivo com o qual a C.C.E. participará dos Jogos Abertos da Alta Sorocabana, já foram encomendadas a uma casa especializada.

Confusão no Corinthians...

Não sabemos qual é o presidente do gremio alvopreto, pois, tanto Jaques Jorge, como Tacto de Carvalho estão assinando do-

CINE FENIX

Filme da Semana.

THE EGG AND I

With

Vereador Wladimir

Ovos nos cinemas: presentes antecipados da Poscoa

Leiam no proximo numero:

LEIAM E ASSINEM

«A VOZ DO POVO»

Aluga-se Sala

Otima sala no Edificio «Martins Fadiga», com frente para a rua Nicolau Mafei.

Cogila-associ-
ciarios

A VOZ DO POVO

Edição de hoje:
5.000 EXEMPLARES

(ÓRGÃO DOS JORNAIS ASSOCIADOS DO INTERIOR)
Fundado em 1926

Edição de hoje:
4 PÁGINAS

Diretor-Proprietário: MARIO MORAES

Redatora-Chefe: VIRGINIA MORAS

ANO XXI

Est. de S. Paulo — Brasil

Pres. Prudente, Domingo, 15 de Fevereiro de 1948

Alta Sorocabana

Nº 1385

Bosque Municipal

O Jornal «A Voz do Povo», teve oportunidade de em suas colunas de publicar uma série de artigos, referentes ao Bosque Municipal de Presidente Prudente, como matutino independente e Órgão dos «Jornais Associados do Interior».

Os artigos, vinham assim intitulados: «Em Defesa do Bosque Municipal! Será lícito destruímos o tradicional recanto pitoresco, em detrimento do próprio conforto dos nossos filhos? O Bosque não pode e não deve desaparecer! — com foto e texto de Osvaldo Alencar». «Sou pela conservação do Bosque Municipal! Devemos molhar-lo e não destruí-lo! — Expressiva entrevista concedida à reportagem desta Folha, sobre o palpitante assunto, pelo Dr. José Foz, um dos mais prestigiosos cidadãos de P. Prudente, com reportagem de Tércio Palhares». «E' evidente que o Bosque Municipal não deve ser destruído! — Declarou a nossa reportagem o atual governador de Presidente Prudente, Sr. Felício Tarabay — com reportagem de Osvaldo Alencar». «O Bosque Municipal Deve Ser Conservado! Expressiva entrevista concedida pelo Dr. Domingos Ceravolo, sobre o palpitante assunto — com reportagem de Tércio Palhares».

O último artigo, datado de Domingo, 22 de Junho de 1947.

Usando de um proverbio bastante popular, de que «Nas brigas das comadres e' que se descobrem as verdades», é que tentaremos este artigo, para bem esclarecer o povo, do que existe de verdadeiro no assunto, animados pelas sessões da Câmara Municipal de Pres. Prudente, dos dias 12 e 13 de Fevereiro, e, principalmente esta ultima, que tomou o carater de Sessão Extraordinária, exclusivamente para tratar do Bosque.

Na sessão do dia 12, entre outros assuntos, foi apresentado um requerimento, assignado pelo vereador Sr. Adalberto Goulart e mais cinco vereadores, apresentando um projeto para que fosse elaborada a lei de desapropriação ou compra do Bosque Municipal, alegando entre outros motivos, ser de utilidade publica.

Então, foi resolvida a realização de uma Sessão Extraordinária, para o dia seguinte, às 13 horas, onde só se trataria do assunto.

Sessão Extraordinária

O Presidente deu, por aberta a sessão.

Foi lida a ata anterior e aprovada.

Depois, concedida a palavra ao vereador Sr. Adalberto Goulart, que esclareceu o porquê do seu requerimento, apresentado na sessão anterior.

Em seguida, o vereador Dr. Erico Magalhães da Silveira, fez

REPORTAGEM DE NELSON SAWAYA

uso da palavra e leu o decreto que rege o referido assunto e requereu que fosse declarado com urgencia, de utilidade publica, o Bosque Municipal, para que assim procedesse a desapropriação.

O vereador Dr. Nestor Seabra, fez uso da palavra, não concordando com a urgencia, visto se tratar de um caso delicado e importante. Seu ponto de vista, foi de que a Justiça julgou a questão, dando o caso favoravel ao Sr. Germano Cezar Maluf e a Ca-

mara Municipal, para contrariar a mesma, teria que agir com cautela e fundamento.

Depois, o vereador Sr. Mario Lebrão, apoiou o parecer do colega Dr. Seabra, fazendo ver aos demais, que se por ventura a Prefeitura obtivesse verba para a melhoria das estradas e assistência social, que tanto o Municipio necessita.

Então, o vereador Dr. José Foz, pede um esclarecimento sobre a questão do Bosque, isto é, como a Prefeitura per-

den o referido imóvel, visto ter ele anteriormente pertencido a mesma.

O vereador Sr. Adalberto sugeriu que fosse nomeada uma comissão de vereadores, para vistoriar o estado atual do bosque.

O Presidente da Câmara, mandou proceder a primeira votação nominal, na qual obteve o seguinte resultado: Pela desapropriação ou compra do Bosque: 14 votos; Pela não desapropriação ou compra do Bosque: 5 votos.

Ficou, então, convocada outra sessão, extraordinária, depois da vistoria, para o dia 14 de Fevereiro, às 20 horas, onde prosseguiria o assunto com a segunda votação.

Tendo assistido as duas sessões, procuramos esclarecimento em fonte autorizada a respeito do Bosque Municipal.

Informações Obtidas

As informações que obtivemos, foram as seguintes:

A Prefeitura de Presidente Prudente, em 1938, tomou arrendada do Cel. Goulart, pelo prazo de cinco anos o Bosque Municipal, ficando o Cel. com todas as benfeitorias, sem indenização alguma.

O prazo venceu-se em fins de 1943. Dias antes de extinguir o prazo, o Cel. por intermédio do advogado Dr. Erico Magalhães da Silveira, requereu o despejo da Prefeitura, alegando estar atrasada com os aluguéis e motivado pelo vencimento do prazo. Então, o prefeito, Dr. Domingos Leonardo Ceravolo, decretou a utilidade publica do terreno, para efeito de ser desapropriado.

Em Agosto de 1944 o Cel. Goulart, recebeu propostas para a aquisição do terreno, de varias pessoas, tendo chegado a dar opção a um dos interessados para vender a area.

Tendo em vista a melhor oferta, foi vendida a Dna. Aquino Nishi. No ato daquela receber a

area, de dois alqueires, para o bosque, depois que a Prefeitura tomou as providencias legais, estivesse autorizada a receber a escritura definitiva.

Em Fevereiro de 1946, em virtude do imóvel permanecer sem ter sido transferido a Prefeitura, a area, de 45.400 mts.2, ou sejam mais ou menos dois alqueires, apareceram pretendentes a sua compra, estando, entre eles: Sr. Germano Cezar Maluf, Sr. Felício Tarabay e Sr. José Baltazar do Oliveira Serra.

Finalmente, em Junho de 1946, o primeiro adquirente, os dois alqueires, efetivando a compra tendo recebido a escritura definitiva em Agosto de 1946.

A Prefeitura, baseada na promessa da doação para ex-proprietário, julgava-se no direito de ação de emissão, de posse, contra a Prefeitura.

O seu proprietário em Junho de 1947, por intermédio dos advogados Dr. Anacleto Roberto Barbosa e Dr. José de Sales Macuco, obteve ganho de causa no Foro Local, tendo a Prefeitura sido condenada a entregar o imóvel, além de fazer o pagamento da despesa de honorários, perdas e danos e custas, que importaria, possivelmente num total mais ou menos de duzentos mil cruzeiros.

Em 4 de Dezembro de 1947, o Tribunal de 1ª Instância do Estado, em unanimidade, confirmou a sentença do Juiz local.

Requerendo a execução da sentença, começou a este mês a Prefeitura, a vir-se a cada dia entregar o imóvel conforme o mandado de emissão de posse expedido pelo Juiz local, com cumprimento ao acórdão do Tribunal de Apelação do Estado.

Desde então, o Sr. Cezar Maluf, com que o Tribunal decidiu, está na posse da propriedade, representada pelo antigo Bosque Municipal.

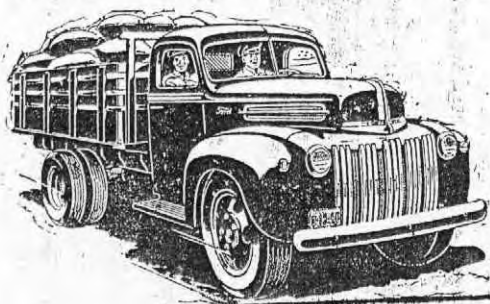
Das palavras
que
dizem tudo:

“Panificadora
Central”



Novidades diárias de confeitaria!
Pães — Doces — Bolos — Biscoitos — Etc.
PONTO ELEGANTE DE REUNIÃO DAS
FAMÍLIAS PRUDENTINAS

«Companhia Rodoviária Nacional S.A.»
A Maior Organização Brasileira de Transportes!



Segurança e Rapidês

Despachos de cargas, encomendas e mudanças para qualquer parte do país e do exterior — Agência nas principais cidades do Interior paulista e capitais.

De Domicilio a Domicilio

Matriz: Rua Ana Neri, 250 — Fone: 3-2619 — São Paulo
Filial: Rua Rui Barbosa, 204 — Fone: 551 — Cx. Postal 537 — P. Prudente

A VOZ DO TUDO

INDO AO CINE THEATRO
INTERNACIONAL

VA' Petit-Bar
AO

QUE V. S.
ENCONTRARA' BE-
BIDAS GELADAS, BALAS,
PASTEIS E DOCES FINOS. :: ::

Parochia de Presidente Prudente

Solemnes festas em louvor do glorioso MARTYR

SÃO SEBASTIÃO

Padroeiro desta Parochia

As festas começarão domingo, dia 3 de Outubro, e terminarão no domingo, dia 10, obedecendo ao seguinte

Programa

Dia 3 A's 5 horas — Alvorada, baterias e repique festivo dos sinos da Matriz. A's 8 horas — Missa de Comunhão geral do Apostolado da Oração e Liga do Menino Jesus, com orchestra e canticos. A's 10 horas — Missa Conventual e exposição da Sto. Evangelho. A's 14 e meia horas — Inauguração do PARQUE S. SEBASTIÃO que ficará aberto ao publico para honestas distrações e onde se encontrarão attrahentes e honestas recreações, jogos esportivos e surpresas de alta novidade, que poderão ser fruidas pelas creanças e até pelas pessoas mais edosas. A's 19 horas — 1.º dia de novenário — terço, ladainha cantada, exposição e Benção do Santissimo Sacramento. A's 20 e meia horas — Concerto pela Banda no Parque São Sebastião que terminará ás 22 horas.

Dia 4 A's 8 horas — Missa festiva de comunhão. A's 19 horas — Novena com a mesma solemnidade do dia anterior, repetindo-se estes cultos as mesmas

horas até o sabbado, dia 9. A's 20 e meia horas, dos dias 8 e 9, concerto musical no Parque São Sebastião.

Dia 10 - Festa de S. Sebastião

A's 5 horas: — Alvorada, baterias e repique festivo dos sinos. A's 8 horas — Missa de comunhão geral das Associações da Parochia e fieis devotos do glorioso Martyr São Sebastião. A's 10 horas — Missa cantada, com sermão panegyrico, acompanhada pela orchestra e solemnizada pela Banda Musical. A's 17 horas — A população catholica percorrerá as ruas da cidade em grandiosa manifestação religiosa de amor filial ao seu Padroeiro, cuja imagem sahirá na procissão sobre elegante e artistico andor. A's 19 horas — Encerramento das festas: exposição solenne do Santissimo Sacramento, Consagração do povo ao Coração Eucharistico de Jesus e a São Sebastião, pratica e benção do Santissimo Sacramento. A's 20 e meia horas — Concerto musical e kermesse no Parque S. Sebastião.

Sendo esta a primeira festa que a população catholica de Presidente Prudente vai celebrar em louvor do invicto MARTYR SÃO SEBASTIÃO, seu Padroeiro e Defensor, e para sentir que todos os moradores da Parochia se conduzirão como filhos dedicados, vindo nestes dias com o maior entusiasmo e religiosidade, tributos pleito e homenagem ao grande Santo, sob cuja protecção collocou-nos a Divina Providencia e lhe supplicar com fé viva pelas necessidades da Igreja, da Patria e das Familias. Não é sacrificio, é assignalada honra tudo quanto fizermos nestes dias para dar esplendor ás festas do nosso padroeiro a quem devemos trazer os tributos de admiração, os nobres sentimentos das nossas almas e os bens materiais que poseamos, para iniciar o projecto de lhe erigir um templo sumptuoso que possa fallar á posteridade de nosso amor a São Sebastião e da fé viva e robusta de seus filhos.

Da população de toda a Parochia, proprietarios, negociantes, industriaes, lavradores, etc., esperamos donativos, presentes, esmolas, prendas, brindes, productos de toda a classe para os leilões e kermesses.

PRESIDENTE PRUDENTE, SETEMBRO DE 1926

Os Festeiros:

Alto Taboas, Belfort de Mattos

PARQUE

S. Sebastião

Dia 3 de
Outubro



Inauguração

NO LARGO DA MATRIZ

Neste dia ficará aberto ao publico o

Parque São Sebastião

o mais bello ornato de Presidente Prudente.

A cidade progressista, a mais emprehendedora, a mais futura e bella do Estado, não podia prescindir por mais tempo dum logar de recreio e descanso para seus laboriosos habitantes.

O Parque S. Sebastião, abrindo suas portas no dia 3 de Outubro, vem offerecer todos encantos a população prudentina.

No Parque S. Sebastião acharão as exmas. familias o lugar mais bello e poetico para seus passeios e reuniões.

No Parque S. Sebastião poderão os homens de gabinete, dar repouso a sua intelligencia, todo o dia, em actividade e lucta com os complicados problemas de suas nobilissimas profissões.

No Parque São Sebastião encontrarão os laboriosos negociantes e industriaes a inspiração mais segura para a solução de todos projectos, consolidação de seus credits e rapido augmento de seu capital.

No Parque S. Sebastião fruirão os honrados filhos do trabalho, agricultores e operarios, do descanso necessario as suas rudes fadigas, impulsadoras do progresso e mananciaes da riqueza nacional.

No Parque S. Sebastião poderão os velhos se olvidar das tristezas da velhice e rejuvenecer seu espirito, contando aos outros as façanhas de sua mocidade, suas luctas pelo progresso e as historias de seus povos.

No Parque S. Sebastião terão os paes de familia a panacea universal para seus filhos, grandes e pequenos, que nelle podem correr e brincar á vontade e sem perigo, e se divertir e desenvolver, com recreações honestas e attrahentes.

No Parque S. Sebastião ha de tudo: Ar puro e tonificador, belleza e poesia, inspiração e arte, alegria e musica, e tem um "Labyrintho", unico no Brasil, que é o proveideiro da esperteza e gerador do riso, e umas barquinhas voadoras nas que se tornam pilotos de aviação, e o encantador Tiro do Pim, Pam, Pum, e o esportivo Tiro das bombas, e o surpreendente Tiro das figuras de movimento, e o alho engraçado dos ovos, e jogos de volas e de vozes, e um Barquinholo, com uma estele formidavel e variado; alli tem de tudo: café e chocolate, bolos e biscoitos, sorvetes e refrescos, tónicos e aperitivos, camarões e ostras, orizos e centalhos, buniueiros de vento, rosquilhas da tia Javiera e até petenecas e sardanas.

Assim, com esses elementos todos suggestivos, será inaugurado o

Parque São Sebastião

e logo depois de pouco tempo, mais surpresas. Cavallinhos de pau, jogos de fantasia e de calculo. Para amenizar, illustrar e alegrar a população, se installa, á em tempo, uma banda de musica mecanica que já está se construindo na Europa, nas officinas do sr. Sebastião Adell, de Barcelona.

PRESIDENTE PRUDENTE, 16 DE SETEMBRO DE 1926

João Adell

211

204

10

afflu

endo

idos

isfei

ac-

ape-

sen-

nas

inos

er 6

3 de

des-

com

o e

n.os

stão

pre-

sará

e.

não

es.

scor

endo

O

de

eiço

Fei-

Fei-

des,

um-

ha-

mi-

69

olas

esi-

ina

do.

ixa

da Pae-Querer.

Dos accusados está pre-

so preventivamente o preto

José Octavio Ricardo

No dia 22 do corrente

começa 2a sessão do Jury

deste anno.

O Egregio Tribunal de

Justiça mandou submeter a

novo julgamento Pedro José

de Souza (Pedro Luciano)

accusado de ter ha tempos

em D. Wenceslau, desfecha-

do um tiro de garrucha con-

tra o sr. Alvaro Antunes Co-

elho.

Pedro Luciano fôra absol-

vido pelo iury, tendo o dr.

João Franco de Godoy en-

tão promotor publico appe-

llado para o Tribunal de

Justiça dessa decisão.

CIRCO POLYTERPSIA

A companhia do Circo

Polyterpsia, que descansou

durante a Semana Santa

deu hontem mais um ex-

plendido espectáculo con-

seguindo obter uma casa

repleta.

Hoje dará o seu penulti-

mo espectáculo com tra-

balhos variados e amanha,

segunda-feira, a excellente

Companhia despede-se do

nosso publico com um ma-

gestoso espectáculo em be-

neficio das obras da nossa

egreja, deixando assim um

obulo para tão humanita-

rio fim.

A Companhia seguirá pa-

ra Quatã.

A. QUEIROZ SOBRINHO

AGRIMENSOR

ma.

Corr

sr. A

aqui

rimh

lha.

ro,

nesta

Pa

E

PR

Fa

dem

e He

meid

vinte

de, e

natu

te n

gitim

Mart

meid

Tatu

Corr

vinte

ra, d

natur

dente

legiti

de A.

já fa

ca C

siden

Ex

tos e

Civil.

14 de

O off

gistro

A

Vc

Ovos

Chac

BAR E Café Expresso

Casa de 1a. ordem, montada de accordo com os requisitos da hygiene e frequentada pela totalidade da população de Presidente Prudente.

Dirigida pelo seu proprietario e sua familia, installado no melhor ponto desta cidade.

Serviço completo e perfeito de Bar e Restaurante, frios, gelados, chocolate, comestiveis em geral, bebidas finas nacionaes e estrangeiras, cervejas, sodas, refrescos em geral de todas as qualidades, sorvetes, café, leite, sandwichs, fructas da epocha e seccas, bombons, doces seccos e em caldas, conservas, presuntos, bolachas finas, apperitivos, artigos para fumantes e tantos outros artigos referentes á uma casa de 1a. ordem, no genero.

Entrega-se a domicilio

Especialista em vinhos de mesa de todas as marcas e do afamado "Morrão Santista"

Acceita-se encommendas de Banquetes Baptisados e Casamentos.

— Asselo, Presteza e maximo respeito. —

Unica Casa especialista, no genero, nesta cidade.

— PREÇOS MODICOS —

TEL. N. 54. - CAIXA POSTAL N. 117.

Rua Washington Luiz — Presidente Prudente

Joaquim Pereira.

Ver
sem
como
cio s
(
com
Para

THEATRO CINE INTERNACIONAL

EMPREZA — JOÃO GOMES

Presidente Prudente — E. S. Paulo

AMANHÃ -- AMANHÃ

Continuação da serie O LAÇO DO TIGRE, por Helen Holmes.

Quarta-Feira—Ultimos episodios da serie O Policia Phantasmas.

Quinta-Feira— A Mulher Feliz.

Sabbado— Corações Intrepidos.

Presidente Prudente, 16 de Julho de 1930.

Francisco de Paula Goulart

"A Voz do Povo" deseja
parabens aos dignos anni-
versariantes

FUTEBOL

A bella tarde esportiva de Segunda-Feira ultima

Prudentino 1 vs. Quatá 1

ESCREVEM-NOS:

ICO»

Felizmente em Presidente já se pôde assistir um jogo de futebol devido a iniciativa dos srs. Directores actuaes do Club Athletico Prudentino.

Antigamente em Presidente Prudente, torcedores ou torcedoras que quizessem assistir um encontro de futebol, teriam que permanecer em pé de começo a fim do jogo.

Era de esperar que em Presidente Prudente também tivéssemos um bom club de futebol, e isso não demorou, pois, ali temos a prova; construiu-se e com grande esforço da Directoria, um bello estadio que honra a nossa terra. Temos já um grande campo cercado, com archibancadas para cavalheiros e exmas. familias, um reservado para a directoria e outros melhoramentos que revelam quanto o esporte é acatado em Presidente Prudente e nos orgulhamos

disso, e fazemos votos para que isso, o que estamos vendo, não sejam nuvens de sabão, que o mais fraco sopro desappareçam.

O jogo de Quatá

Mil e tantas pessoas ornavam o grande estadio do Prudentino. Todos estavam ansiosos para ver o grande encontro que antes fora annunciado com grande pompa.

Todos firmes, todos alegres e certos que o Prudentino iria vencer mais um bella e honrosa partida. Assim todos esperavam quando, de uniformes verdes entraram em campo os de Quatá, seguidos pelos nossos bravos jogadores.

Deu-se o começo a grande e esperada partida.

Quatá com bons elementos, disciplinados, e com grande coesão, atacam o nosso zagueiro, mas sem resultado. A bola corria aqui e ali, mas os nossos jogadores não faziam

sentir as suas qualidades de bons esportistas. Um penal foi apitado. A archibancada calou-se. Houve um silencio. Afflitos queriam saber a quem coube a falta. O Sr. Salvador Góes, conhecedor das leis futebolisticas que tomava o lugar como juiz, collocou a bola em nosso goal, cabendo o penal contra nós. Foi chutado, resultando um ponto a favor dos de Quatá.

Continuou o jogo com mais empenho, o Prudentino para ver se desforrava e os de Quatá para conquistarem outro ponto. Assim decorreu o 1.º tempo. Veio o segundo. Novamente a postos, continuaram a peleja.

A assistencia gritava, a musica fazia-se ouvir, mas a luta era firme e a victoria de Quatá patia-nos a porta.

Sem desanimar os nossos jogadores luctavam como leões. A victoria tem

que s
as tor
A t
vel. o
de m
o juiz
o por
tocava
la tren
se um
dos de
Fez
mente
penal
chibar
ancos
Neco
far o
Coll
todas
vez a
ria re

A VOZ DO POVO

Edição de hoje:
2.000 EXEMPLARES

(ORGÃO DOS JORNALIS ASSOCIADOS DO INTERIOR)
FUNDADO EM 1926

Diretor-Proprietário: MARIO MORAES

Edição de hoje:
4 PÁGINAS

ANO XXI

Est. de S. Paulo

Pres. Prudente, Domingo, 22 de Junho de 1947.

Redatora: Virginia Moraes

Nº. 1.351

«O Bosque Municipal Deve Ser Conservado!»

Expressiva entrevista concedida pelo Dr. Domingos Cerávolo, sobre o palpitante assunto

Reportagem de TERCIO PALHARES

Em março deste ano, publicávamos uma entrevista concedida pelo ilustre clínico e grande amigo de P. Prudente, Dr. José Fóz, sobre a conservação do Bosque Municipal. Na referida entrevista sua senhoria declarou textualmente: «Sou pela conservação do Bosque Municipal! Devemos melhorá-lo e não destruí-lo!».

No mesmo mês, um artigo do Sr. Osvaldo Alencar, inserido, aliás, na mesma edição, sob o título: «Em Defesa do Bosque Municipal», dizia: «Será lícito destruímos o tradicional recanto pitoresco, em detrimento do próprio conforto dos nossos filhos? O Bosque não pode desaparecer!».

Hoje voltamos ao assunto, para apresentarmos o depoimento de um ilustre habitante de P. Prudente, que durante longos anos exerceu com invulgar brilhantismo o alto cargo de Governador do Município. Trata-se do Dr. Domingos Cerávolo, a quem muito devemos pelas realizações de grande vulto e pelas esplendidas iniciativas levadas a efeito.

Realmente, o seu depoimento na «enquete» que realizamos desde março do corrente ano, vem confirmar o pensamento geral da população, com exceção de alguns interessados diretos na destruição do aprazível e único recanto no gênero em nossa cidade. Enquanto Campinas, Ribeirão Preto e outras cidades da nossa interlandia lutam incansavelmente não só para melhorar as suas reservas florestais, destinadas ao público para os seus momentos de recreio, P. Prudente procura des-

truir, aniquilar, fazer desaparecer do plano urbanístico da cidade, ONDE JÁ SE ACHA INCLUIDO o nosso querido «Bosque Municipal». Clima tropical, onde a canícula é intensa, Pres. Prudente PRECISA do «Bosque Municipal». A entrevista do Dr. Domingos Cerávolo, dirá, por certo, bem alto da sua necessidade. É a opinião desse ilustre munícipe, coincide com a do atual Prefeito, Sr. Felício Tarabay, que em data de 13 de abril deste ano, declarava, conforme se pode verificar na entrevista que teve a honra de nos conceder: «É evidente que o Bosque Municipal não deve ser destruído.»

Passemos, todavia, à reportagem concedida pelo Dr. Domingos Cerávolo:

O reporter procurou o ilustre sirurgião em seu sanatório, onde, como sempre, recebeu do mesmo a mais cordial acolhida.

Colocado ao par do motivo da nossa visita, aquiesceu o nosso entrevistado em nos esclarecer sobre a verdadeira situação do «Bosque Municipal».

O reporter, então, perguntou:

— Como foi adquirido o «Bosque Municipal»?

— Em 1939 - disse-nos o Dr. Cerávolo, iniciando a sua entrevista - na qualidade de Prefeito Municipal, procurei o Cel. Francisco de Paula Goulart, fundador de P. Prudente e proprietário da última reserva florestal próxima à cidade, propondo ao mesmo um arrendamento com o fim de proporcionar aos munícipes um aprazível local para recreio público. Foi feito o contrato e a Prefeitura iniciou os melhoramentos públicos, tais como arruamentos, iluminação, um pavilhão para restaurante, parque infantil, além de outros.

Em 1940 foi oficialmente inaugurado por ocasião da visita do então Interventor Dr. Adhemar de Barros. Mais tarde, cerca de dois anos, resolvi declarar de utilidade pública todo o bosque chamado «Municipal» - na ocasião bem maior - assim como a maior área de terrenos circunvizinhos e pertencentes aos mesmos proprietários, em face de serem neces-

sários para a execução do plano urbanístico da cidade os referidos terrenos.

Novas ruas foram traçadas, inclusive a rua Paulo de Lima Corrêa, que circunda o «Bosque Municipal» e cujo nome foi dado em homenagem ao saudoso ex-Secretário da Agricultura, grande amigo das árvores. A declaração de utilidade pública continua de pé por força de decreto executivo e a desapropriação propriamente dita não se ultimou porque ficou estabelecido um acordo de compensação, como se poderá verificar em Cartório. A Prefeitura desistiu da desapropriação dos terrenos circunvizinhos do bosque, nos quais estão localizadas as ruas Paulo de Lima Corrêa, Anita Costa, Manoel Bussacos, Avenida Getúlio Vargas e outras, e os interessados, em escritura pública, fizeram doação do remanescente do Bosque à Prefeitura; esse documento foi passado em Cartório e está registrado, assim como a respectiva planta com a assinatura do Coronel Francisco de Paula Goulart, primeiro propieta-

rio do bosque e a assinatura da Sra. Akiko Nishi, representando um grupo de japonezes que adquiriu as terras do referido Cel. Goulart. A minha assinatura, também, representando o Município, lá se acha, exarada. Foi advogado procurador da Prefeitura, o Dr. Alencar Silveira, na ausência do Dr. Quelroz Telles.

O reporter, então, indagou:

— E porque foi lavrada a escritura de compromisso e não definitiva?

— Justamente porque ficou estabelecido que a escritura definitiva seria recebida após a aprovação da doação por parte do Governo do Estado, por intermédio do Dept. das Municipalidades, respondeu o Dr. Cerávolo. E prosseguindo, acrescentou: «E afirmo que o processo relativo a esse assunto se acha em franco andamento no mencionado Departamento.»

O Reporter lançou outras perguntas:

— Qual a sua opinião sobre o futuro do «Bosque»? Será conservado? Será destruído ou doado ao Bispado?

— A meu ver, esclareceu-nos o nosso entrevistado:

do, logradouro público incluído à planta aprovada da cidade, de posse pública para mais de oito anos, com melhoramentos públicos, sendo última reserva florestal próxima à cidade, recanto adorável para onde foge a população nos dias de calor e em cujo «playground» as crianças de Prudente divertem e aspiram o ar purificado pelas árvores, deve o «Bosque Municipal», observado os preceitos legais, ser conservado, melhor tratado do que no meu governo, reforestado, com melhoramentos que em futuro possa se rivalizar com o de Campinas ou com o de Ribeirão Preto, grandes e adiantadas cidades que souberam reconhecer o valor de tal melhoramento. As suas árvores, aliás, constituem o remanescente da magnífica vegetação exuberante destas glebas, onde o paud'alho gigantesco, perobas, alancelras, e outras demonstrações da exuberância da nossa flora, mostrarão aos que nos visitam as puaças da abundância das nossas terras. E marco de bronze, em que serão inscritos os nomes dos primeiros bandeirantes prudentinos, como se estabeleceu na última festa dos veteranos da cidade, terá para todo o sempre o agasalho das queridas árvores do Bosque da Cidade.

E, como a hora já falta cidade, o reporter a ta cidade, o Dr. Herma no Gonzales Moura. Ao recém-chegado, os nossos votos de prosperidade e uma feliz estadia.

Piquerobí dentro em breve terá a sua elevação a Município

(Do nosso correspondente)

Regressaram da Capital Paulista, os Srs. José Silva, Dr. Erwin W. Campelo, Julio Bariani, Fabio Bertoco e João Corral, membros da Comissão pró Município de Piquerobí, onde foram tratar de assuntos referentes a elevação do Distrito de Piquerobí a Categoria de Município. Depois de entendimen-

tos com o Assistente do Governo, Dr. Adhemar de Barros, encaminharam ao Sr. Secretário da Justiça, um memorial descritivo, relatando to-

Sr. João Antonio Corral



A data de 16 do fluente, assinou o aniversário do Sr. João

das as aspirações do povo Piquerobiense.

Obelisco comemorativo

Por iniciativa da Comissão pró-Município de Piquerobí, vai ser construído na praça São Miguel, um obelisco come-

morativo, que marcará o início de sua campanha.

Médico

Fixou residência nesta cidade, o Dr. Herma no Gonzales Moura.

Assistência à Maternidade

MATERNIDADE E CASA DE SAUDE N.S. DAS GRAÇAS

Direção e Assistência Técnica direta do

Dr. Odilo A. Siqueira

ATENDE-SE PEDIDOS DE INFORMAÇÕES PELO CORREIO E TELEGRAFO

Modernas instalações cirurgicas. Peças, acessórios e material americano.

Conforto, higiene, limpeza e segurança!

Assistência à Maternidade

Operações - Hospitalização - Raios X
Telefone, 305

Cavalheiros
que mantem
a tradição...

PREFEREM

A
CAMISARIA
ROYAL



APEA de 4 a 1.

Carnaval

A cidade vive nos dias 7, 8, 9 e 10 sob o reinado de Mo-mo, com fraco movimento de rua e concorrida manifestação de alegria nos varios bailes promovidos por entidades locais.

Vila São Jorge

A Camara Municipal dá nova denominação á Vila Paraiso, a qual passa possuir o nome de Vila São Jorge.

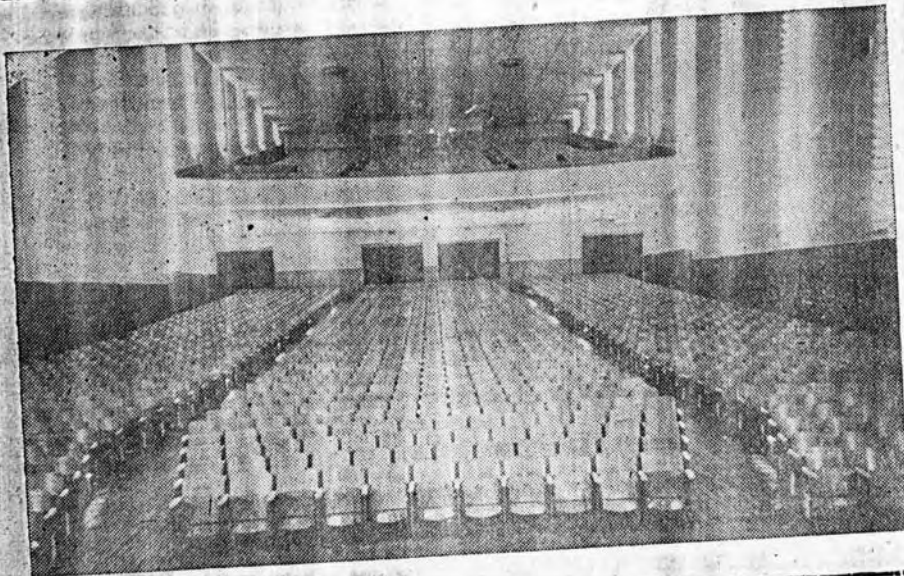
Dia 22, Apea 3 x Barretos 2 e Corinthians 3x Garça 1. Nos ultimos dias do mes, em amistososo, a Ferroviaria de Araraquara, bate os dois quadros locais pela identica contagem de 3 tentos a 0.

Inaugurado o Cine Presidente

No dia 3 é festivamente inaugurado o Cine Presidente, um dos maiores e mais belos do

Interior do Estado. Com essa inauguração, a nossa cidade foi dotada de sua terceira ca-

sa de projeção cinematografica, todas pertencentes á Empresa Teatral Pedutti.



MAGNIFICA VISTA DA

PLATEIA (NO PRIMEI-

RO PLANO) E DO «PUL-

MAN»: COM A CAPACI-

DADE PARA ACO-

LHER 2.400 PESSOAS.

INAUGUROU-SE SABBADO 28

BELEM & TUCHLER

TEM o prazer de communicar aos seus amigos e ao povo em geral de Presidente Prudente, que acaba de instalar nesta cidade um optimo bar, que tem a denominação de

BAR PAULISTA

onde encontrarão a qualquer hora do dia e da noite:

Cerveja Gelada, Bebidas finas, nacionaes e estrangeiras, Café, Leite, Bifes, Chocolate, Doces finos, Sandwichs, Pasteis, e outras gulodices especiaes.

Communicam tambem que annexo ao **Bilhar** para os apreciadores desbar, acha-se levantado um optimo se genero de diversão.

O serviço do Bar Paulista acha-se a cargo exclusivo de seus proprietarios, que promettem satisfazer condignamente a todos os seus amigos e freguezes.

Rua Ataliba Leonel, 56—Telephone, 45—PRESIDENTE PRUDENTE

Theatro Santa Emilia

Empreza: Francisco Lourenço — P. Prudente

O theatro moderno é o reflexo da vida dos povos cultos.

Os touristas, quando de passagem pelas grandes cidades do mundo, é ali que vão certificar-se da constituição psychico-social de cada povo.

Nós que residimos nesta grande cidade, quando amanhã sobreviver uma metamorphose politico-social que lançaria de facto as bases para a construção e edificação, uma coisa não preocupará os futuros constructores do Municipio: justamente: o attestado maximo da nossa civilisação: o Theatro Santa Emilia.

Esse marco estupendo ali surge nas suas linhas soberbas para atestar as primeiras conquistas da nossa solida cultura civica-social.

Quem deu esse passo de gigante?

Um Italo-Paulista: Francisco De Lorenzo, que não mediu atravez do tempo e do espaço, os sacrificios que toda a população desta cidade não pode deixar de attestar.

Francisco De Lourenço esse esforçado e grande cidadão, sempre deu prova do seu grande interesse pela cultura theatral desta cidade. Soubemos de fonte certa, que em breve estreará nesta cidade uma grande Companhia de Operetas que até agora só tem saído para dar espectaculos em Santos, Campinas e Ribeirão Preto. Lá fora, quando chegarem a saber que Companhias de Operetas exhibem-se em nossas ribaltas indubitavelmente dirão: — Presidente Prudente é uma grande cidade!

A didicação de F. De Lourenço ainda vai mais longe e o povo desta cidade não deve resgatar-lhe aplausos. Os ultimos acontecimentos funestos que prostraram na mais intensa dor a Patria dos italianos com a morte do seu heroico filho Carlo del Prete, foram projectados pelas Companhias Cinematographicas nas telas de todos os theatros do Rio, portanto, ainda nenhum desses filmes sahira da Capital da Pátria, mas o caso é ainda desta vez, o grande p do Santa Emilia, proporcionará a esta cultura o ensejo de assistir programmas que nenhuma cidade do interior tem preferencia.

Esta folha, cujo unico ideal é o engrandecimento desta terra proporcionará todo o seu apoio, a esforços para que P. Prudente dentro em pouco possa apresentar diante do consenço Nacional a tunica do trabalho que é o emblema do Progresso. Avante pois, obreiros da civilisação.

Segunda-feira

Caminhos do Noroeste

Drama de aventuras de Far-West com o actor boy Fred Church e uma comedia de

4.a feira — Um colossal film do Prudente

5.a feira —

Por Direito Divino

Transit

Sellos a

”

"de

„ de
Imposto

Импорт

11

"

"

"

Divide

Divida

Taxa J

Cofre d'

Fianças

Caixa 1
ManteMonte
Monten

Montep
Multas

Restitui

Respon

Revista

Diario

Terminou no dia 25 de

C'nieregatto.

Carnaval

Hoje - DOMINGO - Hoje

Às 4 horas da tarde

Grande Corso Carnavalesco acompanhado de
fanfarra e do barulhento
Zé Pereira.

Viva o Carnaval!

Partiu hoje a Caravana Demo-
te. Na hora do embarque o sr. Assis
ne as idéas da caravana, os jornalistas
enle gatico que tem a mais ansiosa
no civismo do Norte.
se fazia mister conjugar, encaminhar os de-
bros e sem amparo, que existe em outros
fim de que a vontade do povo prevaleça com
le, nos suffragios.
rminando:
nos até onde derem as nossas forças. Come-
or Pernambuco, percorrendo outros Estados,
pjecto de chegar até o Amazonas. No regresso
nos então na Bahia.

De Seguros de Paulo

nesta cidade o
Octaviano Gonçal-
Oliveira, antigo
e representante
do da importan-
Seguros de Vi-
Paulo».

Octaviano, que é
lgo e relaciona-
Sesta zona, tem
e continua rea-
ons seguros nesta
de gosa do me-
eito.

pela visita que
a fazer nos em
do seu filho
utico Octavio
de Oliveira, que
a passeio entre
conhecer esta
pretende fixar

Paulista

28 de Julho,
se nesta cidade,
Ozar Paulista, da
elem & Tuchler,
amento montado
amente e em con-
r, attender ao dis-
público com a mais
e promptidão e as-
ando de optimo
Ao de todos os ar-
eferentes ao ramo
eto.

Paulista está ma-
mento installado
dilas accomodações
Rentes reservados,
la, também um sa-
pédhres.
n Bar Paulista op-
arico nocturno, at-
g a qualquer hora
osodos os seus fre-
amigos.

annuncio que o
lista publica na
hoje, chamamos
o dos nossos lei-

Sociedade Allemã

Esta novel associação,
ainda em organização, ini-
ciou no Domingo transacto
as suas reuniões domin-
gueiras, na sua séde
provisoria, na Villa Eucly-
des, comparecendo gran-
de numero de exmas. fa-
milias e cavalheiros.

A novel sociedade que
tem por fim a cultura
physica e intellectual, de
seus associados, iniciou
naquelle dia os exercicios
gymnaesticos, literario se ar-
tisticos, terminando com
um animado Saran dan-
sante.

Agradecendo ao con-
vite feito a nós, almeja-
mos a distincta sociedade
brilhante successo e per-
feita harmonia de seus
associados para que tão
util Associação possa le-
var avante tão magnifica
e feliz idéa.

Futebol

Amanhã, domingo,
deverá realizar-se nes-
ta cidade, no campo
do Esport Club Ope-
rario, na Villa Mar-
condes, um renhido
torneio futebolistico en-
tre o quadro do club
local com o quadro do
Commercial Futebol
Club de Presidente
Wenceslau.

Segundo ouvimos vae
ser uma lucta interes-
sante, pois ambos os
quadros acham-se bem
treinados e contam com
bons elementos espor-
tivos.

colaborador dr. João Car-
los Fairbanks, que está
fazendo brilhantemente o
curso juridico na faculda-
de do Direito de S. Paulo.

O dr. João Fairbanks
encarregou-se da espi-
nhosa defeza de José Oscar
Alves, autor da morte do
Silvio Rocco.

O dr. Anacleto Barbo-
sa — promotor publico,
produziu vehemente ac-
cusação.

O dr. Fairbanks na
sua brilhante defeza estu-
dou o processo longamen-
te mostrando a sua solida
cultura juridica invocando
a favor do seu constituin-
te a derimento do art.
27 § 6.º do Codice Penal,
sendo o réu absolvido.

Daqui enviamos nossas
felicitações ao nosso pre-
sado collaborador pelo bri-
lhantismo da sua estréa
na tribuna juridica de
Santo Anastacio, reaffir-
mando a sua bella cultura
intellectual na arena fo-
rense.

CIRCO DE TOUROS

Estréa-se hoje nesta
cidade, a empresa tou-
romachica dirigida pe-
lo sr. J. Eugenio No-
grão.

O redondel acha-se
armado na Praça Car-
los de Campos, em fran-
te ao Theatro Cine.

Os artistas toureiros
foram contractados em
Jahu e as rezes a se-
rem lidadas vieram de
Matto Grosso e foram
escolhidas à capricho
pelo seu empresário.

Esse genero de di-
versões que de ha mui-
to estava em decaden-
cia no nosso Estado, e
mesmo condemnado pe-
las auctoridades, volta
agora de novo em acti-
vidade em diversos
pontos do Estado.

E' que o povo anda
desejoso de ver algu-
ma coisa mais emocio-
nante do que corridas
de automoveis pelo
centro da cidade.

Theatro Santa Emilia

Empresa:—Francisco Lourenço—P. Prudente

Este theatro que indiscutivelmente representa
orgulho da nossa cidade, vae entrar em uma no-
phase.

A empresa do esforçado sr. Francisco Lour-
determinou aparelhar-o de modo que a popula-
desta cidade possa apreciar espectaculos de lumbran-
mediante preços populares! As entradas de hoje
diante, obedecerão aos seguintes preços inalterav-
Camarotes, 6\$000; Poltronas, 1\$000; Galeria, 500.

A empresa tenciona fazer novos contractos
casas de films de S. Paulo, afim de que um dia
semana, opportunamente prestabelecido, possa-se ex-
bir um programma extra; de effeito empolgante. F
programma será levado aos seguintes preços: Cam-
tes, 10\$000; Poltronas, 2\$000; Galeria, 1\$000!

O Theatro Santa Emilia impõe-se pela sua co-
strução moderna e todos os requisitos de modelar c
de diversões.

O snr. Francisco Lourenço, o popular empres-
do nosso maximo theatro, não regatea esforços, p
que nesta cidade sejam exhibidos os maiores films
actualidade.

A actividade e o esforço do snr. F. Lourenço,
ainda mais longe.

De fonte digna de fé, estamos informados q
mesmo pretende fazer uma surpresa, pois está
combinação com uma grande companhia de oper-
da nossa Capital, que, em breve, pretende estre-
nesta cidade.

O nosso grande publico deve, pois, regosija-
porque em materia de diversões, a nossa cidade
na altura dos grandes centros.

Hoje Sabbado Hoje

O SELVAGEM

Drama em 7 partes de grande valor por BEN LY
MAY MAC AVOY — Formidavel film do PA. Ser-

Amanhã DOMINGO Amanhã

A Féra do Ma

Essa obra prima inimitavel deu o titulo
roso de "CLASSICOS DA TELA" a W

NER BROS. e immortalizou

JOHN BARRYMORE e DOLORES COSTE

Nunca um film impressionou tanto! Nunca
film agradou tanto! Nunca um film em-
nou tanto! Nunca um film será tão b
Nunca um film falou tão alto à conscien-
Nunca um film falou tão perto ao

DR. TITO BRASIL

ADVOGADO

Antigo Lárgo da Matriz n. 76
PRESIDENTE PRUDENTE

A proibição do ingresso e emprego de menores nos Theatros e Cinemas

De accordo com o Codi-
go de Menores, fica veda-
do o ingresso aos menores
de cinco annos nos theatros
e cinemas. O mesmo Codi-
go traz ainda disposições se-
veras sobre o ingresso de
menores em cinemas que
exibem «films» censura-
dos; sobre matinées infan-
tis sem autorização judicial;
sobre a representação de
menores em companhias de

cavallinhos, theatros e cine-
mas, havendo para cada in-
fracção multas pesadas, com
o dobro na reincidencia.

Para o bom governo dos
interessados, publicamos ho-
je o inteiro teor da Portaria,
expedida pelo m. Juiz
de Direito da Comarca, que,
de accordo com o Codigo de
menores, regulamenta a en-
trada e emprego de meno-
res nas casas de diversões.

Livros e Cadernos Escolares
Nesta Typographia

4.490 poltronas de Cinemas



Com quatro casas exibidoras em Presidente Prudente, existem atualmente 4.490 lugares, para o prudentino.

A firma "Prudencine, Ltda.", proprietária do Cine Ouro Branco, inaugurado em fins de 1965, possui 804 lugares.

Seguem-se os cinemas da Empresa Teatral Pedutti Ltda.: CINE PRESIDENTE, com 2.176 lugares; CINE JOAO GOMES, com 800 lugares e CINE FENIX, atualmente em reforma, com 710 lugares.

NOSSOS CINEMAS

Se o Cine Fenix estivesse em atividade paralizado que se encontra para reforma, teríamos em Presidente Prudente 4.490 poltronas de conforto aos fãs da arte da projeção. Contamos com o Cine Presidente, o maior com 2.175 lugares, seguido do Ouro Branco com 804, do Cine João Gomes com 800 e o Cine Fenix, até sua paralização, contava com 710 poltronas.

Contudo, mais cinemas caberiam em nossa cidade, o que se confirma com as longas filas que a juventude forma as primeiras sessões dos sábados e domingos, dando lugar aos mais velhos, já na segunda sessão, mas nem por isto menos concorrida.

Em Dezembro deste ano será Inaugurado em P. Prudente um dos Maiores Cinemas do País

Diretores de Grandes Empresas Cinematograficas virão a Presidente Prudente — Empregados na obra 30 milhões de cruzeiros aproximadamente — O maior da Empresa Pedutti e um dos maiores do País

Iniciadas em junho de 1953 as duas platéias: uma em de- verão ser concluídas em de- zembro deste ano as obras de um dos maiores cinemas do país, qual seja o Cine "Presidente", de nossa cidade. A construção cobre uma área de 1.768 m², onde foram empregados aproximadamente trinta milhões de cruzeiros.

OUTROS DADOS

O cinema será dotado de ar condicionado. Terá duas amplas salas de espera, iluminação indireta e ultra moderna. Estão sendo construí-

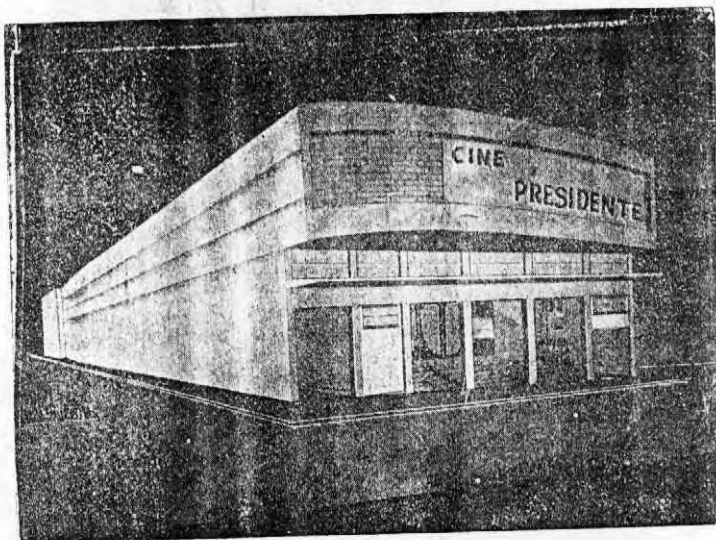
das duas platéias: uma em cima, especial e luxuosa, com 686 poltronas estofadas e reclináveis; outra em baixo, com 1.600 poltronas de madeira, mas modernas.

A tela só não supera a do cine Republica, de São Paulo, em tamanho, em toda a América do Sul, pois terá 26 metros de comprimento por 9 de altura, destinada aos filmes em cinemascope. Será dotado, ainda, com som estereofônico, moderníssimo.

INAUGURAÇÃO EM DEZEMBRO

Concluídas as obras, será

imediatamente inaugurado o cinema, com a pompa necessária, isto possivelmente ainda em dezembro próximo. De- Prudente, proprietários e diretores dos grandes circuitos certo estarão em Presidente do país.



Fachada principal do Cine Presidente, na Avenida Coronel Marcondes, cuja inauguração, em dezembro próximo, virá inegavelmente rejubilar nossa população que sentia a necessidade de uma sala de projeção mais confortável.

CAMPANHA CIVICA
VOTE — em candidatos contrários ao divórcio.
NÃO VOTE — nos divorcistas corruptores da família.
CONFEDERAÇÃO DAS FAMILIAS CRISTAS

Papeis, nacional e estrangeiro
para jornais, livros e revistas.
Papeis em geral.

INSTITUIÇÕES LOCAIS

Segundo nossa reportagem apurou na organizada seção de Estatística Municipal, Presidente Prudente possui as seguintes Associações: —

CLASSISTAS — Associação Comercial, Centro do Operariado Católico, Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Madeireira, Ass. dos Pecuáristas do Vale do Paranapanema, Ass. dos Cegos Laboriosos.

RECREATIVOS — Lider Clube, Aero Clube, Clube Recreativo de Assiz Machado, Primeiro de Maio Treze de Maio e numerosos clubes menores nos distritos.

RELIGIOSAS — Sociedades de S. V. de Paulo, Madre Beneditinas, Apostolado da Oração, Pia União das Filhas de Maria, Congregação Mariana, Irmandade do SS. Sacramento, Conferência Vicentina, Liga do Menino Jesus e Ass. N. S. de Fatima

CULTURAIS — Liga Estudantina de P. Prudente, Gremio do Ginásio do Estado, Gremio estudantino Getúlio Vargas, do Ginásio S. Paulo e Gremio Leonardo Ceravolo, da Escola Comercial Dr. J. Murinho, Sociedade Amigos da America e Rotary Clube.

DESPORTIVAS. — Associações Prudentina de Esportes Atleticos (APEA) Ass. Atletica Bancaria, Tennis Clube de P. Prudente, Esporte Clube Independente, Ass. A. de Pirapozinho, Paulista F. C. e Bandeira F. C., estes dois de Alvares Machado, etc.

ASSIST. SOCIAL — Ligação Brasileira. Conferência Vicentina, Ass. de Proteção à Infancia.

COOPERATIVAS — De Presidente Prudente e filial da "Agrícola de Cotia".

Em Indiana

A "Companhia Cima" e suas firmas associadas, com sede em Indiana, a bela e florescente cidade, nossa vizinha, chama a atenção dos nossos presados leitores para as interessantes sugestões e ofertas que fazem no capa deste numero.

Indiana, novo e prospero distrito da alta sorocabana, que já faz jus á sua elevação a municipio, aliás sonho doirado de seus illustres habitantes, muito tem se beneficiado com a instalação de algumas industrias e otimas firmas comerciais, dentre as quais é justo destacar-se a Companhia Viação Mato Grosso e a Companhia Cima, cujas organizações, abrangendo diversos campos de atividade, ali aplicaram enormes capitais e introduziram melhoramentos que mais ainda honram a pequena e graciosa localidade.

EM PRES. PRUDENTE:

existem 15 farmacias, 11 bancos, 20 advogados, 40 médicos, 25 dentistas e 40 contadores ou guarda-livros.

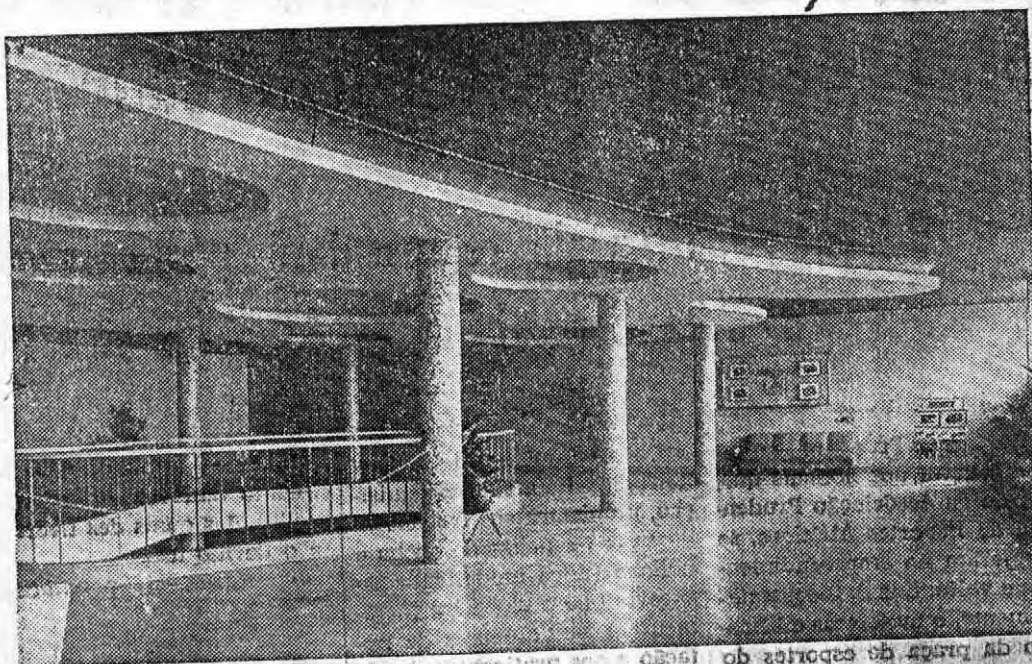
CINE JOÃO GOME



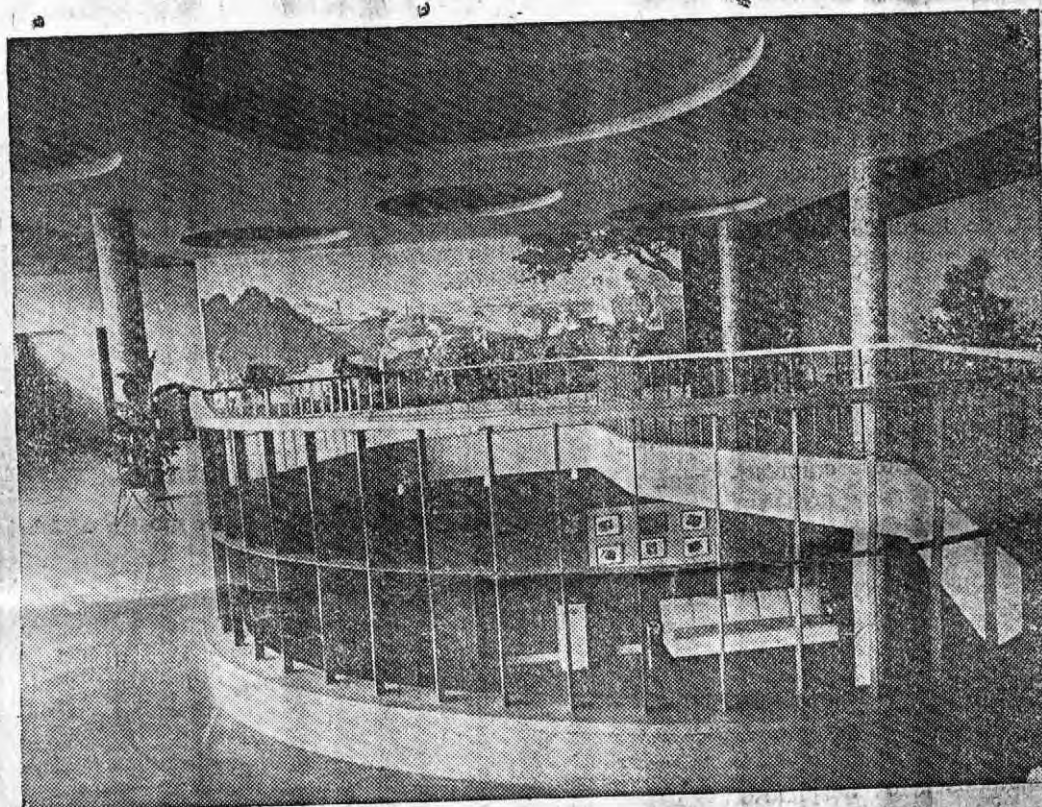
Aspecto da imponente fachada do moderno cinema hoje interiramente remodelado, de propriedade da Empresa Pedutti, de Botucatu.

Esta confortavel casa de diversões, que abriga hoje alguns milhares de espectadores, localizada em P. Prudente, desde 9 de Julho, exhibe diariamente ottimos filmes e todas as novidades mais recentes.

A Empresa Pedutti, mantem cinemas ainda nas seguintes cidades do Estado — Baurú, Botucatu, Lins, Ranchos, Ourinhos, Santa Cruz do Rio Pardo, Avare, Marília, Tupy, Jau, Promissão, Penapolis, Birigui, Araçatuba. É seu gerente nesta cidade o esforçado e dedicado Alcides Simões.



Angulo de visão do "hall" do andar superior, do Cine Presidente, donde se pode notar, no teto fixo pelos pilares de concreto, aberturas ovais por onde jorra a luz indireta.



Flagrante feliz do acesso ao andar onde está localizado o "pulman" do majestoso Cine Presidente

a Vara,
diende;
a Vara,
Junior;
r. Anto-
vice-Pre-
Promo-
ara, dr.
enteado;
a Vara,
a Vilas
onal de
Severi-
Adjunto
de Aze-
gado Re-
r. Arthur
Delegado
tura, dr.
gado Re-
con, nica
P. Gar-
onal da
Ribeiro
lo Regio-
Valentim
gional do
Alves



"Hall" de entrada do Cine Ilresidente, espelho real da Imponente Casa de Espetáculos da firma Pedutti.



Sala de espera do pavimento superior, onde a sobriedade da parte reservada às poltronas contrasta de maneira admirável com o arrôjo das linhas que lhe ficam à frente. Flagrante feliz do acesso ao andar onde está localizado o "pulman".